



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO
CONHECIMENTO**



CLAUDIA TERESINHA STOCKER

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DE
LEITORES NA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE – PROJETOS
IMPLANTADOS DE 2007 A 2018**

**SÃO CRISTÓVÃO
2019**

CLAUDIA TERESINHA STOCKER

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DE
LEITORES NA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE: PROJETOS
IMPLANTADOS DE 2007 A 2018**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação e do Conhecimento.

Orientadora: Prof. Dr^a Janaina Fialho

**SÃO CRISTÓVÃO
2019**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

Stocker, Claudia Teresinha.

S864a

A arte de contar histórias como ferramenta na formação de leitores na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe : projetos implantados de 2007 a 2018/ Claudia Teresinha Stocker. Orientadora Profa. Doutora Janaína Fialho. - São Cristóvão, 2019.
113 f. : il.

Dissertação (mestrado profissional em Ciência da Informação) –
Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da
Informação, 2019.

1. Contação de histórias. 2. Formação de Leitores. 3. Biblioteca Pública. 4. Biblioteca Pública Infantil de Sergipe. I. Fialho, Janaina, orient. III. Título.

CDU: 37.41

CDD: 372.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

A Arte de contar histórias como ferramenta na formação de leitores na Biblioteca Pública
Infantil de Sergipe – Projetos implantados de 2007 a 2018

CLAUDIA TERESINHA STOCKER

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação e do Conhecimento.

Avaliação: _____

Data da defesa: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a Janaina Fialho
(Orientadora)

Profa. Dr^a Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque
(Membro Convidado- Externo)

Profa. Dr^a Valéria Aparecida Bari
(Membro convidado- Interno)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, autor da vida e todas as coisas. Aos meus pais Sady Stocker (in memoriam) e Leoni Stocker, pela educação que me proporcionaram durante a vida. Aos contadores de histórias de Sergipe, que despertaram o meu interesse pelo tema.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a minha orientadora professora Janaina Fialho por dividir seu precioso conhecimento, por todo o incentivo e paciência em momentos de angústia e criação.

A todos os professores e colegas dessa instituição.

Aos contos e histórias infantís que me inseriram no universo literário desde a mais tenra idade.

Às histórias que meu pai contava e embalavam meu sono na hora de dormir. Aos contos infantís que fizeram parte da minha infância, quando por horas a fim, eu escutava os disquinhos na vitrola e acompanhava no livro página por página.

A minha amiga e colega de profissão Maria Sonia Santos Carvalho que foi quem me proporcionou a possibilidade de estar como gestora da Biblioteca Infantil durante este período tão especial de aprendizado e crescimento profissional, onde pude me aproximar da oralidade através das histórias e da literatura fantástica existente nos livros infantís.

Ao Professor Luiz Alberto dos Santos (in memoriam), Secretário de Estado da Cultura, que me deu a oportunidade de ingressar no universo das bibliotecas públicas e que por elas, teve um olhar especial no período em que estive frente àquela pasta. Aos demais secretários que passaram pela SECULT no período de 2007-2018, pelo apoio dado as ações e projetos descritos neste trabalho.

Aos contadores de histórias que conheci, estes encantadores do Era uma Vez...que fazem parte da minha vida e que me inspiram a cada dia.

“Histórias são únicas, assim como as pessoas que as contam, e as melhores histórias são aquelas cujo final é uma surpresa”.

Nicholas Sparks

RESUMO

A proposição de estudo sobre a contação de histórias como ferramenta na formação de leitores em bibliotecas públicas, mais especificamente em Bibliotecas Infantis, objetivou o presente trabalho de modo a mostrar que ações permanentes e bem coordenadas, podem contribuir para o uso constante das bibliotecas públicas, que são vistas até hoje, pela maioria da sociedade, como depósito de livros velhos. Porém a realidade da biblioteca pública do século XXI vai de encontro aos antigos rótulos. A biblioteca hoje pode ser vista como um polo cultural a serviço da comunidade na qual está inserida. Trazer para as páginas deste estudo o fazer da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018, é deixar o registro histórico de um período onde a biblioteca mais esteve em evidência, tornando-se um referência no Estado e fora dele. Sob a gestão de um profissional Bibliotecário e com a implantação de projetos permanentes de incentivo a leitura, a biblioteca infantil mostrou que o espaço Biblioteca Pública pode contribuir com o desenvolvimento do potencial criativo e crítico das crianças, professores, servidores e demais frequentadores do espaço. A contação de histórias e mediação de leitura são atividades transformadoras que despertam no público adulto e infantil o gosto pela literatura e o contato permanente com os livros.

Palavras-chave: Biblioteca Infantil; Biblioteca Pública Infantil de Sergipe; Contação de Histórias; Mediação de Leitura; Bibliotecário-Gestor.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to show that a study on Storytelling as a tool for the training of readers in public libraries, specifically in Children's Libraries, aimed to show that permissive and well-coordinated actions can contribute to the constant use of public libraries, which are seen until today, by the majority of the society, like deposit of old books. But the reality of the public library of the 21st century goes against the old labels. The library today can be seen as a cultural hub serving the community in which it is embedded. To bring to the pages of this study the making of the Children's Public Library of Sergipe from 2007 to 2018, is to leave the historical record of a period where the library was most evident, becoming a reference in the State and abroad. Under the management of a professional librarian and with the implementation of permitting projects to encourage reading, the children's library showed that the Public Library space can contribute to the development of the creative and critical potential of children, teachers, employees and the people who was going to that space. Storytelling and reading mediation are transformative activities that awaken in the adult and children, the taste for literature and the permanent contact with books.

Keywords: Children's Library; Sergipe Children's Public Library; Storytelling; Mediation of Reading; Librarian-Manager.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Conhecimento prévio da Biblioteca Infantil.....	69
Gráfico 2	Trabalhou com ações de leitura com crianças	70
Gráfico 3	Dificuldades em aprender alguma atribuição	70
Gráfico 4	Como era para você o ambiente da Biblioteca Infantil.....	71
Gráfico 5	Nível de aprendizado dos ex-estagiários	73
Gráfico 6	Poder transformador das Bib.infantil na vida das pessoas..	74
Gráfico 7	Ouiu falar antes da Bibliotea Infantil	79
Gráfico 8	Como era o ambiente da Biblioteca Infantil	80
Gráfico 9	Nível de satisfação em participar das ações	81
Gráfico 10	Atividades na Biblioteca	82
Gráfico 11	Período que frequentava a Biblioteca	83
Gráfico 12	Série dos alunos frequentadores	84
Gráfico 13	Presença de espaços próprios na escola	85
Gráfico 14	Caracterização das escolas	86
Gráfico 15	Como era o ambiente da Biblioteca Infantil.....	86
Gráfico 16	Nível de satisfação dos professores	87
Gráfico 17	Importância da frequência	88

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 01	Frequencia anual de pessoas	64
Tabela 02	Empréstimo de livros	66
Tabela 03	Novos Cadastros realizados	67
Quadro 01	Coleta de Dados	52
Quadro 02	Análise SWOT da Biblioteca Infantil	60
Quadro 03	Projetos Permanentes realizados na Biblioteca	61
Quadro 04	Respostas dos Ex-estagiários	77

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Entrada da Biblioteca Infantil	57
Figura 2	Contação de Histórias na Semana Monteiro Lobato	65
Figura 3	Ganhadora do Projeto Leitura Premiada	66
Figura 4	Estagiários contando histórias	73
Figura 5	Livros comprados com o Premio Valeu Biblioteca!	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
DCI	Departamento de Ciência da Informação
IFLA	Federação Internacional e Associação de Bibliotecários e Instituições
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
CDU	Classificação Decimal Universal
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (Sergipe)
SECULT	Secretaria de Estado da Cultura (Sergipe)
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1	Origem da oralidade narrativa e os contadores de histórias	23
2.2	Gêneros Literários voltados para a Infância	29
2.2.1	Poesia e Parlenda	29
2.2.2	Contos de Fadas e Contos Populares.....	32
2.2.2.1	<i>Contos de Perrault</i>	33
2.2.2.2	<i>Contos de Grimm</i>	33
2.2.2.3	<i>Contos de Andersen</i>	34
2.2.2.4	<i>Conto Popular</i>	35
2.2.3	Mitos	36
2.2.4	Fábulas	36
2.2.5	Lendas	38
3	A MEDIAÇÃO DE LEITURA	39
3.1	O contador de histórias	42
3.2	A Biblioteca Pública Infantil e seu papel na formação de leitores	45
4	METODOLOGIA	51
4.1	Etapas da Análise dos dados	54
4.1.1	Categorias	54
4.1.2	Codificação	55
5	CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE	57
5.1	Análise SWOT	59
5.2	Projetos Permanentes desenvolvidos na Biblioteca Infantil	61
5.3	Estatísticas de uso da Biblioteca	64
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	68
6.1	Ex-estagiários	68
6.1.1	Aprendizado adquirido e sua interferência na vida profissional.....	74
6.1.2	Fatos Marcantes para os ex-estagiários	77
6.2	Contadores de Histórias	79
6.3	Professores frequentadores	83
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	91
	Apêndice A – Questionário aplicado aos Contadores de Histórias	96
	Apêndice B - Questionário aplicado aos ex-estagiários	97
	Apêndice C - Questionário aplicado aos professores	98

Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecedor	99
Apêndice E – Capa do livro publicado	100
Apêndice F – Sumário do livro publicado	101
Apêndice G – Verso da folha de rosto do livro publicado	102
Apêndice H – Convite para o lançamento do livro	103
Anexo 1 – Reportagem de Jornal (Férias na biblioteca)	104
Anexo 2 – Reportagem de Jornal (Biblioteca Infantil Semana Especial)	105
Anexo 3 – Reportagem de Jornal (Dia do Livro Infantil)	106
Anexo 4 – Reportagem de Jornal (Carnaval na Biblioteca Infantil)	107
Anexo 5 – Reportagem de Jornal (Semente da Leitura)	108
Anexo 6 – Reportagem de Jornal (43 anos da Biblioteca)	109
Anexo 7 – Reportagem na WEB (40 anos da Biblioteca)	110
Anexo 8 – Reportagem na WEB (Programação de Novembro)	111
Anexo 9 – Reportagem na WEB (Lançamento de Livro GACC) ...	112
Anexo 10 – E-mail agradecimento doação de livros BICEN	113

1 INTRODUÇÃO

As ações que estimulam o hábito da leitura nos equipamentos culturais, principalmente em bibliotecas públicas, o conhecimento dos diferentes tipos de fontes informacionais e a forma como esta leitura é apresentada para a criança, são fatores que influenciam o aprendizado no decorrer da vida. Ler e contar histórias são formas de desenvolver o gosto e o hábito da leitura, de instigar a fantasia que desperta o universo literário dos contos na infância, incentivando desta forma, aspectos que dizem respeito ao seu potencial criativo e crítico.

Assim como se refere Machado (2004) os contos milenares são guardiões de uma sabedoria que atravessa gerações e culturas. São personagens que ultrapassam obstáculos e provas, enfrentam o medo, o fracasso, encontrando o amor, a tristeza e alegria, a morte, a felicidade, para se transformarem ao final da história em seres diferentes e melhores do que no início dos contos.

A contação de histórias é uma arte milenar ligada à essência do ser humano, pois as narrativas tradicionais expressam através do imaginário as verdades mais profundas da vida. As histórias têm poder transformador e despertam para o universo do era uma vez...e viveram felizes para sempre. Neste trabalho procurou-se buscar referências em renomados autores da Literatura Infantil dando ênfase ao trabalho dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca, Perrault, La Fontaine e Esopo, que são referências em todo o mundo, a base e o início da propagação dos contos e fábulas que encantam adultos e crianças até hoje. Um estudo que fortalece o interesse renascente pelo mundo dos contos de fadas ou da literatura maravilhosa dos mitos, arquétipos e símbolos que, surgindo na origem dos tempos, transformou em linguagem as “mil faces” da aventura humana e a eternizou no tempo.

Quando se ouve um conto literário, tem-se uma experiência única, pois cada um de nós, no instante da narração, faz sua construção no imaginário. Essa construção pode ser organizada fora do tempo da história cotidiana vivenciada por nós, no tempo do “era”. Para Machado (2004), a história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou leitor. “Era uma vez” quer dizer que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico – fora do tempo – com o presente único – no tempo – daquela pessoa que a escuta e a presentifica “e viveram felizes para sempre”, que nos faz acreditar que chegou ao final da história.

A iniciação na tenra idade, para se criar o gosto e hábito da leitura no público infantil, ajuda a vencer a problemática dos estudantes que não gostam de ler, pois a leitura é

fundamental no processo de desenvolvimento da criança. O gosto literário da criança pode ser estimulado desde a primeira infância (0 a 6 anos) como brincadeira através de livros sonoros e táteis. A criança nesta fase é muito visual e as cores e formas têm o poder de atraí-las pela ludicidade. É neste período que o ser humano se desenvolve psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no seu comportamento e na aquisição das bases da sua personalidade.

As crianças que não leem, não ouvem ou não enxergam, e até mesmo aquelas que não têm acesso aos livros, não podem ficar alheias ao universo literário. É em ambientes como bibliotecas, livrarias ou até mesmo em casa, que meios de as inserir no contexto literário poderá existir, seja através da leitura de um livro com sons e imagens ou através da contação oral de uma história. A leitura inclusiva deve fazer parte da vida cotidiana das crianças com deficiência sempre.

Segundo Ferreira (2007, p. 9), o Referencial Curricular da Educação Infantil diz que “a leitura de histórias é um instrumento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”.

Muitas experiências em bibliotecas, salas de aula, praças, hospitais, creches, asilos e rodas de leitura nos mostram que a tradição oral tem um grande papel de disseminadora de informação, cultura e conhecimento. Desta forma, além de acreditar no poder da história, na magia e atração que exerce o contador sobre seus ouvintes, muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser encantadora, recreativa, educativa, instrutiva, afetiva – amplia os horizontes, estimula a criatividade criando hábitos, desperta inúmeras emoções e valoriza os sentimentos - e física, pois ajuda e é muito importante na recuperação de crianças enfermas e hospitalizadas. Vale salientar também que, estimula a socialização, desenvolve a atenção e a disciplina.

Quem não ouviu falar de Sherazade, Dona Benta e Tia Nastácia? Personagens que personificaram a figura dos contadores de histórias na literatura infantil, seres místicos capazes de seduzir a plateia pela arte da palavra transmitida através da voz suave e dos gestos.

Em meio a tantas diversidades tecnológicas, este trabalho de pesquisa se faz necessário para mostrar que a tradição oral ainda é uma forma de estimular a sensibilidade das crianças, seja em escolas, bibliotecas, hospitais, ou até mesmo em casa, onde quer que elas possam alimentar sua imaginação, pois acredita-se que a liberdade de imaginar que as histórias oferecem, seja um dos fortes motivos de prazer e de satisfação que elas proporcionam.

Vale esclarecer também que a oralidade não despreza a escrita, e sim, uma forma enriquece e complementa a outra. Imagina-se que a história narrada oralmente pode ser lida,

dramatizada, ilustrada, filmada, ou seja, representada de várias maneiras que dialoga com as várias linguagens culturais. Quanto mais formas são dadas ao lido, mais capacidade de interpretação e compreensão podem ser alcançadas pelos leitores.

Este trabalho busca entender porque na contramão da aceleração tecnológica dos dias atuais, ainda é possível contar com espaços, a exemplo das bibliotecas, onde se possa ouvir e contar histórias, e como este tipo de vivência literária influencia na formação de novos leitores, criando o gosto e hábito da leitura naqueles que desde cedo, já estão em contato com o mundo fantástico dos contos de fadas. É importante destacar o papel do profissional bibliotecário neste processo enquanto mediador da informação e da leitura, enquanto mediador cultural, além do seu papel como gestor de espaços que desenvolve projetos voltados ao desenvolvimento da cultura na infância.

É por isso que o bibliotecário de unidade informacional infantil tem uma função primordial na transformação desse espaço, tornando-o aprazível, alterando quadros negativos, superando dificuldades, pois esta contribuição é imprescindível para a promoção do gosto em frequentar bibliotecas, principalmente as públicas que, ainda hoje, carregam o estereótipo de depósito de livros.

A informação, desde os primórdios da civilização, é a matéria prima do processo de desenvolvimento do homem e das nações. Hoje, mais do que nunca, a capacidade de obter informação e gerar conhecimento é um fator fundamental na sociedade contemporânea, onde informação é poder. No entanto, cada vez mais crescem as diferenças sociais e econômicas entre os que possuem informação e aqueles que estão destituídos do acesso a ela. Dentro deste contexto, cabe à biblioteca pública atuar, como instituição democrática por excelência, e contribuir para que esta situação não se acentue ainda mais e que a oportunidade seja oferecida a todos. Assim, a biblioteca pública deve assumir o papel de centro de informação e leitura da comunidade com esse objetivo (BIBLIOTECA, 2010, p. 17)

Dessa forma, tem-se o seguinte problema de pesquisa: Como a biblioteca pública, através de projetos permanentes, pode tornar-se ambiente propício à formação de leitores? Através da história contada ou narrada, em suas diversas modalidades, desde a encenação teatral até o uso de pequenos recursos visuais, como indumentária de personagens e objetos referentes ao tema, a literatura pode ser oferecida como atividade lúdica ao público infantil.

Como objeto principal do presente estudo apresenta-se a Biblioteca Pública Infantil de Sergipe, unidade da Secretaria de Estado da Cultura, inaugurada em 29 de outubro de 1974 como Setor Infantil da Biblioteca Pública Epifânio Dória. Em 1985, no governo João Alves Filho, a biblioteca foi desvinculada da Epifânio Dória e recebeu o nome de “Biblioteca Infantil Aglaé d’Ávila Fontes de Alencar”, tornando-se uma unidade independente de gestão. Criada

para atender ao público infantil da capital e demais cidades do interior do Estado, a unidade cultural trabalhou de 2007 a 2018 com diversos projetos, disponibilizando à comunidade ações culturais com foco em seu público alvo, oferecendo espaço atrativo e prazeroso que cumpre o papel social da biblioteca pública.

Está localizada em Aracaju/SE no bairro 13 de Julho e funciona das 8h às 17h, de segunda a sexta-feira. Seus gestores anteriores foram:

1. Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar - Período: 1976 a 1978 - Coordenadora
2. Ubaldina Rodrigues Matos - Período: de 1979 a 1982 - Coordenadora
3. Maria Angélica Góes de Carvalho - Período: 1982 a 1989 – Coordenadora e Diretora
4. Altamira Correia Costa - Período: 1990 a 1994 - Diretora
5. Lenora Edlweiss Fontes de Alencar - Período: 1995 a 1999 - Diretora
6. Carlos Alberto Freire de Almeida - Período: 2000 a 2001 - Diretor
7. Gilson S. Anchieta - Período: 2000 a 2002 - Diretor
8. Dionéia Patterson - Período: 2002 a 2006 – Diretora
10. Claudia Teresinha Stocker: 2007 – 2018 – Diretora (Bibliotecária)

Nota-se que, a princípio, a Biblioteca Infantil teve coordenadores, já que foi criada como o Setor Infantil da Biblioteca Pública Epifânio Dória. Quando foi desmembrada e passou a ser uma unidade independente da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), os responsáveis por sua gestão passaram a ter a nomenclatura de diretores. Em 2019, a SECULT foi extinta e as Bibliotecas Públicas Estaduais passaram para a pasta da Secretaria de Educação, do Esporte e da Cultura (SEDUC).

Até o final de 2018 teve em seu quadro funcional uma servidora pública que exercia atividades administrativas, auxiliar de biblioteca e contadora de histórias, uma estagiária do Curso de Teatro (UFS), duas estagiárias de nível médio (Rede Estadual de Ensino), uma funcionária terceirizada de Serviços Gerais, uma funcionária terceirizada como contadora de histórias e uma Bibliotecária, especialista em Gestão da Informação na função de Diretora.

Seu acervo consta de 11 mil livros entre literatura infantil, infanto-juvenil, paradidáticos, coleções, entre outros tipos de literatura para crianças e jovens, todos inseridos em base de dados. Possui também a única Gibiteca do Estado com acervo de 4.500 histórias em quadrinhos das décadas de 1960 até os dias atuais com mangás, fanzines e clássicos da literatura em formato de quadrinhos. O acesso às estantes é livre, onde o leitor pode ter a

liberdade de escolher o livro que melhor atende suas necessidades de leitura e realiza empréstimo domiciliar.

Sua proposta é oferecer múltiplas possibilidades de leitura, entretenimento e pesquisa ao público infantil e juvenil, levando-os a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo; bem como contribuir para a formação de leitores, incentivando o hábito de leitura entre as crianças, a fim de estimular a imaginação criadora e a prática do exercício da cidadania.

Mensalmente desenvolvia atividades não só para crianças e adolescentes, mas para a sociedade como um todo, com o objetivo de aproximar a criança do livro e da leitura, recebendo turmas de escolas públicas e privadas da capital e interior do estado, creches e abrigos, crianças especiais e de entidades filantrópicas, para atividades de incentivo a leitura, oficinas, exposições, contações de histórias, teatro, recreação, entre outras.

Seu público alvo consta da comunidade em geral, professores, estudantes, crianças do bairro e adjacências na busca de informações, entretenimento, empréstimo de livros, visitação e participação da programação mensal.

O primeiro projeto criado na Biblioteca Infantil foi o Projeto 1, 2, 3... Era uma vez, desenvolvido de julho de 2007 até dezembro de 2018. O projeto conseguiu excelentes resultados no que diz respeito ao incentivo a leitura como desenvolvimento social em crianças e adolescentes na faixa etária de 3 a 14 anos, procedentes em sua maioria de escolas públicas estaduais e municipais de Sergipe, além de outras assistidas por instituições de apoio a crianças carentes no Estado. O objetivo maior do projeto foi oferecer múltiplas possibilidades de leitura, entretenimento e pesquisa ao público infantil e juvenil, levando-o a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo, através da narração de histórias, teatro de fantoches, exposições, oficinas de artes, desenho e pintura, concursos e outras atividades culturais e de inclusão social.

Mensalmente a biblioteca disponibilizava uma vasta programação com atividades voltadas a comunidade em geral e escolas, através da abordagem de datas comemorativas importantes e temas transversais. A metodologia de divulgação utilizada eram as redes sociais, e-mails cadastrados e os veículos de comunicação.

Grupos de contadores de história eram convidados frequentemente para participar das atividades da biblioteca. Em cada momento das contações, observava-se nas crianças os olhinhos fitos nos personagens, a magia que eles exercem sobre a plateia que, atenta, viajava pelo mundo da imaginação através dos contos e das histórias.

Segundo Gustavo Muniz, contador de história que participou de algumas atividades na biblioteca infantil, em entrevista concedida à Aperipê TV (Sergipe):

A criança por ser um ser essencialmente sensível, não está ainda com a mente repleta de pensamentos de competição, do egoísmo que caracteriza a sociedade hoje. E para o contador é um momento de retornar a infância, nos momentos de inocência e pureza, que tanto servem para nos guiar na vida, e servir de referencial para os valores que pretendemos cultivar e aprimorar cada vez mais (APERIPÊ TV, 2007)¹.

Já a escritora Maria Telma Costa, de Sergipe, tornou-se uma contadora de história no momento em que sentiu a necessidade de passar oralmente suas histórias para as crianças que não sabiam ler. Em programa especial gravado pela Aperipê TV (Sergipe) sobre contação de histórias, Telma disse: “Primeiro eu comecei lendo o livro, mas descobri que a leitura cansa a criança, então procurei ampliar meus conhecimentos na arte de contar histórias, usando outros recursos para encantar as crianças” (Era uma Vez, Especial Aperipê TV, abril 2009)².

É desta forma que as atividades foram desenvolvidas na Biblioteca Infantil no referido período, atingindo cada vez mais crianças da capital e interior do Estado. É através dos livros e das histórias que cidadãos críticos, conscientes e formadores de opinião serão formados, abrindo horizontes ao desafio de ir além do real.

Cavalcanti (2004) demonstra que ao ouvir ou ler uma história, a criança vai dando corpo à fantasia, criando imagens que não têm forçosamente de ser iguais às do colega. E porque é que ela não pode inventar um mar cor-de-rosa, uma árvore azul com maçãs amarelas, um céu colorido ou um bicho papão bonzinho, barrigudo, com olhos grandes e voz doce? O adulto muitas vezes tem a tendência de impor à criança a sua visão de mundo, esquecendo que ela é bem diferente.

Segundo a professora, escritora e folclorista sergipana Aglaé D’Ávila Fontes em entrevista à Aperipê TV: “o escritor de literatura infanto-juvenil tem que ter uma identidade própria, compreender muito como é o imaginário da criança para poder escrever para ela”. (Era uma Vez, Especial Aperipê TV, abril 2009). E continua na mesma entrevista:

O livro que é bom serve para o adulto e serve para a criança. Mas tem coisas que se deve escrever especificamente para crianças por atender estas características de desenvolvimento, imaginário, de ser uma leitura mais provocativa, pois é um começo de conquista, ela tem que ter um prazer, provocar uma descoberta, provocar este imaginário na criança para que ela fique sendo um leitor permanente, porque senão, é apenas uma fase passageira (Especial Era uma Vez, Aperipê TV, abril 2009).

¹ Transcrição da fala de Gustavo Muniz, contador de histórias de Minas Gerais em entrevista à TV Aperipê. (Jornal Aperipê) na participação da primeira contação de histórias realizada pela Biblioteca Infantil em 2007.

² Especial Era uma vez gravado pela Aperipê TV com a Escritora e Contadora de Histórias Maria Telma Costa integrante do Grupo Prosarte de Contadores de Histórias. Aborda a temática da Contação de História em bibliotecas e hospitais e teve como cenário a Biblioteca Infantil.

Desta forma percebe-se que, para se conquistar a criança e transformá-la em um futuro leitor é preciso que se tenha uma relação prazerosa com o livro infantil, onde o imaginário se mistura numa realidade única, e a leve a vivenciar as emoções em parceria com os personagens das histórias, introduzindo assim situações da realidade. Assim, Abramovich enfatiza:

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar no coração. Pois é ouvindo, sentindo e enxergando com os olhos da imaginação que é possível descobrir o eu interior (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

As ações desenvolvidas na Biblioteca Infantil procuravam promover o gosto e hábito da leitura, tornam o espaço valorizado pela comunidade. Desta forma, acredita-se ser através de projetos e ações de incentivo à leitura em bibliotecas, que se pode desde cedo, despertar nas crianças um interesse maior para explorar o mundo mágico da leitura, pois a literatura infantil é fundamental para a formação da criança. Ouvindo histórias, crianças e adultos podem apresentar reações que manifestam seus interesses revelados ou inconscientes e conseguem vislumbrar nas narrativas, soluções que amenizam as tensões do dia-a-dia. Este poderá ser o primeiro passo para que mais tarde a criança se torne um grande leitor, amante dos livros e da leitura.

Ter a biblioteca pública como força educativa aliada na busca do conhecimento e como ferramenta importante no processo de formação de leitores é desafiador e ao mesmo tempo demonstra o poder que o acervo literário tem de despertar no usuário o desejo de descobrir o que há no interior de cada livro, decifrar cada linha e cada parágrafo, folhear páginas e páginas, mergulhar nas fantasias e imagens, geralmente existe nas crianças desde a mais tenra idade. E como afirma a coordenadoria do Sistema Nacional de Bibliotecas públicas (BIBLIOTECA, 2010), a biblioteca pública é o espaço privilegiado do desenvolvimento das práticas leitoras, e através do encontro do leitor com o livro forma-se o leitor crítico e contribui-se para o florescimento da cidadania.

O escritor Monteiro Lobato, precursor da literatura para crianças no Brasil, preconizou em vários momentos de seus textos teóricos o contato das crianças com o livro desde a primeira infância e que a falta de interesse de muitos adultos pela leitura, especialmente a literária, têm origem exatamente nesse momento da formação, porque, possivelmente, não

lhes foi concedido na infância o encontro com livros que despertassem a imaginação e os cativassem para a experiência leitora.

Existem muitas barreiras impostas à leitura, porém se exercitar atividades lúdicas como a contação de histórias que desperte na criança a vontade de explorar o desconhecido através da imaginação dos contos, será possível sim, formar uma geração de pequenos leitores, preparados para enfrentar o mundo no qual estão inseridos.

O trabalho foi dividido em tópicos que abordarão em primeiro momento a revisão de literatura sobre os gêneros literários voltados a infância, o poder transformador das histórias na formação do futuro leitor e a importância da contação e leitura na vida das pessoas. Logo a seguir, demonstraremos através das ações realizadas pela Biblioteca Pública Infantil de Sergipe através de seus projetos permanentes e gestão profissional, que uma biblioteca dinâmica e viva pode fazer a diferença. Quanto à abordagem a pesquisa pode ser classificada como qualitativa e teve como intervenção a publicação de um livro técnico- científico sobre a importância da contação de histórias como ferramenta na formação de leitores nas bibliotecas públicas, em particular as infantis, abordando também, os projetos e ações que foram desenvolvidos na Biblioteca Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018.

O objetivo geral da pesquisa é mostrar a importância da contação de histórias enquanto ferramenta incentivadora da leitura, realizada através de projetos permanentes e sob a gestão de profissional bibliotecário. São objetivos específicos: traçar o perfil da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe enquanto equipamento cultural, demonstrando sua importância para as unidades de ensino (sobretudo as públicas) e para os professores envolvidos nos projetos; explorar o lúdico como forma de potencializar a formação de leitores; demonstrar o potencial do bibliotecário como mediador educativo no processo de formação de leitores e potencializar a contação de histórias como etapa importante no processo de formação de leitores em bibliotecas.

Considerando a relevância da literatura infantil no processo de letramento das crianças e a contação de histórias como ferramenta neste processo, torna-se imprescindível reconhecer o papel das bibliotecas enquanto provedoras destas ações. Justifica-se a importância de mostrar por intermédio de uma publicação técnico-científica, o papel do profissional bibliotecário enquanto mediador das ações culturais em bibliotecas públicas, bibliotecas infantis, entre outros locais onde a contação de histórias está presente, além de mostrar a importância de se manter uma biblioteca viva e atuante, trabalhando em prol da comunidade. Neste sentido, a pesquisa visa mostrar as ações desenvolvidas na Biblioteca Infantil de Sergipe visto que, antes de 2007 a mesma não tinha visibilidade e nem ações desenvolvidas junto à

comunidade. Após os 11 anos de atividades em prol da literatura através dos projetos implantados, incluindo a contação de histórias, a biblioteca tornou-se referência no Estado.

O interesse pelo tema teve início desde que ocorreu o contato com os primeiros contadores de histórias de Sergipe, os quais realizaram atividades na biblioteca infantil, e, desta forma, foi possível observar que a literatura infantil representa um marco na vida das crianças ao incluí-las no universo literário, além de alencar quais elementos expressaram efetivamente as contribuições da biblioteca para a sociedade sergipana e seus usuários. Parte-se do pressuposto que a biblioteca tem influenciado positivamente o processo de enriquecimento cultural das crianças que frequentaram seu espaço e participaram de suas ações no período referenciado, além de ter contribuído para o aprendizado daqueles que nela trabalharam e estagiaram. A troca de saberes foi positiva pois, passaram pela biblioteca alunos dos cursos de Biblioteconomia, Letras, Pedagogia, Teatro, Educação Física, Ensino Médio e cada um, com suas habilidades, pôde construir uma biblioteca pública voltada para os anseios da comunidade na qual estava inserida.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A partir de agora, alguns estudiosos do assunto estarão embasando a presente pesquisa no que diz respeito à literatura infantil e à oralidade narrativa, que estão tão presentes na contação de histórias e na mediação de leitura.

2.1 Origem da Oralidade Narrativa e os Contadores de Histórias

Sabe-se que o conto da literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias, que muitas vezes incluía elementos pessoais ao conto, e com isso o transformava em matéria viva adaptada às necessidades dos seus ouvintes.

A contação de histórias vem sendo praticada através da tradição oral desde os primórdios da humanidade. Foi se aperfeiçoando com o tempo, tornando-se em certo período, uma espécie de arte. Surgiu da necessidade da comunicação entre os homens, de trocar experiências, e de transmitir a cultura e os costumes do cotidiano. Os camponeses e os navegantes foram os primeiros mestres nesta arte, reunindo saberes de terras distantes com as tradições locais, criando as mais belas histórias que existem hoje, como os contos de fadas.

A narrativa mantém sua sabedoria mesmo com o passar do tempo, sofreu transformações de acordo com a cultura e a época em que foi contada, mas sua essência continua a mesma.

Entretanto, a prática da narração de histórias, como forma de conhecimento, desencadeia o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da manipulação crítica e criativa da linguagem oral. E isso é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, como leva a refletir Nelly Novaes Coelho:

O poder de resistência da palavra prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos (COELHO, 2003, p. 13).

As lembranças e impressões da infância acompanham as pessoas por toda a vida: a história contada antes de dormir, as férias na casa da vovó e do vovô que contavam “causos”³, as rodas de bate-papo com os amiguinhos para contar piadas e lendas de terror que causavam

³ Causo é uma história (representando fatos verídicos ou não), contada de forma engraçada, com objetivo lúdico. São conhecidos também como causos populares e já fazem parte do folclore brasileiro.

medo na hora de dormir, a leitura gostosa e descontraída à sombra de uma árvore ou à beira do rio são fatos que fazem viajar por épocas que já se foram.

Histórias sem texto escrito e livros de pano para bebês; narrativas curtas para crianças pequenas, com bichinhos, histórias de repetição e movimento para crianças da fase mágica de encantamento, dos contos de fadas, das aventuras, ação e amor para meninos e meninas na pré-adolescência e as engajadas com o universo, com os problemas sociais, para adolescentes que sonham em mudar o mundo.

Os contos de fadas podem falar de muito perto dos sentimentos mais secretos (CAVALCANTI, 2004). O que é dito pelas histórias dos contos de fadas, segundo Cavalcanti (2004, p. 44), “surge como marca impressa no registro do que somos enquanto caminhantes no mundo, como também extrapola para aquilo que em nós faz aliança com o inconsciente coletivo”. Contar histórias para crianças vai muito além de diverti-las porque toca em questões essenciais da existência.

É através dos contos de fada que é possível direcionar a criança para a descoberta de sua própria identidade e também se sugere as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Segundo Silveira:

Eles alimentam a imaginação e estimulam as fantasias, pois nem todos os nossos desejos podem ser satisfeitos através da realidade. Daí a importância da fantasia como recurso adaptativo. Na seleção de histórias para serem oferecidas na hora do conto, é importante incluir contos de fadas (SILVEIRA, 1996, p. 12).

A leitura, além de despertar na criança o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, também contribui para despertar a valorização das coisas, desenvolver suas potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus horizontes e progredir (MESQUITA, 2011). A atividade de ler histórias para crianças em salas de aula, bibliotecas e até mesmo em casa no ambiente familiar, deveriam ser rotineiras, pois conforme Silveira (1996, p. 12) “...é importante existir a cumplicidade entre a criança e o contador de histórias, do ponto de vista afetivo, porque a ilustração e o texto ajudam o acesso ao mundo dos adultos”.

A técnica da narrativa é defendida por alguns autores. Para que esta tarefa tenha êxito é necessário um preparo prévio da pessoa que vai ministrá-la. O contato da criança com o livro necessita ser compartilhado com alguém que o aprecie.

Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde enredo e personagens ganham vida, transformando tanto narrador como ouvinte. Deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura do mundo na

trajetória de cada um. As histórias ilustradas e cantadas são de grande incentivo e encantamento; para torná-las mais atraentes e fáceis de serem assimiladas é interessante o uso da música, gravuras, desenhos, bonecos, fantoches e dobraduras, que irão atrair a atenção dos ouvintes.

O caráter oral das primeiras narrativas tem papel essencial na elaboração e transmissão dos primeiros relatos da nossa história. De acordo com Cavalcanti (2004, p. 28): “Tem-se notícia de que as primeiras narrativas se constituíram em relatos fabulosos sobre a possível história do surgimento do mundo”. Esses relatos estavam impregnados de conteúdos voltados para o sobrenatural, o misterioso envolvido na aura do sagrado. E continua: “Eram relatos marcados pelo registro de rituais de iniciação e magia, próximos à consciência mítica e religiosa para, somente muito tempo depois, se transformarem em mito e história” (CAVALCANTI, 2004, p. 28).

Durante séculos a memória viva dos povos foi perpetuada pela ação de contar e ouvir histórias. Como heranças remotas da civilização, o conhecimento acumulado pelas gerações foi sendo transmitido através da linguagem oral, constituindo-se num verdadeiro legado da cultura popular, surgindo, assim, mitos, lendas e contos diversos; 1,2,3...era uma vez histórias de heróis, santos, príncipes e princesas, bruxas e dragões que mexem com a fantasia, com os sonhos e ajudam crianças e adultos a superarem, com simplicidade e beleza, muitos conflitos. É um convite para o sonhar e sonhando formar o próprio caminho, pontes para jornada da vida.

Contar histórias é a mais antiga e, paradoxalmente, a mais moderna forma de comunicação. No passado, o contador de histórias era considerado o depositário da experiência, conhecimento e sabedoria. A contação de histórias resiste há mais de três mil anos por compartilhar experiências humanas como nenhuma outra. Fascina ouvintes de todas as idades porque desperta, no plano poético, dores, pavores e alegrias. A arte de contar histórias, como prática milenar, teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral, sendo intensificadas na Grécia Antiga e no Império Árabe – por meio das famosas histórias presentes na obra “As mil e uma noites”, contadas por Sherazade⁴.

De acordo com Busatto (2003),

Os contos de fadas tomaram conta da Europa a partir do século XII e foram registrados por alguns ilustres conhecidos, como o francês Charles Perrault (1628-1703), que reuniu contos da tradição oral e editou um livro intitulado “Contos da Mãe Gansa”. Na Alemanha os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os Irmãos Grimm, publicaram os contos colhidos da boca

⁴ Lendária rainha persa e narradora dos contos de As Mil e Uma Noites.

do povo, principalmente de uma camponesa chamada Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fazem parte do primeiro livro da dupla, *Contos para Crianças e para o Lar*, foram contados por ela. (BUSATTO, 2003, p. 23-24).

A Busatto (2003) ainda fala que um dos contos mais conhecidos é João e Maria, coletado da cultura popular pelos irmãos. Da Grécia vieram as Fábulas de Esopo, coletâneas de contos traduzidos por La Fontaine. Esopo foi um fabulista grego que deve ter vivido por volta do século VI a.C. O acervo da literatura infantil clássica seria contemplado décadas depois dos irmãos Grimm (século XIX), com os *Eventyr*⁵ (168 contos publicados entre 1835-1877) do dinamarquês Hans Christian Andersen, que escreveu os clássicos: O soldadinho de chumbo, O patinho feio, A roupa nova do rei, A pequena sereia, A vendedora de fósforos, A rainha da neve; dentre outros clássicos inesquecíveis que até hoje encantam crianças do mundo todo. Andersen buscava sempre passar padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela nova sociedade que se organizava e também pretendia demonstrar em suas histórias a ideia de que todos os homens deveriam ter direitos iguais.

Essa arte amplia o universo literário, desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação através da construção de imagens interiores. Narrar uma história será sempre um exercício de renovação da vida, um encontro com a possibilidade, com o imaginário e o desafio de, em todo tempo e em todas as circunstâncias construir um final a maneira de cada leitor/ouvinte.

Sabe-se que muitos contos tiveram sua origem em ensinamentos religiosos. Não se pode negar que Jesus Cristo foi um grande contador de história através de suas parábolas. Na literatura é possível encontrar coleções com as parábolas e histórias bíblicas em diversas recontagens voltadas ao público infantil. Na Idade Média, o contador de histórias era bem-vindo e respeitado em toda a parte. As crônicas atestam que na Boêmia, na Áustria e na Ilhas Britânicas, trovadores⁶, segréis⁷, jograis⁸, bardos⁹ e menestréis¹⁰ obtinham passaporte quando outros indivíduos não podiam obtê-lo. Esses eram os que, cantando, recitando, declamando,

⁵ Palavra em norueguês que significa: aventura, ou seja, narrativa com conteúdo sobrenatural.

⁶ Artistas de origem nobre, que compunham e cantavam, com o acompanhamento de instrumentos musicais.

⁷ Trovador profissional que vivia de suas apresentações

⁸ Artista profissional de origem popular - um vilão, ou seja, não pertencente à nobreza - que atuava em praças públicas, divertindo o público.

⁹ Pessoa encarregada de transmitir histórias, mitos, lendas e poemas de forma oral, cantando as histórias do seu povo em poemas recitados.

¹⁰ Poetas cujo desempenho lírico referia-se a histórias de lugares distantes ou sobre eventos históricos reais ou imaginários.

iam de palácio em palácio, de aldeia em aldeia, contando as histórias tão de gosto populares na época.

Esta prática se desenvolveu bastante no fim do século passado até os nossos dias. Talvez seja porque os contos de fadas estejam envolvidos no mundo maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta ou não, lidando com emoções que qualquer criança já viveu.

Busatto (2003) afirma que os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um estilo literário a serviço do divertimento. Sabiam que neles estão contidos o conhecimento e as ideias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Segundo Busatto (2003, p. 17) os povos orientais “acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele”. Percebe-se que, neste caso, o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocava o distúrbio físico, exercendo um poder realmente terapêutico na pessoa.

O conto oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, encanta por alimentar o imaginário e dar mais brilho e vida ao mundo interior. O conto é mesmo uma das formas de expressão artística mais democráticas, e nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem, ou seja, é a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar. O período imerso na oralidade foi longo. A trajetória que se fez desde a articulação dos primeiros sons até a invenção da escrita marcou profundamente o percurso do homem.

A tradição oral no Brasil tem suas raízes nas “rodas de causo” que se organizavam após o jantar, nos galpões das fazendas, nas varandas cobertas das casas, nos quintais, envolta da fogueira, ou até mesmo nas calçadas. Era ali que o contador de histórias, geralmente um visitante, narrava àquele grupo de ouvintes, um causo (acontecido ou imaginário) considerado interessante, e desta forma, se estruturou o conto como forma literária, que ainda hoje é a base do conto moderno.

Aqui no Brasil é possível encontrar os registros de contos populares realizados por viajantes, antropólogos e folcloristas. Entre eles Silvio Romero¹¹, e também pelo grande ouvinte das histórias populares, Câmara Cascudo, que soube ouvir todas as vozes que estavam ao seu redor, multiplicando este saber que até hoje faz parte das rodas de leitura.

¹¹ Sergipano de Lagarto – foi advogado, jornalista, crítico literário, poeta, escritor, professor.

Busatto (2003) menciona em seu livro que Câmara Cascudo apresenta contos genuinamente brasileiros, como os personagens do folclore brasileiro, Caipora e Curupira, criação dos povos indígenas que habitavam o Brasil quando da chegada dos portugueses. Cascudo conta que o personagem Curupira foi citado pelo Pe. José de Anchieta em uma de suas cartas.

Os contos populares atuais são diferentes dos que se perpetuaram na tradição oral. A transcrição destes para a escrita implicou alguma adaptação, porque a narrativa oral, além da ênfase, da entoação, era acompanhada por outros tipos de linguagem como os movimentos corporais, a mímica, variáveis de contador para contador e irreproduzíveis na escrita.

Ao se formar a roda, o contador de causos iniciava sua narrativa com o tradicional «era uma vez... foi um dia... em tempos que já se foram». Essa forma inicial remetia os ouvintes para o passado e funcionava como um sinal de que se ia passar do mundo real para um mundo irreal, o da fantasia, onde tudo é possível. Esse mergulho no imaginário terminava com a fórmula final: ...e viveram felizes para sempre.

A narração oral no século XXI ganha nova dimensão ao ocupar o espaço telemático. Abordar a performance do contador na era digital implica mudanças de foco, de entendimento e aceitação de outras perspectivas e paradigmas do aprendizado e da fruição dessa arte. Isto leva a crer que o conto da tradição oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade. Saber da sua provável origem mostra-se apenas uma curiosidade, porque o conto se molda ao contexto onde ele é narrado, e segundo Busatto (2007, p. 28), “como um camaleão, o conto vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo, de cada contador que o narrou”. O conto da tradição oral é um retrato da magia e encantamento, uma fantástica criação da mente humana que vem se propagando ao longo dos tempos.

Segundo Cavalcanti (2004), valorizar os relatos orais é uma forma de compreender o percurso humano, os quais superaram as barreiras e do tempo e dos novos meios de produção. Mesmo tendo sido essas narrativas compiladas por alguns pesquisadores e impressa para a publicação, é sabido que continuam sendo repassadas pela tradição oral de geração em geração.

Valorizar os relatos orais é, também, uma forma de compreender o percurso humano, pois o fato de tantas narrativas chegarem aos dias atuais, superando as barreiras do tempo e novos meios de produção, significa o imenso poder que tem a palavra no meio do povo. Mesmo tendo sido essas narrativas compiladas por alguns pesquisadores e impressa para a publicação, é sabido que continuam sendo repassadas pela tradição oral de geração em geração.

2.2 Gêneros Literários voltados para a Infância

Quando falamos de gêneros literários, estamos falando do conteúdo e da estrutura do texto. Dependendo de como os textos são estruturados, e do seu conteúdo, eles podem ser divididos em três gêneros: LÍRICO, ÉPICO e DRAMÁTICO. Porém, podemos observar que hoje, para fins didáticos, alguns autores do gênero épico, desmembram o gênero narrativo (ficção), no qual se encaixam as narrativas em prosa. Quando falamos de gêneros literários, estamos falando do conteúdo e da estrutura do texto. Dependendo de como os textos são estruturados, e do seu conteúdo, eles podem ser divididos em três gêneros: lírico, épico e dramático; para fins didáticos, alguns autores do gênero épico desmembram o gênero narrativo (ficção), no qual se encaixam as narrativas em prosa (ARAÚJO, s.d., n.p.).

De acordo com Kuhlthau (2002),

Os poemas, canções, parlendas, quadrinhas, adivinhas e trava-línguas são espécies literárias que podem ser utilizadas desde a educação infantil. As atividades com textos poéticos são especialmente interessantes nessa etapa, desvelando um mundo de sensibilidade e emoção e permitindo vivenciar uma nova realidade construída de palavras. Possibilitam às crianças prestarem atenção não só aos conteúdos, mas, também, aos aspectos sonoros da linguagem, como ritmo e rimas, além das questões culturais e afetivas envolvidas (KULTHAU, 2002, p. 30).

2.2.1 Poesia e Parlenda

Debus (2006, p. 49) afirma em sua obra que a criança entra em contato com a produção literária desde os seus primeiros dias de vida; ao reconhecer a poeticidade que surge das cantigas de ninar, verdadeiros poemas de afago e acalanto, que estão presentes no imaginário infantil, num jogo de proteção e repressão. Basta lembrarmos da personagem “Cuca”, figura bruxólica¹² provocadora de medo popularizada numa cantiga que busca apaziguar a criança com a promessa do retorno dos pais:

Há poetas que quase brincam com as palavras, de maneira a cativar as crianças que ouvem ou leem esse tipo de texto. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora e musical, no jeito como vão juntando as palavras e acabam por tornar a leitura algo muito divertido. (DEBUS, 2006, p. 49)

Segundo Bernardo (2010, p. 21), “os autores utilizam-se de rimas bem simples e que usem palavras do cotidiano infantil; um ritmo que apresente certa musicalidade ao texto;

¹² Pertencente ou relativo às coisas de bruxas.

repetição, para fixação das ideias, e melhor compreensão dentre outros”. A criança tem uma boa receptividade à poesia, pois a musicalidade entoada e as rimas soam como brincadeira aos ouvidos dos pequeninos. Assim, as palavras do poeta, as que procuraram chegar até ela pelos caminhos mais naturais, mesmo sendo os mais profundos em sua síntese, não importam, nunca serão melhor recebidas em lugar algum do que em sua alma, por ser mais nova, mais inocente, angelical e pura.

A poesia infantil enquanto gênero literário dirigido às crianças surgiu no Brasil no final do século XIX. Segundo Camargo (1999) – escritor e ilustrador de livros infantis, dentre esses poemas, um dos mais antigos é um soneto de Alvarenga Peixoto (1744-1792), mais conhecido por sua participação na Inconfidência Mineira, em 1789. Luiz Camargo (1999) em sua palestra apresentada a LAIS¹³:

Pode-se dizer, assim, que, no Brasil, o gênero poesia infantil surge de braços dados com a escola, visando principalmente a aprendizagem da língua portuguesa. Não são os escritores que querem ampliar seu público, escrevendo também para crianças, mas os professores que começam a organizar e escrever antologias de textos em prosa e verso para utilização como livros de leitura escolar. (CAMARGO, 1999 – Palestra)

O livro *Poesias Infantis* (1904), de Olavo Bilac (1865-1918), é o *best-seller* do gênero na primeira metade do século XX, com 27 edições, até 1961. Bilac, que é reconhecido como o mais importante poeta parnasiano brasileiro, escreveu poesias infantis, segundo suas próprias palavras, “para uso das aulas de instrução primária”, procurando compor “versos (...) sem dificuldade de linguagem”, sobre “assuntos simples”, visando “contribuir para a educação moral das crianças do seu país”. (CAMARGO, 1999, n.p.).

Já Cecília Meireles é reconhecida como uma das principais vozes femininas da poesia brasileira. Segundo Nunes (2012, n.p.) ela “traz para a poesia infantil a musicalidade característica de sua poesia, explorando versos regulares, a combinação de diferentes metros, o verso livre, a aliteração, a assonância e a rima”. Os poemas infantis de Cecília Meireles não ficam restritos à leitura infantil, permitindo diferentes níveis de leitura (GOUVEIA, 2001 apud NUNES, 2012).

Vale aqui observar que, na atual década, o acervo de poesia infantil à disposição da criança brasileira foi bastante enriquecido graças aos poetas-tradutores Tatiana Belinky, José

¹³ Palestra apresentada no LAIS – Instituto Latino-americano –, da Universidade de Estocolmo, e no Instituto Sueco do Livro Infantil (neste último, em inglês), Estocolmo, Suécia, em outubro de 1999, junto com Ricardo Azevedo, que falou sobre “Literatura infantil brasileira hoje: alguns aspectos e problemas”.

Paulo Paes e Sérgio Capparelli, que traduziram os poemas de autores russos, alemães, hebraicos, ingleses, dentre outros. De acordo com Bordini:

Em contato com o texto poético, a criança é tomada por vivências que a distanciam de seu ambiente familiar, linguístico e social. Todavia, a configuração eminentemente ordenadora dos estímulos do mundo poético (os ritmos, a criação de vínculos entre objetos isolados) garante que esse deslocamento se processe num clima de segurança, em que o incomum produz prazer e não temor. Assim, a experiência do poema propicia o alargamento dos conteúdos da consciência por uma prazerosa tomada de posse do desconhecido, suscitada pelo desafio das formas e das ideias (BORDINI, 2009, p. 67).

As cantigas de roda também têm ritmo, rimas e risos, brincam com o som, com o corpo, com gestos e com emoções. Por isso, quando é sussurrado no ouvido do bebê a melodia suave da cantiga de ninar, é introduzida, mesmo sem perceber, no encantamento da literatura oral, que deve estar sempre presente no repertório infantil. Desta forma a criança se constitui leitor do texto literário a partir do momento em que tem acesso a essas narrativas por meio da oralidade, bem antes de ser inserida no mundo das letras. Segundo Eliane Debus:

A poesia se manifesta concretamente pela oralidade e pela palavra escrita. A primeira tem sua origem na oralidade – essas condições poéticas que atravessam gerações e se estabelecem em espaços geográficos distintos e muitas vezes com a mesma força, mesmo que em versões diferentes... a segunda manifestação tem sua origem na escrita. Muitos são os poetas que se dedicam a brincar com as palavras apresentando à criança a ludicidade do texto poético, com as suas rimas, os seus ritmos, as suas sonoridades (DEBUS, 2006, p. 54).

Outra manifestação poética utilizada frequentemente na literatura infantil são as parlendas, versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre as crianças e fazem parte do folclore brasileiro, pois representam uma importante tradição cultural do nosso povo.

Entre as muitas parlendas podemos citar uma que é muito conhecida por todos que é: “Hoje é domingo, pede cachimbo. O cachimbo é de ouro, bate no touro. O touro é valente, bate na gente. A gente é fraco, cai no buraco. O buraco é fundo, acabou-se o mundo”. Outra bem conhecida é: “Um, dois, feijão com arroz, Três, quatro, feijão no prato, Cinco, seis, falar inglês, Sete, oito, comer biscoito, Nove, dez, comer pastéis”. Essa é uma maneira de fazer com que as crianças comam, tomem banho, escovem os dentes com mais animação e sem chorar.

Pode-se ainda citar os trava-línguas, brincadeira linguística em que a língua se enrola e desenrola provocada pela aproximação sonora das palavras, como a conhecida frase “o rato roeu a roupa do rei de Roma”. As adivinhas ou adivinhações, que são modalidades da

literatura popular que solicitam ao ouvinte uma resposta certa para uma pergunta enigmática, iniciando sempre com a frase: “O que é o que é?”.

2.2.2 Contos de Fadas e Contos Populares

Contos de fadas, mitos, lendas e fábulas, frequentemente constituem para os sábios dos tempos antigos um meio de transmitir, ao longo dos séculos, de uma maneira mais ou menos velada, pela linguagem de imagens, os conhecimentos que, recebidos desde a infância, ficarão gravados na memória profunda do indivíduo, para ressurgirem, talvez, no momento apropriado e iluminado por um novo sentido.

Na literatura infantil, os contos de fadas exercem um papel importante no que diz respeito a formação da personalidade da criança, pois ela se identifica com os personagens, aprende que é possível vencer obstáculos e no final, percebe que pode sair triunfante como os heróis das histórias. Desta forma, Bettelheim diz que:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

Os contos de fadas apresentam sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína. Por pior que sejam as dificuldades passadas pelos personagens dos contos de fadas, no final eles sempre vencem e tudo acaba bem, “felizes para sempre”, dando a impressão de que a felicidade é eterna e nunca mais aqueles personagens passarão por dificuldades.

De acordo com a escritora Cléo Busatto,

Se o conto de fada encerra conteúdos simbólicos acessíveis ao espírito da criança, capazes de mobilizar afetos, o mesmo não se pode afirmar do mito, já que à sua compreensão solicita-se um certo amadurecimento intelectual e psicológico, para que possamos aprendê-lo considerando as luzes e as sombras que ele lança sobre nós (BUSATTO, 2003, p. 31).

Por ser de fácil entendimento, conter a magia e encantamento presentes em suas histórias, os contos de fadas e populares são os mais utilizados na iniciação da criança à leitura. Desde o ventre e principalmente na primeira infância, os contos clássicos são contados de geração em geração e por isso, já foram traduzidos e reeditados por muitas editoras mundo a fora.

2.2.2.1 *Contos de Perrault*

A história da literatura registra que:

Teria nascido quase por acaso na França do século XVII, no reinado de Luís XIV, pelas mãos de Charles Perrault. Trata-se dos Contos da Mãe Gansa (1697), livro no qual Perrault (poeta e advogado de prestígio na corte) reuniu oito histórias, recolhidas da memória do povo. São elas A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, Cinderela ou A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Contos em versos e cuja autoria ele atribuiu ao seu filho Pierre Perrault, que o ofereceu à Infanta, neta do Rei Sol. Em uma segunda publicação Perrault acrescentou: A Pele de Asno, Grisélidis e Desejos Ridículos (COELHO, 2008, p. 27).

Charles Perrault nasceu em Paris, no dia 12 de janeiro de 1628 e morreu aos 75 anos. O poeta da Academia Francesa não atuou exclusivamente no mundo das letras. Além de trabalhar como advogado, tornou-se superintendente de construções do Rei Sol Luís XIV, posição política em que se destacou ao lado do ministro Colbert.

2.2.2.2 *Contos de Grimm*

Segundo Araújo (s.d.) Jacob Grimm e Wilhelm Grimm nasceram na cidade de Hanau, em 1785 e 1786 respectivamente; estudaram direito mas se dedicaram integralmente à literatura, se detacando pela excelência narrativa. Segundo Coelho (2003) os irmãos Grimm eram:

Participantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, os Grimm filólogos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica empenhados em determinar a autêntica língua alemã (em meio aos numerosos dialetos falados nas várias regiões germânicas) - entregam-se à busca das possíveis invariantes linguísticas, nas antigas narrativas, lendas e sagas que permaneciam vivas, transmitidas de geração para geração, pela tradição oral. Duas mulheres teriam sido as principais testemunhas de que se valeram os Irmãos Grimm para esta homérica recolha de textos: a velha camponesa Katherina Wieckmann, de prodigiosa memória, e Jeannette Hassenpflug, descendente de franceses e amiga íntima da família Grimm. Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil. Entre os contos mais conhecidos estão: A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen; A Guardadora de Gansos; Joãozinho e Maria; O Pequeno Polegar; As Três Fiandeiras; O Príncipe Sapo e dezenas de outras, que correm mundo. Publicados avulsamente entre 1812 e 1822, posteriormente foram reunidos no volume Contos de Fadas para Crianças e Adultos (hoje conhecido como Contos de Grimm) (COELHO, 2003, p. 29).

Os contos de Grimm são muito utilizados por bibliotecários nas bibliotecas escolares e públicas, na hora do conto e nas contações de histórias, pois são carregados de ensinamentos que para o público infantil, são fáceis e inteligíveis, a exemplo de João e Maria, que ao saírem pela floresta para buscar amoras, se perdem e encontram a casa de doces da velha Bruxa e acabam virando prisioneiros.

2.2.2.3 *Contos de Andersen*

Hans Christian Andersen, escritor e poeta dinamarquês de histórias infantis, escreveu peças de teatro, canções patrióticas, contos, histórias e principalmente contos de fadas. Entre eles, O patinho feio, A roupa nova do Imperador, O soldadinho de chumbo. Em sua homenagem, o dia 02 de abril ficou conhecido como Dia Internacional da Literatura Infantil.

A escritora Nelly Coelho em sua obra, aponta algo interessante sobre Andersen:

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais de fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o "vale de lágrimas" que cada um tem de atravessar para alcançar o céu. A par do maravilhoso, seus contos se alimentam da realidade cotidiana, na qual impera a injustiça social e o egoísmo. Daí que, em geral, os Contos de Andersen sejam tristes ou tenham fins trágicos (e muitos deles tenham "envelhecido"). Entre os mais conhecidos, citamos: O Patinho Feio; Os Sapatinhos Vermelhos; O Soldadinho de Chumbo; A Pequena Vendedora de Fósforos; O Rouxinol e o Imperador da China; A Pastora e o Limpador de Chaminés; Os Cisnes Selvagens; A Roupa Nova do Imperador; Nicolau Grande e Nicolau Pequeno; João e Maria; A Rainha de Neve (COELHO, 2003, p. 30).

Os Contos de Andersen foram resgatados do folclore nórdico¹⁴ e “mostram um viés às injustiças que estão na base da sociedade, sendo que, ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa” (MIRANDA, 2010, p. 15). E, ainda, “em seus textos Andersen sugere a piedade e a resignação para que o céu seja alcançado em sua plenitude ... e lutou sempre por seu ‘lugar ao sol’, a despeito dos obstáculos e das injustiças” (MIRANDA, 2010, p. 15). Alguns valores ideológicos presentes em suas obras: defesa dos direitos iguais, valorização do indivíduo por suas qualidades próprias, ânsia de expansão do eu, consciência de precariedade de vida, crença na superioridade das coisas naturais (MIRANDA, 2010).

¹⁴ Referente aos países que compõem a região da Europa setentrional e do Atlântico Norte, composta pela Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia, e as regiões autônomas das Ilhas Faroé, arquipélago da Åland e Groenlândia.

2.2.2.4 O Conto Popular

Segundo Romero e Cascudo (s.d.), o conto é uma expressão importante no quadro da literatura oral de um país, pois “... o conto popular ainda documenta o saber de um povo, a sobrevivência, o registro de usos e costumes esquecidos no tempo”. (ROMERO; CASCUDO, s.d., n.p.). Megale o define como

Um relato oral e tradicional de contornos verossímeis e também ocorrendo dentro do maravilhoso e do sobrenatural. Pode mencionar fatos possíveis, como também referir-se a animais dotados de qualidades humanas e episódios com abstração histórico-geográfica. (MEGALE, 1999, p. 51).

Assim como nos contos de fadas, as personagens dos contos populares encantam e despertam a imaginação de quem os ouve, seja jovem, criança ou adulto, o que vale é o despertar pela valorização da tradição de uma época, de um povo.

Luís da Câmara Cascudo, considerado um dos maiores folcloristas brasileiros, classifica os contos em: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos religiosos, contos etiológicos, contos acumulativos, contos de adivinhação, anedotas e causos. Os contos de encantamento consistem em histórias de fadas e duendes, caracterizadas pelo sobrenatural e maravilhoso. São os Contos da Carochinha, Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Maria, A Bela Adormecida, Branca de Neve, o Pequeno Polegar, Gata Borralheira, etc. A Borralheira fala de uma jovem obrigada a trabalhar enquanto as meias-irmãs se divertem. Branca de Neve foi condenada a morrer na floresta. Chapeuzinho Vermelho desobedeceu a mãe e quase virou comida do Lobo Mau.

Segundo Garcia (s.d., n.p.) “os contos de exemplo são narrativas breves muito frequentes na literatura infantil. Registram situações retiradas do cotidiano e encerram uma moralidade, que se institui como exemplo de conduta. Trocam o fantástico pelo realismo”. São contos morais, sempre com ação doutrinária. Apresentam sempre casos edificantes, por exemplo O filho do pescador, A menina vaidosa, O amor-perfeito, dentre outros. Os contos de animais são as fábulas, em que os animais são dotados de qualidades, defeitos e sentimentos humanos (O gavião e o urubu, A raposa e as uvas, O pulo do gato) (ROMERO; CASCUDO, s.d.).

Os contos religiosos caracterizam-se pela presença ou interferência divina. Já os contos etiológicos explicam a origem de um aspecto, forma, hábito, disposição de um animal, vegetal, por exemplo: A maçarapeba ficou com a boca torta por ter zombado de Nossa Senhora;

A festa no céu; Os miosótis, que se tingiram com a cor dos olhos de Maria; Jesus e o tatu (ROMERO, s.d.).

Já os contos acumulativos, também denominados lengalenga, são contos com episódios sucessivamente encadeados, com ações e gestos que se articulam em longa serialização, contado para divertir as crianças (MEGALE, 1999). Por fim, pode-se incluir os contos de adivinhação, as anedotas e os “causos”. Os primeiros apresentam um enigma sob a forma de história, resultante do processo de associar e comparar as coisas pela percepção de semelhanças e diferenças. As anedotas, ou popularmente piadas, são contos que visam provocar jocosidade ou ridicularidade. (ROMERO; CASCUDO, s.d.).

2.2.3 Mitos

E o que dizer dos mitos? A mitologia é diferenciada das lendas, que explicam aspectos da vida cotidiana, pois se empenham em explicar a criação do mundo. Etimologicamente a palavra *mythos*, do grego, significa narrativa sobre o aparecimento dos seres vivos, homens e deuses, elementos da natureza, representação de fatos ou personagens. Segundo Coelho (2003, p. 91): “Os mitos nascem no espaço sobrenatural dos deuses, que estão na origem da vida no universo”. Um sistema de lendas que tratem de um mesmo tema central constitui um mito. O mito nos aproxima daquela parcela divina que denominamos de espírito, fonte, origem, capaz de mobilizar o nosso ser. O mito é o nada que é tudo, se expressa em uma história desenrolando-se no tempo e no espaço e que em linguagem simbólica exprime ideias religiosas e filosóficas, experiências da alma. Segundo Coelho (2003), os mitos são narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos falam de deuses, duendes e de situações em que o sobrenatural domina.

Mito e literatura, desde as origens, existem essencialmente ligados: não existe mito sem a palavra literária. Aqui vale lembrar que Câmara Cascudo buscou nos mitos as nossas origens. Os mitos são narrativas primordiais que formam um universo atravessado por lendas, parábolas, apólogos, símbolos, arquétipos que mostram as fronteiras em que vivem os seres humanos, entre o conhecido e o mistério, entre o consciente e o inconsciente.

2.2.4 Fábulas

Segundo Alves (2007, p. 26) “na Idade Média começaram a circular as fábulas gregas de Esopo e as latinas de Fedro. Eram narradas em versos e em língua ‘romance’ (a língua

que foi apenas falada durante o longo tempo entre o latim e o surgimento das línguas modernas)”. As fábulas são uma das mais antigas maneiras de se contar uma história e constituem meios de inculcação de ideias em várias culturas do mundo, inclusive no Brasil. Segundo Garcia (s.d) a fábula:

é uma narrativa de natureza simbólica de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. Seus personagens são sempre símbolos, representam algo num contexto universal, como o leão símbolo de força ou a raposa símbolo de astúcia. (GARCIA, s.d., n.p.).

Acredita-se que Esopo tenha vivido no século 6 antes de Cristo, ele usava muitos bichos como personagens em suas fábulas: tartarugas, lebres, raposas, formigas e cigarras e usava as histórias para criticar criticava os valores da sociedade de sua época. Algumas de suas obras mais conhecidas “A formiga e a cigarra”, “A galinha dos ovos de ouro”, “A raposa e as uvas”, “A lebre e a tartaruga”, “O lobo e o cordeiro”. Algumas se transformaram em ditados e expressões populares: “mãe coruja”, “burro em pele de leão”, “atirar pérolas aos porcos”, “contar com ovos na galinha”, “morder a mão do dono”, “unidos jamais serão vencidos”. As fábulas contêm a experiência humana de séculos e, por isso merecem ser lidas e admiradas.

Jean de La Fontaine foi um poeta e fabulista francês. Era filho de um inspetor de águas e florestas, e nasceu na pequena localidade de Château-Thierry. Estudou teologia e direito em Paris, mas seu maior interesse sempre foi a literatura. Coelho (2003) em sua obra relata que:

Durante vinte e cinco anos, trabalhou na busca desses antigos textos e os reelaborou em versos, dando-lhes a forma literária definitiva – Fábulas de La Fontaine – que há séculos, vêm servindo de fonte para as mil e uma adaptações que se espalham pelo mundo todo...Suas fábulas eram verdadeiros textos cifrados, que denunciavam as intrigas, os desequilíbrios ou as injustiças que aconteciam na vida da corte ou entre o povo. Foi pelo empenho do autor que se divulgaram, no mundo culto, as fábulas populares: O Lobo e o Cordeiro, o Leão e o Rato, A cigarra e a Formiga, A Raposa e as uvas (COELHO, 2003, p. 28).

De acordo com avisão de Busatto (2003), as fábulas podem trazer de alguma forma, previsões, e de uma forma ameaçadora, pois podem indicar que atitude deve ser tomada diante de uma tal situação. É bem diferente da narrativa destinada a uma máxima moral, distinta do conto de fada, que sem impor moral, permite que decisões sejam tomadas ou não pelo sujeito. Ou seja, as fábulas dizem-nos exatamente o que fazer, e advertem-nos, caso não façamos a coisa certa. Diferente dos contos de fada, elas não se utilizam de uma linguagem simbólica, e correm o risco de se tornar ultrapassadas, pois muitas vezes, transmitem um ensinamento de épocas que já se foram, não a realidade dos dias atuais.

2.2.5 Lendas

Já as lendas são episódios da tradição popular de fatos que poderiam ter acontecido, ou aconteceram muito próximo do narrador. São histórias fantásticas que nada têm a ver com a realidade e são construídas em torno de personagens históricos e religiosos. A lenda é uma narrativa cujo argumento é tirado da tradição oral. Consiste num relato onde o maravilhoso e o imaginário superam o histórico. Nela, o real e o imaginário mesclam-se de tal maneira que é impossível discernir onde acaba o verdadeiro e começa a fantasia. Todos os folclores estão repletos de lendas, que tentam explicar de maneira mágica os mistérios da vida e do Universo.

Segundo Mariuci (s.d., n.p.), a lenda “está marcada por um grande sentimento de fatalidade. Tal sentimento é importante, porque fixa a presença do *Destino*, aquilo contra o que não se pode lutar e demonstra o pensamento humano dominado pela força do desconhecido”. O folclore brasileiro é rico em lendas regionais, das quais podemos destacar as seguintes: "Boitatá", "Boto cor-de-rosa", "Caipora ou Curupira", "Iara", "Lobisomem", "Mula-sem-cabeça", "Negrinho do Pastoreio", "Saci Pererê" e "Vitória Régia".

Segundo Figueira (2016),

A lenda, em especial a mitológica, constitui o resumo do assombro e do temor do homem diante do mundo e uma explicação necessária das coisas. A lenda, assim, não é mais do que o pensamento infantil da humanidade, em sua primeira etapa, refletindo o drama humano ante o outro, em que atuam os astros e meteoros, forças desencadeadas e ocultas. (FIGUEIRA, 2016, p. 172).

Sendo assim, contos de fadas, mitos, lendas ou fábulas, não importa que suas estruturas sejam diferentes, são todos frutos da imaginação e estão carregados da mais pura magia e encantamento, e é através delas que é possível guardar, sob a forma de narrativas, ficcionais ou reais, toda a nossa história e nossa cultura. Compartilhar a literatura com as crianças significa fazê-las participar da história da humanidade.

3 A MEDIAÇÃO DA LEITURA

A palavra mediação vem do latim *mediatione*, intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois, indicando ideias de intervenção, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediador. Segundo Rasteli (2013, p. 21) “Os termos mediação, mediações e mediador podem ser notados em diferentes instâncias discursivas do campo, por distintos ângulos, o que faz da noção de mediação uma presença marcante no contexto da Ciência da Informação brasileira”.

Bortolin e Almeida Júnior (2007), pesquisadores desta temática, definem o mediador de leitura como o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Esta é a definição mais conhecida que, em outras palavras, significa dizer que o mediador é o facilitador desta relação (leitor-livro). E como intermediário de leitura, o mediador encontra-se em uma situação privilegiada, pois tem nas mãos a possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas.

A leitura é um processo de identificação de signos e compreensão de significados da linguagem escrita. Provavelmente seja uma das áreas mais encantadoras da educação, talvez porque poucas ações educativas sejam tão fascinantes como a de apoiar e estimular as crianças na decodificação da linguagem impressa. Constitui uma experiência prazerosa e única, além de ampliar o saber e conhecimento de mundo. Alliende e Condemarín (2005) citam as principais razões que justificam, ainda hoje, as vantagens e a persistência da leitura, apesar da interrupção dos meios de comunicação de massa. São elas: a liberdade, o êxito ou fracasso escolar, a articulação dos conteúdos culturais, a expansão da memória humana e o estímulo à produção textual, além de determinar processos de pensamentos.

No que diz respeito a liberdade, o leitor pode escolher aquilo que quer e gostaria de ler. Pode escolher o local e hora que quer ler, o tempo que dispenderá na leitura, tudo de acordo com sua comodidade e vontade. Já nas mídias e outros meios, prevalece a imposição, como por exemplo, o rádio e a televisão que oferecem variedade limitada de programas, escolhidos por acordo comerciais ou gosto massivo, em horários predeterminados. Desta forma, a falta de flexibilidade pode levar a uma compreensão errônea ou superficial do conteúdo. Já com a leitura é diferente, permite ao indivíduo ser crítico diante da informação recebida. Bortolin (2014), em seu artigo sobre mediação da leitura para leitores-ouvintes diz que:

Nosso conceito de “leitor-narrador é todo indivíduo que medeia o encontro do leitor com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar” e “leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos” (BORTOLIN, 2014, p. 208).

É sabido que a eficiência na leitura está ligada com o êxito ou fracasso na escola. Na educação básica a meta era “aprender a ler”, agora a ênfase está em “ler para aprender”, ou seja, é necessário a leitura para aquisição do conhecimento e aprendizado pois ela permite a máxima organização da informação. Em seus estudos Allende (2005) apontou a leitura como um expensor da memória humana.

As pessoas que vivem em culturas principalmente orais têm uma série de recursos para reter a informação em sua memória de longo prazo, como também para recuperá-la quando é necessária. Por exemplo, a utilização de padrões rítmicos que facilitam a lembrança de letras de canções, adivinhações, fórmulas de brincadeiras, poemas, etc.; a lembrança de frases memoráveis...a utilização de provérbios, máximas, refrãos, ditados e outras formulas linguísticas que circulam de boca em boca, de geração em geração ... (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 15).

Allende e Condemarín (2005) afirmam ainda que a leitura em um plano pessoal proporciona experiências por meios dos quais o indivíduo pode expandir suas limitações, identificar seus interesses, obter conhecimentos mais profundos de si mesmo e de outros indivíduos da sociedade. A leitura organiza a experiência pessoal, enriquece ideais próprias com as de muitas outras fontes. Na mente, a leitura das imagens é transformada em símbolos gráficos abstratos em sons, os sons em palavras e as palavras em estruturas linguísticas.

Ações rotineiras em bibliotecas tornam seu espaço dinâmico e vivo, tais como a hora do conto, as rodas de leitura, as contações de histórias de forma prazerosa; nas quais as crianças podem conhecer um pouco mais sobre diversos assuntos, reconhecer diferenças entre a ficção e realidade, entrar em contato com experiências diversas, imaginar cenários e apropriarem-se da linguagem.

Sendo assim, Bortolin (2014) expõe sobre o leitor público:

Ler um livro, em geral, é uma ação solitária, mas ler em voz alta é uma ação solidária, isso é o que faz um leitor ou leitor público. A expressão leitor público não é muito comum em terras brasileiras, podendo ser definida como aquele que lê para um público em voz alta, sendo uma única pessoa ou um grupo. Diferencia-se do narrador, pois apresenta o texto na íntegra, sem digressões ou adaptações (BORTOLIN, 2014, p. 218)

Isto quer dizer que, o mediador de leitura, quando faz a mediação, deve manter-se fiel ao texto sem poder alterar, inserir ou suprimir qualquer informação. O que é diferente na contação de histórias, onde o contador pode usar sua criatividade e fazer modificações e adaptações de acordo com a necessidade. Sendo assim, como diz Bortolin (2014), tanto os que contam histórias e as leem em voz alta, exercitam a mediação da literatura possível de

encantamento. A biblioteca pública enquanto equipamento cultural tem como uma de suas funções incentivar o gosto e hábito da leitura, convivendo com novos suportes literários disponíveis para a leitura. Hoje não é apenas o livro em papel, mas o digital que também está em evidência. Nesse contexto:

O incentivo à leitura, mediante atividades de mediação, depara-se com novos suportes informacionais que requerem cada vez mais práticas leitoras apropriadas para o domínio das novas tecnologias em informação e comunicação. A validade de outros códigos e linguagens, as tradições orais, as novas textualidades, juntamente com os gêneros textuais digitais, procedentes da era digital também devem ser considerados no ato de formar leitores (RASTELI, 2013, p.15).

Ou seja, o profissional mediador deve ser capaz também de dominar os novos formatos, conhecer como acessar e disponibilizar esta literatura aos frequentadores da biblioteca para que, através deles, possa executar atividades tão boas e eficazes quanto as que faz com o formato tradicional. E é importante frisar que não basta ao leitor saber ler, é necessário que se entenda aquilo que é lido, e a mediação de leitura é uma ferramenta muito eficaz neste processo de entendimento e apropriação do conhecimento.

Para Castro Filho (2012), as leituras são essenciais no início do desenvolvimento intelectual do aluno, e o entender da leitura o direciona do mágico para o real, que tem como base principal informar o aluno, independente dos suportes que são apresentados. Ou seja, quando o aluno entende de fato o que está lendo, quando a leitura não é algo mecânico e sem sentido, ele poderá separar o irreal (ou ficção) do que é de fato uma verdade, desta forma a leitura torna-se informativa para quem lê.

Deste modo, estar em contato direto com os livros, ter aproximação com as narrativas orais da ficção, dos contos, dos poemas, das histórias e acontecimentos da realidade deve ocupar o olhar, o tempo e a disposição daqueles que trabalham em bibliotecas, sejam elas, escolares ou públicas. A leitura se desenvolve melhor em um ambiente agradável que estimule a criança a acessar o livro, que proporcione o contato com a linguagem oral e escrita, que proporcione experiências informativas e estimule a escutar, a olhar e a descrever o que lhes permita expressar sentimentos, anseios e pensamentos por meio de diversos recursos que a própria biblioteca pode colocar ao seu alcance.

É importante que pais, professores, bibliotecários e demais agentes responsáveis pela formação de leitores tenham consciência sobre os benefícios do desenvolvimento da leitura. As competências adquiridas através das práticas sociais de leitura e escrita nos espaços das bibliotecas públicas podem auxiliar no desenvolvimento humano na sociedade letrada, garantindo sobrevivência e convivência social. (RASTELI, 2013, p.16).

Como diz Allende (2012), a imersão num ambiente letrado desde a infância facilita à criança a possibilidade de abstrair a linguagem escrita de seu contexto e descobrir o que é necessário para transformar sinais visuais em equivalentes verbais. Portanto, ter em casa, no seio familiar e escolar, jornais, revistas e livros ao alcance das crianças já é o primeiro passo desta jornada em busca da formação do leitor.

3.1 O Contador de Histórias

Personagens como Sherazade, Dona Benta e Tia Nastácia encheram o imaginário das crianças com suas narrações durante muito tempo. Sherazade, uma contadora oriental que dribla a morte e vence o coração do sultão depois de mil e uma noites narrando histórias. Histórias tecidas por fios invisíveis ligando uma a outra num tecido inacabado e infinito. O lema de Sherazade não era “quem quiser que conte outra”, pois sua condição diante da morte lhe dá o poder e autoridade para narrar histórias sem fins.

As personagens Dona Benta e Tia Nastácia foram criadas pelo escritor Monteiro Lobato. Dona Benta é a contadora intelectual que se aproxima de narrativas registradas em livros como Dom Quixote, Pinóquio, Peter Pan, entre outros, narradas a uma plateia super especial: uma boneca de pano (Emília), um sabugo de milho (Visconde de Sabugosa), e duas crianças mais do que espertas (Narizinho e Pedrinho), seus netos. Ela narra com suas palavras o lido, utilizando-se de estratégias que respeitam a especificidade do leitor infantil: imita vozes, modifica vocabulário. Já Tia Nastácia, é uma contadora de histórias populares, que conhece as narrativas que circulam de boca em boca, apresenta histórias e personagens do folclore brasileiro.

O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que há dentro de cada um, como configurações de experiências, além de, segundo Eliane Debus:

Poder influenciar diretamente na aprendizagem efetiva da leitura e da escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos vocábulos, com estratégias de linguagem, já que a estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade (DEBUS, 2006, p. 75).

Contar histórias é uma atitude multidimensional (BUSATTO, 2003, p. 45), e ao contá-las, pode-se atingir não somente o plano prático, mas também o nível do pensamento e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério:

Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reavivar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

O contador de histórias sabe criar um ambiente mágico de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde enredo e personagens ganham vida. Criar e narrar histórias é, antes de tudo, ajudar a guiar e a transformar a vida das pessoas.

Contar histórias no ambiente das bibliotecas, tanto as públicas, infantis ou escolares, é um importante auxílio/apoio ao incentivo à leitura. Esta atividade é de suma importância neste contexto devido à mediação que pode ser feita entre os livros e as crianças, o lúdico, as imagens, a narrativa, pois desperta nas crianças que estão sendo alfabetizadas o interesse pelo livro e pela literatura, fazendo com que estas façam ligações diversas com o texto narrado e seu universo infantil.

Segundo a escritora Gislayne Matos, em seu livro *A palavra do contador de histórias*, “Os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperanças. São carinhosamente chamados de “gente das maravilhas” pelos árabes” (MATOS, 2005, p. 3).

Os contos milenares também guardam em sua essência uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas. Partem de uma questão, necessidade, conflito ou busca, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando medos e riscos, encarando o fracasso, encontrando o amor, a alegria e até mesmo, a morte, para se transformarem ao final da história...e vivera felizes para sempre! Eis o grande final da maioria dos contos. Será mesmo! A continuidade das histórias fica a cargo da imaginação pessoal de cada um, ou seja, o que será que aconteceu depois...

O acervo das bibliotecas voltado para as crianças permite enriquecer o repertório de contos, lendas ou poemas que são narrados para os pequenos em uma versão pessoal ou também através da narrativa fiel da história. Torna-se importante ainda diferenciar as ações de “contar uma história” e “ler uma história”, em relação aos efeitos que produzem nas crianças. Segundo Allende (2012), quando se conta uma história se estabelece uma comunicação visual direta com a criança, a narração se enriquece através dos elementos que são incorporados a

história, entre outros fatores. Já ao ler uma história, estabelece-se uma relação emotiva que permite a criança associar a leitura a um momento de comunicação agradável com o adulto, ou seja, o mediador da leitura, naquele momento. Quando as crianças têm experiências continuadas com narrações lidas ou contadas, ampliam seu vocabulário e conhecimentos gramaticais.

Os contadores contam histórias de príncipes, gênios do mal, animais encantados e heróis que passam por difíceis provações para merecer casar-se e viver feliz para sempre ao lado da bela princesa, e tudo isso, num tom poético e mágico para atrair a atenção dos ouvintes. O conto tradicional é também um material fértil para se estudar as funções das palavras, a organização dos elementos que compõem as frases para criar significações.

Quem conta um conto aumenta um ponto, diz o ditado popular da tradição narrativa. Ao contar um conto, uma narrativa, um causo, sem dúvida, aumenta-se um ponto. Debus (2006, p. 75) “Um ponto na costura da sensibilidade, da emoção, do encantamento que existe na troca entre o ouvir e o narrar”.

Quem não se lembra com saudades e carinho das histórias ouvidas na infância? Que curiosidade nos levava a ouvir conversas dos mais velhos ou que interesses tínhamos nos relatos das visitas? Quantas bruxas, fadas, lobos, boitatás, fantasmas povoavam nossas noites e dias, nossas vidas na infância! É por isso que não podemos deixar findar a arte de contar histórias. Se morreram as rodas em torno da fogueira, do fogão a lenha, nas noites enluaradas, temos a missão de resgatar estas narrativas nas rodas de leitura, hora do conto e momentos de contação de histórias nas salas de aula, praças, em casa ou nas bibliotecas.

O conto da tradição oral serve a muitos propósitos, começando pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, bibliotecas e salas de leitura, onde as diferentes áreas do conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas.

A contação de histórias contribui e age na formação das crianças em áreas distintas, além de contribuir no desenvolvimento intelectual, já que tem o poder de despertar o interesse pela leitura e estimular a imaginação por meio da construção de imagens interiores e da ficção, dos cenários, personagens e ações que são narradas em cada história. Santos (2014) em seu artigo aponta que a contação de histórias tem um grande papel no desenvolvimento comunicativo, devido a sua provocação de oralidade que leva a criança a dialogar com seus colegas ouvintes que podem recontar a história que ouviram para outras pessoas. A criança recebe também influência em seu desenvolvimento físico-motor, devido à manipulação do corpo e da voz de que faz uso ao ouvir e recontar as histórias.

Silveira (1996) enfatiza que, ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento linguístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o contador centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo uma função de importância relevante, a busca do leitor.

Em tempos em que não havia a imagem, as histórias contadas e passadas através de oralidade de geração em geração, ofereciam um divertimento de natureza ímpar, o que estava dentro de cada um, em seus valores subjetivos, ou seja, aquele momento familiar possibilitava o clima intimista na relação entre as pessoas nos momentos da contação de histórias. A figura dos avós, os contadores de histórias de sempre, era símbolo do faz-de-conta, agente de introspecção imaginativa das crianças e jovens.

As histórias formam o gosto pela leitura, pois quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou até mesmo as lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para o livro e a leitura, além de instruir e enriquecer o vocabulário, as histórias ampliam a visão de mundo, ideias e conhecimentos, além de desenvolver a linguagem e o pensamento. As histórias educam e estimulam o desenvolvimento da atenção, da imaginação, observação, memória e reflexão.

Mais do que nunca, as crianças do mundo de hoje necessitam dessa experiência, por viverem constantemente em contato com a tecnologia e com uma grande quantidade de imagens, na maioria das vezes estereotipadas, como por exemplo os heróis televisivos contemporâneos, que acostumam as crianças a experiências com narrativas desprovidas de sentido.

3.2 A Biblioteca Pública Infantil e seu papel na formação de leitores

As bibliotecas, e principalmente as voltadas ao público infantil, tem grande importância no desenvolvimento do gosto e hábito da leitura, principalmente aquelas que trabalham com a primeira infância (dos 0 aos 6 anos). De natureza especializada, exige modos de organização e classificação específicas e simplificada.

São poucas as bibliotecas infantis públicas no Brasil. Geralmente existem nas bibliotecas públicas um setor infantil, com acervo literário de livros infantis e revistas em quadrinhos. Temos um grave problema no que tange ao gerenciamento e manutenção das bibliotecas públicas em nosso país, o que faz com que, o público infantil fique esquecido por estas instituições. A biblioteca infantil deve ser um espaço lúdico e encantador, pois é o lugar do brincar com os livros e com as letras, do era uma vez, do faz de conta. É o local onde se

pode desenhar, ouvir músicas, assistir filmes e teatro de fantoches, ler e ouvir histórias, ela deve ser um convite a brincadeiras, viajar no mundo da imaginação.

A primeira biblioteca infantil no Brasil foi criada em 1934, no Rio de Janeiro e foi dirigida pela grande escritora Cecília Meireles. Mais tarde, na década de 1950, o local foi demolido como parte do plano de modernização da cidade. A biblioteca tinha uma concepção avançada para a época, pois possuía em seu acervo livros infantis, atividades voltadas para a música, cinema, cartografia e jogos (SENNA; BARBOSA; SOUZA, 2017).

Senna, Barbosa e Souza (2017) mencionam uma fala de Cecília Meireles que diz: “as bibliotecas infantis correspondem a uma necessidade da época e têm vantagens não só por permitirem à criança uma enorme variedade de leituras, mas também por instruírem os adultos acerca de suas preferências” (SENNA; BARBOSA; SOUZA, 2017, p. 113).

É importante destacar também o pioneirismo nesta categoria de bibliotecas com a bibliotecária Lenyra Fraccaroli que foi responsável pela criação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na década de 1930, em São Paulo. Esse fato foi o marco inicial para a criação da rede de bibliotecas para crianças, existente até hoje. Lenyra foi também autora da primeira bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa: a bibliografia modelar.

Ressalta-se também o esforço de Denise Fernandes Tavares, no início dos anos 1950, ao fundar, em Salvador, a Biblioteca Infantil que também recebeu o nome do escritor Monteiro Lobato. Ambas profissionais também escreveram manuais de organização desta importante categoria de bibliotecas. Outras importantes iniciativas ocorridas ainda na década de 1950 foram a criação de uma biblioteca infantil, em Bagé, e a implantação de uma rede de bibliotecas, em Porto Alegre, cidades no Rio Grande do Sul. Tudo isso graças ao empenho da bibliotecária Lucília Minssen.

Yvette Zietlow Duro destaca o importante papel dessas três bibliotecárias para a inserção do conceito de bibliotecas infantis no Brasil. Segundo registros da autora, essas mulheres bibliotecárias criaram, naquela época, novas bibliotecas, além de terem otimizado as atividades das bibliotecas que já existiam, fato que as define como empreendedoras e também pioneiras nesse trabalho. (SENNA; BARBOSA. SOUZA, 2017, p. 115)

Duro (1979), afirma que: “Graças ao dinamismo, entusiasmo e persistência dessas bibliotecárias foram estabelecidas as bases do trabalho das bibliotecas infanto-juvenis e formuladas as diretrizes que passariam nortear suas atividades” (DURO, 1979, p. 212). De acordo com Melo (2018) apud Pinheiro e Sachetti (on-line) toda biblioteca necessita de organização, mesmo aquelas menores e de usuários mirins, pois para eles é necessário que a equipe da biblioteca use um sistema de sinalização que contemple códigos de fácil entendimento para as crianças. Como afirma Kuhlthau (2002), antes dos sete anos de idade as crianças não são capazes de desenvolver tarefas que exijam categorização e classificação, portanto, nesta idade será inútil o ensino detalhado de sistemas de classificação.

No caso da Biblioteca Infantil de Sergipe, o acervo foi catalogado através da CDU (Classificação Decimal Universal) e a disposição dos livros nas estantes obedeceu ao critério de duas divisões setoriais e por cores: Literatura Infantil (azul) e Literatura Infanto-juvenil, que atende ao público adultos também (vermelho), com sinalização em adesivo colorido na lombada. Uma maneira fácil de identificar se um livro está incorretamente guardado e os livros estão dispostos nas prateleiras em ordem alfabética por título, alguns por coleções e os autores que possuem muitos exemplares, a exemplo de Ruth Rocha, Ziraldo, Ana Maria Machado, estão todos juntos devidamente sinalizados.

Com os avanços tecnológicos e as contínuas mudanças sociais no mundo moderno atual, processos educativos mais criativos e mais dinâmicos são necessários para que haja uma educação permanente. Não basta a criança saber ler, ser letrada, e sim, ter o gosto em frequentar uma biblioteca, participar de suas atividades culturais e despertar para o desejo de continuar sempre lendo, mais e mais. Desta forma, o objetivo maior a ser atingido pelas bibliotecas infantis ao oferecer atividades lúdicas, deve ser a formação cidadã e crítica da criança além é claro, da aquisição de conhecimentos por parte de seu público alvo.

A Biblioteca Infantil tem como função incentivar e estimular a aprendizagem, a criatividade, e a comunicação da criança e do adolescente. É nela que as crianças terão oportunidades de ampliar seus conhecimentos de vida, terão um local propício para a prática de atividades que irão desenvolver habilidades, raciocínio, senso crítico mais aguçado.

Através de projetos voltados ao público infantil a biblioteca pode semear leituras na vida das pessoas e futuramente os frutos poderão ser colhidos. O processo de formação de leitores é lento e a criação do hábito da leitura deve ser inserido desde cedo na vida das crianças e a biblioteca, com certeza, tem papel importante neste processo. Ouvindo ou lendo histórias sobre outros lugares, outras pessoas, outras culturas, sobre seus medos e inseguranças, sobre suas emoções, a criança descobre valores e desenvolve seu potencial crítico.

O descaso com as bibliotecas públicas no Brasil é bem comum, pois a grande maioria não explora o seu potencial como deveria, não possuem dotação orçamentária para manutenção e atualização de acervos, não possuem profissionais capacitados, e principalmente, a figura do Bibliotecário inexistente. São usadas como depósito de livros velhos e empoeirados, sem critérios de organização, utilizam espaços inadequados e improvisados, sem integração com a comunidade, sem ações voltadas aos interesses do público alvo. Este é o quadro atual e vigente das bibliotecas públicas em nosso país, com raras exceções.

E quando falamos em público infantil, aí que as coisas se agravam, pois, os setores infantis das bibliotecas, quando existem, ocupam apenas um pequeno espaço com poucos

livros, sem estímulo algum para que as crianças possam fazer daquele espaço, um local de vivência, lazer e aprendizado. Daí a importância em se investir mais em Bibliotecas Infantis, focadas nesta fatia do mercado leitor. Quando se trabalha com um público específico, fica mais fácil de se planejar estratégias que atinjam os objetivos propostos.

É interessante citar aqui o que Almeida Júnior (2012) fala em seu artigo Espaços e Equipamentos Informacionais:

As bibliotecas também são vistas como o espaço das normas, dos regulamentos, das proibições. Bebidas e comidas são vetadas: podem sujar, estragar os livros. Bolsas e pertences pessoais devem ser deixados no guarda-volumes (controlados por funcionários da biblioteca ou não)...devoluções em atraso acarretam sanções(multas ou suspensões)... (ALMEIDA JÚNIOR, 2012, p. 27)

Desta forma podemos perceber que em biblioteca infantil normas e regras existem, porém são bem mais flexíveis por se tratar de crianças. Podemos encontrar regulamento para utilização do acervo por empréstimo, porém, o livre acesso as estantes e a livre escolha do que ler, deve ser um ponto forte quando se pensa na formação do leitor. A leitura deve ser prazerosa e não imposta, obrigatória. A criança precisa ter a liberdade de escolher aquele livro que lhe encanta e atrai, sem que haja restrições neste processo.

O silêncio não existe nestes espaços, a ludicidade e o brincar com a leitura, dá ao local um tom de prazer e felicidade. A biblioteca infantil não é um local para introspecção, pelo contrário, é um espaço para que a criança possa extravasar sua curiosidade, manipular os livros, sentir o cheiro das páginas e mergulhar no mundo da imaginação através das histórias lidas ou contadas. Sentadas ou deitadas nas almofadas, as crianças ao explorar os livros na biblioteca, deve escolher a forma mais confortável e que a faça sentir-se bem. O principal objetivo de uma biblioteca infantil é despertar o prazer das crianças pela leitura, além de proporcionar um ambiente de estímulo à criatividade e ao raciocínio lógico, que venha a contribuir para o seu desenvolvimento intelectual e de futuro cidadão.

De acordo com o Manifesto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em parceria com a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), espaços para crianças em bibliotecas públicas é primordial, portanto, as bibliotecas devem possuir setores com acervo específico para esse público, bem como atividades culturais voltadas para todas as idades. Segundo o Manifesto, os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social e todos os

grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades (IFLA; UNESCO, 1994). Destacam-se ainda, pontos importantes para apoiar as bibliotecas infantis:

- a) a importância de se criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- b) apoiar a educação formal a todos os níveis; estimular a imaginação e a criatividade das crianças e dos jovens;
- c) apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

Como no Brasil as bibliotecas escolares praticamente inexistem, e quando existem, não atendem as necessidades da comunidade escolar, servindo de depósito de livros didáticos e sem ação alguma que incentive o alunado ao gosto e hábito pela leitura, as bibliotecas públicas passam a ter responsabilidade ainda maior na educação e no incentivo à leitura de crianças e jovens. Hoje, as bibliotecas públicas são bastante frequentadas por escolas em busca de atividades extras à sala de aula, que possam complementar suas atividades curriculares.

Os serviços disponibilizados nas bibliotecas públicas de todo mundo têm uma importância imensa não só para as crianças, mas para as famílias e a comunidade como um todo. Uma biblioteca infantil dinâmica e preocupada em atender aos anseios da população na qual está inserida fornece competências para a aprendizagem ao longo da vida e para a literacia, capacitando as crianças para participar e dar sua contribuição positiva para a vida em sociedade. Segundo as diretrizes para serviços de bibliotecas para crianças da IFLA (2001), sua missão se dá:

Através da disponibilização de um vasto leque de materiais e actividades, as bibliotecas públicas facultam às crianças a oportunidade de experimentar o prazer da leitura e a excitante descoberta de obras do conhecimento e da imaginação. Deve ser ensinada, tanto às crianças como aos pais, a melhor forma de tirar o máximo proveito da biblioteca e de desenvolver competências na utilização de materiais impressos e electrónicos. As bibliotecas públicas têm uma responsabilidade especial no apoio ao processo de aprendizagem da leitura e na promoção do livro e de outros materiais para crianças. A biblioteca deve organizar actividades especiais para crianças, tais como sessões de conto e outras actividades relacionadas com os serviços e os recursos da biblioteca. As crianças devem ser motivadas para a utilização da biblioteca a partir de muito cedo, já que tal tornará mais provável que continuem a ser utilizadores no futuro. Em países com mais de uma língua, os livros e os materiais audiovisuais para crianças devem estar disponíveis na sua língua materna. (IFLA, 2001, n.p.).

Os serviços disponibilizados nas bibliotecas públicas de todo mundo têm uma importância imensa não só para as crianças, mas para as famílias e a comunidade como um todo. Uma biblioteca infantil dinâmica e preocupada em atender aos anseios da população na qual está inserida fornece competências para a aprendizagem ao longo da vida e para a literacia, capacitando as crianças para participar e dar sua contribuição positiva para a vida em sociedade.

A biblioteca pública é um elo de ligação entre a necessidade de informação de um membro da comunidade e o recurso informacional que nela se encontra organizado e à sua disposição. Além disso, uma biblioteca pública deve constituir-se em um ambiente realmente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideais, discutir problemas, auto instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer (Fundação Biblioteca Nacional, 2000, p.17).

Diante de um quadro desanimador por parte dos gestores públicos que gerenciam bibliotecas públicas no Brasil, pois o que mais se ouve são reclamações por falta de investimentos, falta de apoio e de condições ideais para que serviços de qualidade possam ser colocados a disposição da comunidade, mais uma vez, destacamos a necessidade e importância em focar nas políticas públicas que realmente tenham continuidade e possam ser inseridas como política de Estado, e não de governo, já que, a descontinuidade prejudica os resultados a longo prazo, principalmente quando se fala em formação de leitores. Priorizar a capacidade técnica do profissional bibliotecário frente às bibliotecas, principalmente as públicas, é o que se espera hoje e sempre.

4 METODOLOGIA

Minayo (2008) entende por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, inclui-se aí simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). Toda investigação começa por uma questão, um problema, uma pergunta, uma inquietação.

Strauss (2008) define a metodologia como uma forma de pensar a realidade social e estudá-la. Já os métodos são conjuntos de procedimentos e técnicas para coletar e analisar os dados. Desta forma, o projeto de pesquisa foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica seletiva e analítica sobre o assunto em diversos suportes de informação como livros, artigos e *sites* na internet. A pesquisa é qualitativa e contou com a aplicação de questionários junto a ex-estagiários, professores e contadores de histórias que fizeram parte dos projetos desenvolvidos pela Biblioteca Infantil de Sergipe, principalmente o Projeto 1,2,3...era uma vez, desenvolvido de 2007 a 2018. Parte dos questionários foram aplicados pessoalmente, outros enviados via *e-mail*, principalmente os aplicados aos ex-estagiários. Para os professores que frequentaram a biblioteca no período, criou-se um questionário *on-line*, já que alguns residem no interior do Estado. Justifica-se aqui o uso dos questionários visto que foi a única forma de contactar essas pessoas, seria impossível entrevistá-las devido à questão do tempo hábil para a pesquisa, além do que, algumas não moram mais em Sergipe, como é o caso de alguns ex-estagiários. Foi necessário recorrer às redes sociais para localizar algumas pessoas e, por não estar mais à frente da biblioteca, ficou impossível ter acesso a alguns arquivos e dados de contato de professores.

Optou-se, neste estudo, pela pesquisa qualitativa, que busca entender um fenômeno específico em profundidade, neste caso as ações culturais desenvolvidas como ferramentas de incentivo à leitura em bibliotecas infantis. Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a pesquisa qualitativa irá trabalhar com descrições, comparações e interpretações. A pesquisa qualitativa tem como foco compreender e aprofundar os fenômenos que são explorados a partir da perspectiva dos sujeitos em um ambiente natural e com relação ao contexto. Divide-se em três etapas: fase exploratória (produção do projeto de pesquisa), trabalho de campo (construção teórica e instrumentos de observação) e análise e tratamento do material documental (compreender e interpretar os dados).

A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2008):

Responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2008, p. 21).

O ambiente de estudo foi a Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 11 anos (2007 a 2018), dos quais vários sujeitos fizeram parte das principais ações, os quais deixaram suas contribuições. A pesquisa documental também foi outro instrumento útil para a coleta de dados, utilizando desde tabelas estatísticas a documentos produzidos ou recebidos pela Biblioteca. Fotografias e reportagens foram incluídas. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como vídeos, fotografias ou outros registros. Tendo em vista a reduzida quantidade de publicações que versam sobre o tema Biblioteca Infantil, o produto final desta pesquisa foi a publicação de um livro técnico-científico sobre a temática.

A pesquisa qualitativa é diferente da quantitativa, pois na quantitativa acontece primeiramente a coleta de dados para depois analisar. Já na qualitativa, os dois processos acontecem simultaneamente. A análise não é padrão, cada estudo tem suas particularidades e esquema próprios. No estudo em curso, os dados serão coletados através dos relatórios anuais que a Biblioteca Infantil fez no período, nos quais constam dados como: frequência mensal de pessoas, número de empréstimos realizados, número de novos usuários e aquisições (livros e gibis). Também estarão incluídos números do antes e depois dos projetos permanentes, a exemplo do Projeto Leitura Premiada que mostra o crescimento de empréstimos após a sua implantação. Foram abordadas pessoas que fizeram parte da história da biblioteca ao longo de 11 anos (2007-2018), conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Coleta de Dados

Instrumento de Coleta	Sujeitos/Objetos de análise
Questionários	<ul style="list-style-type: none"> - Contadores de histórias - Ex-estagiários - Professores que frequentam a Biblioteca
Pesquisa Documental	<ul style="list-style-type: none"> - Relatórios Mensais - Dados Estatísticos - Documentos históricos - Matérias jornalísticas - Fotos e Vídeos

Fonte: da autora, 2018.

Vale observar que, na coleta de dados, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), recebe-se dados não estruturados, e o pesquisador deve lhes dar estrutura.

Os dados são bem variados, mas eles são essencialmente narrações dos participantes: a) visuais (fotografias, vídeos, pinturas entre outros), b) auditivas (gravações), c) textos escritos (documentos, cartas, etc.) e d) expressões verbais (como respostas orais e gestos em uma entrevista ou grupo focal), além das narrações do pesquisador... (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013, p. 447).

Em relação aos instrumentos de coleta de dados, conforme já mencionado, foram utilizados os questionários e a pesquisa documental, conforme explicado a seguir:

- a) **Questionário:** foram aplicados questionários a alguns ex-estagiários que fizeram parte dos projetos desenvolvidos na biblioteca no decorrer dos últimos 11 anos para que os mesmos pudessem expressar sua visão enquanto aprendizes, colaboradores e executores das ações desenvolvidas. Como foi para eles a experiência, quais percepções tiveram naquele período junto a equipe, e o que mudou em suas vidas após compartilhar saberes na biblioteca. Já para os contadores de histórias que iniciaram com o projeto 1,2,3...era uma vez, o primeiro realizado na biblioteca, como foi a experiência, visão e opiniões a respeito do poder transformador das histórias. Saber o que os professores acharam da biblioteca, como foi a vivência extra-classe com os alunos em um espaço diferente, também foi de grande valia. Os questionários foram aplicados pessoalmente, alguns enviados por *e-mail* e também foi utilizado formulário *on-line* no *Google Forms* para conseguir aplicar os questionários junto aos professores.
- b) **Pesquisa Documental:** utilizando os dados colhidos ao longo de 11 anos pelas ações desenvolvidas na biblioteca através de seus projetos permanentes é traçar uma trajetória que começou tímida e desafiadora, porém tornou-se gigante e referência no Estado e fora dele. Assim, toda documentação reunida serviu de parâmetro para demonstrar que é possível com dedicação e esforço tornar uma biblioteca, antes desconhecida, em uma unidade dinâmica e viva, cumprindo seu papel perante a sociedade.

Como na pesquisa em questão a aplicação de questionário foi uma das formas de coleta de dados, para cada categoria (professores, ex-estagiários e contadores de histórias), foram direcionadas perguntas pertinentes e importantes para a aquisição das informações necessárias. Seguindo o que diz Rosa (2008), as entrevistas semiestruturadas devem formular questões de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre o tema. Acontece aí uma relação de confiabilidade (entrevistador-entrevistado). As questões seguiram uma formulação flexível e a dinâmica aconteceu naturalmente.

Um roteiro de protocolo foi organizado para o entrevistador que, segundo Rosa (2018, p. 44), deve obedecer os seguintes itens: histórico e objetivos, construção do roteiro, critérios para a seleção de sujeitos, modelo de formulário de consentimento, previsão de formas de acompanhamento do processo, seleção de critérios para o registro de dados e transcrições, sistema de análise e avaliação dos dados obtidos, sistematização dos mesmos e elaboração do relatório. Portanto, utilizar da aplicação de questionário requer qualificação plena do pesquisador, compromisso com a ética e o conhecimento das diferentes formas de analisar os dados.

4.1 Etapas da Análise dos Dados

De acordo com Teixeira (2003), a análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado.

4.1.1 Categorias

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 458), na pesquisa qualitativa as categorias devem manter uma relação estreita com os dados. São experiências, ideias, fatos relevantes à pesquisa, porém o número de categorias vai depender do volume de dados colhidos na pesquisa. As categorias têm estreita ligação com os objetivos, o problema de pesquisa e o revisão de literatura. No caso em questão algumas categorias foram analisadas, tais como: leitura, mediação da leitura, história da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe, bibliotecários e formação de leitores, biblioteca infantil e contação de histórias.

Segundo Moraes (1999),

A categorização é um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos focalizando em problemas de linguagem. Cada conjunto de categorias, entretanto, deve fundamentar-se em apenas um destes critérios (MORAES, 1999, p. 8).

A categorização classifica os elementos seguindo determinados critérios. Ela facilita a análise da informação, mas deve fundamentar-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo. É sem dúvida, uma das etapas mais criativas da análise de conteúdo.

O conteúdo analisado não pode ser classificado em mais de uma categoria, ou seja, a definição das categorias deve ser clara. Segundo Carlomagno (2016, p. 178), “o que está em uma categoria, não pode estar em outra. Um determinado conteúdo não pode ser passível de ser classificado em uma outra categoria a depender da interpretação do analista”.

As categorias não podem ter elementos que se sobreponham ou sejam redundantes, que possibilitem que as mensagens se encaixem em uma ou outra categoria.

4.1.2 Codificação

A codificação das unidades analisadas é importante para que essas não se percam na diversidade do material trabalhado. Campos (2004) diz que codificar é o processo através do qual os dados brutos são sistematicamente transformados em categorias e que permitam posteriormente a discussão precisa das características relevantes do conteúdo.

O processo de codificação, ou seja, a marcação do que for analisado, pode ser feitas com sinais ou símbolos que permitam seu agrupamento posterior e tabulação, seja em categorias ou subcategorias, cabendo ao pesquisador fazer a sua escolha. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013),

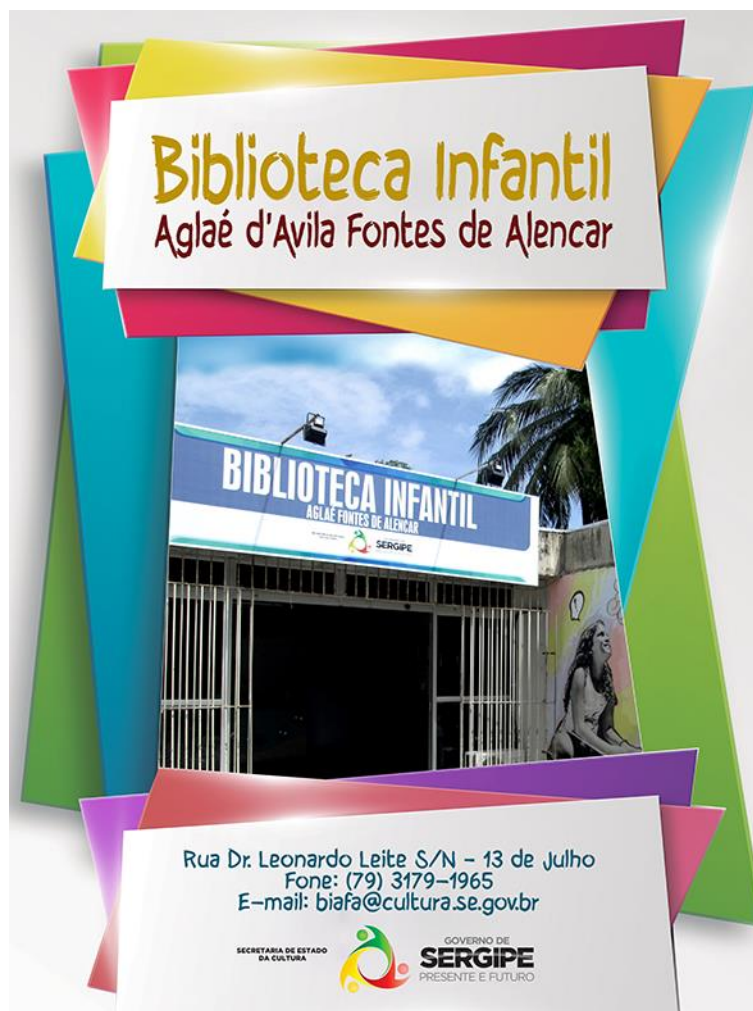
A codificação além de identificar experiências ou conceitos em segmentos dos dados (unidades), implica tomar decisões sobre quais peças se “encaixam” entre si para que sejam categorizadas, codificadas, classificadas e agrupadas para formar os padrões que serão utilizados para interpretar os dados (SAMPIERI, COLLADO; LUCIO, 2013, p. 456).

Portanto, a codificação é importante na pesquisa para que se possa visualizar a técnica utilizada na categorização dos dados que se relacionam. Isto é, os dados são agrupados

em categorias e depois codificados. Codificar significa transformar, tudo que é qualitativo em algo quantitativo, assim, facilita-se não só o processo de tabulação dos dados, como também sua comunicação e entendimento.

5 CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE

Figura1 - Entrada da Biblioteca Infantil



Fonte: arquivo pessoal (Banner elaborado pela Secult, 2016).

Ações culturais desenvolvidas em bibliotecas através de projetos bem elaborados são uma forma de tornar o espaço mais atrativo, dinâmico e vivo. Na Biblioteca Infantil de Sergipe, os sete (7) projetos permanentes foram criados em 2007 com metodologias diversas, porém com o objetivo de aproximar a comunidade do livro, leitura e biblioteca. A execução destes projetos, de caráter permanente e contínuo, transformou a biblioteca e buscou, cada vez mais, aprimorar ações e serviços em prol do público alvo no conhecimento e uso das bibliotecas públicas no Estado de Sergipe. Infelizmente com a saída da Diretora Claudia Stocker da biblioteca, em janeiro de 2019, e a transferência da biblioteca do prédio onde ela funcionava, para ocupar uma sala única dentro da Biblioteca Pública Epifânio Dória, os projetos correm o

risco de não serem mais executados, findando-se aí, um ciclo de 11 anos de ações voltadas ao livro, leitura e bibliotecas de maneira continuada e efetiva.

A biblioteca infantil pode ser assim caracterizada:

- a) **Nome e natureza:** Biblioteca Pública Infantil de Sergipe, unidade da Secretaria de Estado da Cultura até 2018. Em 2019 passou para a pasta da SEDUC (Secretaria da Educação, Esporte e Cultura).
- b) **Histórico:** A Biblioteca Pública Infantil Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar foi inaugurada a princípio, como Setor Infantil da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dórea, em 29 de outubro de 1974, e sua primeira coordenadora foi a prof^a. Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar. Somente no ano de 1985 foi desvinculada da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dórea e teve como primeira Diretora Maria Angélica Góes de Carvalho. De 1989 a 2002 a Biblioteca Pública Infantil passou por uma série de transformações. Foi gerida por vários diretores, passou por duas reformas neste período. Em 2018 passou por reforma novamente, sendo que a última deu a conotação atual. Por conta da Lei A Lei Federal nº 6.454, de 1977 que proíbe a colocação do nome de pessoas vivas em logradouros e outros bens públicos, a Biblioteca precisou ter o nome da Professora Aglaé Fontes retirado por conta da mesma estar viva. Sendo assim, a Biblioteca passou a adotar o nome de Biblioteca Pública Infantil de Sergipe.
- c) **Descrição dos principais serviços:** Empréstimo domiciliar, leitura e pesquisa local, ações culturais (contações de histórias, teatro de fantoche, mediação de leitura, exposições, concursos, gibiteca, brinquedoteca, oficinas e mini-cursos, palestras e encontros, lançamento de livros, entre outros).
- d) **Porte, instalação e tipo:** Prédio próprio e adequado, construído anexo a Biblioteca Pública Epifânio Dória. Possui 6 salas (Direção, Gibiteca, Acervo Geral, Oficinas, Brinquedoteca, Reserva Técnica), copa, recepção, 3 baterias de sanitários (2 para o público e 1 para os funcionários), área central para a realização das ações principais, área descoberta e gradiada para circulação. Recebe até 50 crianças por turno. Estrutura adaptada para receber portadores de necessidades especiais, como rampa de acesso e portas largas. Obs: os banheiros não são adaptados. Possui também um túnel subterrâneo que liga as duas bibliotecas. Estacionamento para deficiente físico e idosos.
- e) **Principal foco ou área (local, regional, nacional ou internacional):** público local da capital Aracaju e interior do Estado de Sergipe. Pessoas de outros Estados no

Encontro de Contadores de Histórias de Sergipe, evento realizado anualmente, no mês de março com seu apoio e organização até 2018.

- f) **Declaração da missão, visão e valores:** Oferece múltiplas possibilidades de leitura, entretenimento e pesquisa ao público infantil e infanto-juvenil, levando-os a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo. Contribui para a formação de leitores, incentivando o hábito de leitura entre as crianças, a fim de estimular a imaginação criadora e a prática do exercício da cidadania.
- g) **Tipos de usuários:** Comunidade em geral, alunos de escolas públicas e privadas da capital e interior do Estado, instituições e Ongs que assistem crianças em situação de pobreza e vulnerabilidade. Parceiros: Escolas, Contadores de Histórias, Iniciativa privada.
- h) **Recursos Humanos (até 2018):** 1 servidor público (aux. administrativo), 2 Terceirizados (serviços gerais e aux. administrativo), 1 estagiário Nível Universitário, 3 estagiários Nível médio, 1 Bibliotecária (Direção- cargo comissionado).
- i) **Análise do Desempenho Organizacional:** A Biblioteca no decorrer de 11 anos (2007-2011) passou a ser referência em Biblioteca Pública no Estado. De um acervo formado apenas por 4 mil livros e 2 mil Gibis, aumento consideravelmente para 11 mil livros e 5 mil gibis, fruto de campanhas de doações e compra. Teve seu acervo informatizado o que facilitou o processo de busca e recuperação da informação. Ampliou seu leque de serviços e atividades, passando a ser frequentada mensalmente, além de servir de laboratório para alunos do curso de Biblioteconomia, Pedagogia, Letras, Teatro entre outros.

5.1 Análise SWOT

O termo SWOT é a junção das palavras *Strenghts*, *Weaknesses*, *Opportunities* e *Threats* que significam respectivamente: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças. A Análise SWOT também é conhecida no Brasil pelo nome de Análise FOFA ou FFOA, a qual visa posicionar ou verificar a posição estratégica de uma determinada empresa em seu ramo de atuação. A seguir, a análise SWOT da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe:

Quadro 2 – Análise SWOT da Biblioteca Infantil

<p>FORÇAS</p>	<p>Melhores atividades: Contação de histórias; oficinas temáticas para capacitação; mediação de leitura; empréstimo domiciliar.</p> <p>Melhores recursos: recursos humanos (bibliotecário, técnicos e estagiários) comprometidos e atuantes (equipe sintonizada); acervo variado e atualizado; gibiteca; brinquedoteca; fantoches para contação de histórias.</p> <p>Maior vantagem competitiva: ações permanentes e diversificadas (ações culturais) mensais e público específico para trabalhar (infantil); localização.</p> <p>Nível de engajamento dos clientes: alto (com relação a escolas públicas que frequentam ao espaço durante o ano); médio (com relação a usuários do acervo – empréstimo domiciliar).</p> <p>Serviços nas redes sociais que têm dado uma excelente resposta (Instagram, Facebook, Twitter e vídeo no Youtube),</p> <p>Parceira com as secretarias Municipal e Estadual de Educação.</p>
<p>FRAQUEZAS</p>	<p>Mão de obra: Bibliotecário apenas na direção. Seria necessário mais profissionais da área através de concurso público para continuidade do serviço. Estagiários que só podem atuar durante 2 anos, fragiliza o andamento das ações, pois quando estão treinados e capacitados, há a necessidade de substituição.</p> <p>Espaço físico: por ser um organismo em crescimento, a biblioteca precisa de mais espaço para o acervo e para o desenvolvimento de ações com mais crianças, já que atualmente, apenas 50 crianças podem participar das atividades por vez.</p> <p>Uso de tecnologias: a biblioteca não possui computadores para os usuários, não possui recursos como (tablets, televisão, som,</p>

	<p>Datashow) para ampliar seu leque de atividades e oferecer novas formas de acesso a informação. Apesar do acervo estar inserido em base de dados (Bibliivre), não há catálogo disponível para consulta dos usuários. Apenas 1 PC é utilizado para todos os serviços da biblioteca.</p> <p>Desconhecimento de uma parcela da sociedade que ainda não sabe da existência da biblioteca.</p>
AMEAÇAS	<p>Perda de trabalhadores fundamentais: bibliotecário, servidor que se aposenta. Estagiários com contrato findando; troca de governo também pode mudar o curso das coisas e comprometer a continuidade dos projetos permanentes da biblioteca.</p>
OPORTUNIDADES	<p>Com a reforma da Biblioteca e climatização do espaço, novos serviços poderão ser oferecidos e mais pessoas terão interesse em frequentar o espaço, principalmente para leitura local.</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2018.

5.2 Projetos permanentes desenvolvidos

Os projetos permanentes desenvolvidos há 11 anos na Biblioteca Infantil refletem a importância em se manter o espaço dinâmico e vivo como deve ser uma Biblioteca Pública. Oferecer serviços diferenciados e de qualidade que visam tornar o espaço atrativo, dando continuidade aos projetos já desenvolvidos. O Quadro 2 traz uma relação dos projetos desenvolvidos.

Quadro 3 - Projetos Permanentes desenvolvidos na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe

Nome do Projeto	Ano de Criação	Descrição	Público Alvo	Objetivo
1,2,3...ERA UMA VEZ	2007	Aborda temáticas significativas, dinâmicas de leitura, oficinas de artes e literatura, exposições, teatro de fantoches, dramatizações e contações de histórias, encontro com	Crianças de todas as faixas etárias da comunidade, escolas e	Inserir a criança no universo literário através do lúdico, além de incentivar o

		escritores, lançamento de livros, entre outras atividades.	demais instituições.	gosto e hábito pelos livros.
LEITOR DESTAQUE DO ANO	2007	Iniciou com a premiação de 10 leitores e atualmente, premia os 5 mais assíduos do ano. A premiação é realizada no final de ano, em evento onde os destaques recebem certificado, tem sua foto colocada na galeria de leitores do ano que fica na recepção da biblioteca e recebem kit's de livros e outros prêmios.	Usuários cadastrados na Biblioteca – Crianças e Adultos.	Premiar leitores que mais utilizam o acervo para empréstimo domiciliar durante o ano.
TROCANDO LEITURAS	2008	Formado por acervo de duplicatas de literatura infantil, infanto-juvenil e adulta, recebidos por doações e que a biblioteca já possui. O projeto não recebe livros didáticos.	Qualquer pessoa da comunidade. Crianças, jovens e adultos.	Possibilitar a troca de livros e gibis pela comunidade.
TEIA LITERÁRIA	2015	Utiliza temáticas específicas (poemas, autores sergipanos, lendas, contos de fadas, fábulas, quadrinhos, cordel, entre outros) através da mediação de leitura.	Crianças que frequentam a biblioteca.	Abordar temáticas através da mediação para que as crianças possam interagir com o mediador.
#EuLeio	2016	Parceria com a Rede Ler e Compartilhar de Maceió-AL, programa de circulação de acervos e formação de leitores. Aposta no poder dos livros e da mediação literária orientada como potencial ilimitado para a transformação social e o acesso à cidadania. Possui atualmente 10 sacolas com	Alunos de Escolas Públicas do Ensino Fundamental e Médio.	Criar e dinamizar ações de leitura nas escolas públicas de Sergipe que não possuem biblioteca ou acervo adequado.

		40 títulos em escolas públicas da capital e interior. De 6 em 6 meses as sacolas são trocadas e os professores trabalham projetos de leitura que são acompanhados e avaliados pela Bibliotecária Claudia Stocker e a Coordenadora da Rede Ler e Compartilhar, Claudia Lins.		
LEITURA PREMIADA	2017	Visa promover o acervo literário da biblioteca, incentivando seu uso com o empréstimo domiciliar. Vale-brindes são colocados dentro dos livros e o usuário poderá achar e ganhar brindes diversos.	Usuários cadastrados na Biblioteca – Crianças e Adultos	Promover a utilização do acervo e incentivar a leitura.
APRENDER E CAPACITAR	2017	Oferece a comunidade (professores, gestores de bibliotecas, comunidade em geral), oficinas temáticas diversas com carga horária de 4 horas. Ministradas por profissionais de diversas áreas que voluntariamente se dispõe a capacitar àqueles que estão em busca de conhecimento.	Comunidade em geral	Oferecer serviços a comunidade compartilhando conhecimentos.

Fonte: da própria autora, 2018.

Com base nos projetos descritos no quadro acima, é possível observar que cada um foi pensado com o intuito de favorecer a comunidade que frequenta a biblioteca infantil, desde as crianças até os adultos, já que, a criança por si só, não pode frequentar a biblioteca sozinha, e sim estar sob a companhia de um adulto. Desta forma, incluir os adultos, sejam professores, pais, ou demais pessoas da comunidade nas ações da biblioteca faz com que a mesma atinja seu caráter de espaço sociocultural, o qual dispõe de produtos e serviços informacionais para a comunidade em geral.

5.3 Estatísticas de uso da biblioteca

Pode-se observar que no início da implantação do primeiro projeto no segundo semestre de 2007, o público ainda tímido passou a conhecer o espaço e a frequentá-lo. Para um local que não trabalhava nenhuma atividade de leitura, os números mostram o crescimento considerável conseguido em 2008 e 2009, quando da realização de duas edições da Feira do Livro de Sergipe. O evento foi uma parceria entre o Governo do Estado através da SECULT-Secretaria de Estado da Cultura, Nossa Escola, Biblioteca Pública Epifânio Dória e Infantil. Durante esses eventos, na área externa das bibliotecas Epifânio Dória e Infantil foram montados *stands* de livrarias e editoras e na área interna das mesmas aconteceram palestras, oficinas, contações de histórias e exposições. Tais atividades reuniram um público estimado de aproximadamente 50 mil pessoas em um período de sete dias.

Tabela 1 – Frequência anual de pessoas

Ano	Frequência
2007	1.640
2008	9.453
2009	7.238
2010	4.726
2011	4.279
2012	5.341
2013	3.213
2014	4.731
2015	6.023
2016	5.916
2017	7.329
2018	6.913
Total	66.802

Fonte: Relatórios anuais da Biblioteca Infantil, 2019.

Ações de contação de histórias aconteciam sempre no interior da Biblioteca Infantil. Já em 2009, 2010 e 2011 outro grande projeto foi executado junto às Bibliotecas Públicas Epifânio Dória e Infantil: o Projeto Livro Vivo, que beneficiou nove mil crianças de escolas públicas municipais e estaduais com a distribuição de kits de livros da Editora Paulus. O projeto contou com atividades de contação de histórias simultâneas nos ambientes das duas bibliotecas tendo como colaboradores, contadores de histórias voluntários. Em 2013 percebe-se queda nos números de frequentadores devido a uma greve dos professores das escolas públicas que

perdurou por alguns meses, impedindo assim, as escolas de levarem os alunos às atividades ofertadas pela biblioteca. Nos anos seguintes, a frequência voltou a crescer com a inclusão de novos projetos e o início da divulgação das ações nas redes sociais (Facebook e Instagram) criados para a biblioteca.

Figura 2 – Contação de Histórias na Semana Monteiro Lobato



Fonte: arquivo pessoal, abril/2018.

A Tab. 2 refere-se ao número de empréstimos domiciliares realizados nos anos de 2007 a 2018. Observa-se que começou timidamente, já que o serviço não era oferecido anteriormente pela biblioteca, e, aos poucos, as pessoas passaram a conhecer o acervo que estava à disposição. Nos anos de 2008 à 2013 a biblioteca passou a emprestar livros para professores, que puderam levar até 50 livros por empréstimo para trabalhar em sala de aula por um período de 20 dias. Após 2013 a biblioteca começou a sentir uma queda no número de empréstimos devido a vários fatores. Desta maneira em 2017 inicia-se o Projeto Leitura Premiada para atrair os leitores, já que em 2016 a quantidade de livros emprestados foi bem inferior (456). Em apenas dois anos, pode-se avaliar como positivo o Projeto Leitura Premiada, já que houve um aumento considerável nos empréstimos. Em 2018 os dados foram coletados até o mês de julho, pois em agosto a Biblioteca Infantil fechou para reforma.

Tabela 2 – Empréstimo de Livros

Ano	Empréstimos
2007	618
2008	1.508
2009	794
2010	1.279
2011	780
2012	1.431
2013	1.107
2014	969
2015	812
2016	456
2017	976
2018 (até Julho)	695
Total	11.425

Fonte: Relatórios anuais compilados pela pesquisadora, 2019.

Figura 3 – Ganhadora do Projeto Leitura Premiada

Fonte: arquivo pessoal, 2017 (Vale-Pizza).

A Tab.3 refere-se aos novos cadastros de usuários a cada ano.

Tabela 3 – Novos Cadastros realizados

Ano	Cadastros
2015	76
2016	51
2017	71
2018 (até Julho)	72
Total	270

Fonte: Relatórios anuais compilados pela pesquisadora, 2019.

O Projeto Leitura Premiada foi criado em 2015, o qual alavancou o número de novos usuários cadastrados para utilizar o acervo por empréstimo domiciliar. Em 2015 foram 76 novos cadastros; em 2016, 51 novos cadastros; 2017, 71 novos cadastros e em 2018 até o mês de Julho, 72 novos usuários foram cadastrados na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe.

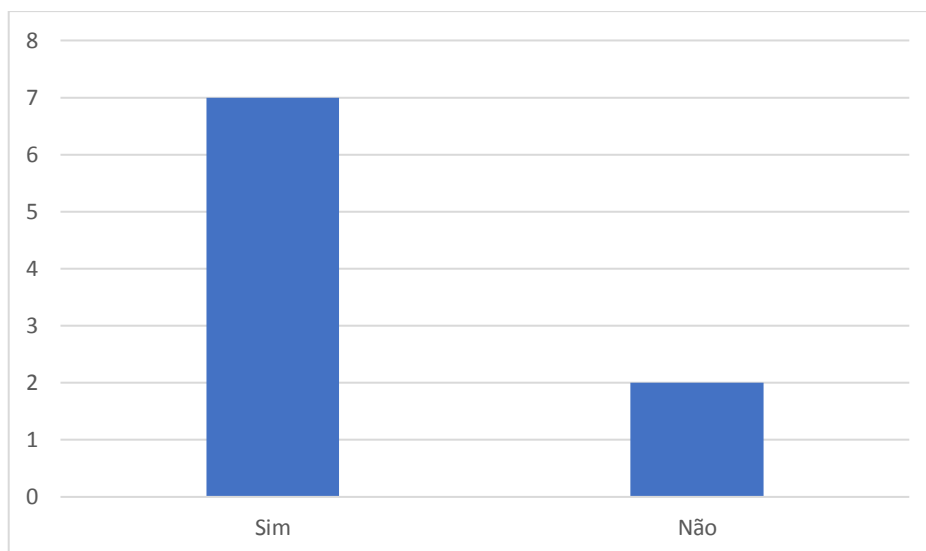
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após análise dos questionários aplicados junto a alguns contadores de histórias que participaram das ações da biblioteca desde a implantação do Projeto 1,2,3...Era uma vez em 2007, com ex-estagiários que fizeram parte do quadro no período e também alguns professores que periodicamente levavam turmas de alunos para participar das ações oferecidas pela Biblioteca Infantil, chegamos aos resultados nos próximos tópicos.

6.1 Ex-estagiários

Antes de 2007, a Biblioteca só contava com três funcionários: um diretor, um servidor público e um auxiliar de serviços gerais. Estagiários só passaram a fazer parte do quadro a partir do segundo semestre de 2007, com a contratação de alunos graduandos universitários do curso de Letras. A princípio eram dois estagiários, um no turno matutino e outro no vespertino. Os estagiários de nível universitário tinham carga horária de seis horas diárias e os de nível médio quatro horas, de segunda a sexta-feira. A partir de 2011, novas vagas foram disponibilizadas, desta vez, para estudantes de nível médio. Todos foram devidamente selecionados através de entrevista e escolhidos os que possuíam o perfil desejado. Os serviços foram ensinados para que os mesmos pudessem fazer atendimento ao público, dar informações e apresentar a biblioteca, ajudar na organização do acervo, executar tarefas rotineiras de empréstimo e devolução de livros, além de realizar ações de contações de histórias, mediação de leitura, ministração e participação de oficinas temáticas, dentre outras atividades.

Na coleta de dados para a pesquisa foram aplicados nove questionários a ex-estagiários (sete de nível superior e dois de nível médio), os quais passaram pela biblioteca no período de 2008 a 2018. O questionário aplicado encontra-se como apêndice da pesquisa. O Graf. 1 refere-se ao conhecimento prévio dos estagiários sobre a existência da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe:

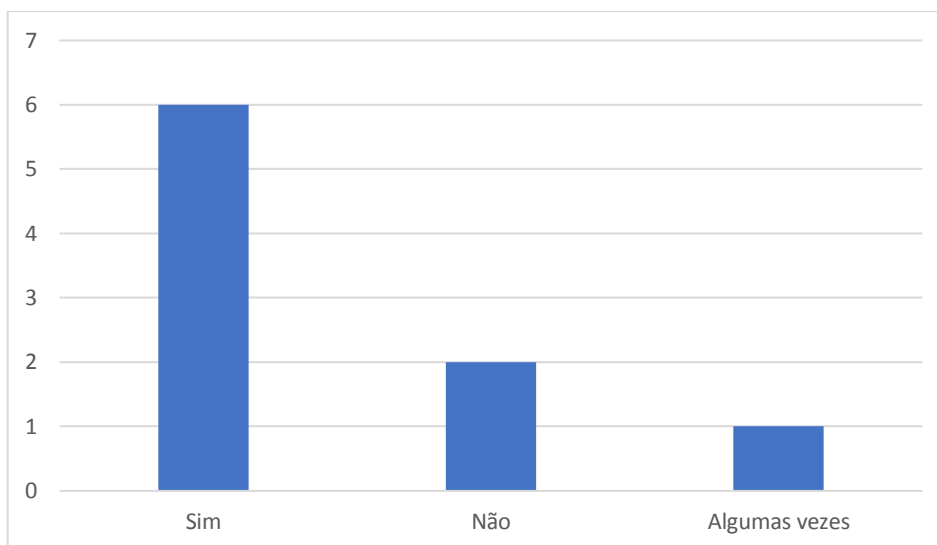
Gráfico 1 – Conhecimento prévio da Biblioteca Infantil

Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Percebe-se que a maioria dos ex-estagiários já havia ouvido falar da biblioteca antes de ter estagiado nela. Como os estagiários ouvidos trabalharam a partir do ano de 2008, já em 2007 com o início do Projeto 1,2,3...era uma vez, a biblioteca pôde contar com a mídia impressa e televisiva local para dar visibilidade à mesma. Dessa forma, a biblioteca passou a ser conhecida pela comunidade.

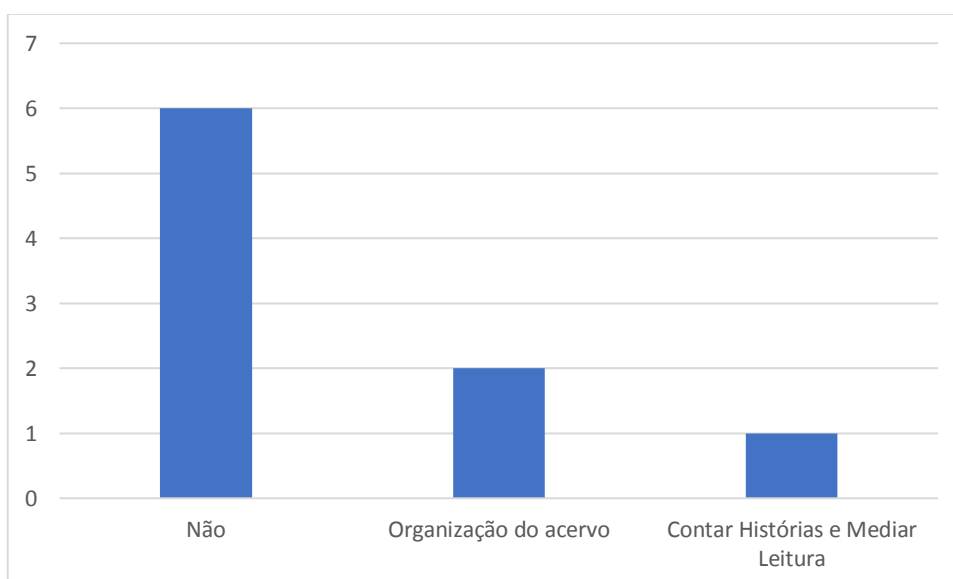
E como se afirma na obra Biblioteca (2010), a biblioteca pública ainda não faz parte do cenário principal da cidade como faz a igreja matriz, o hospital, o banco, portanto, faz-se necessário que ela seja conhecida pela comunidade de alguma forma, suas atividades precisam ser divulgadas para manter o interesse dos leitores habituais e eventuais, promovendo-se assim, os serviços e produtos oferecidos. É aí que entra o *marketing* em biblioteca que pode ser utilizado para criar ou “vender” a própria imagem da biblioteca, e hoje as redes sociais são ferramentas muito utilizadas e de grande alcance.

Os estagiários são colaboradores que agregam valor aos serviços oferecidos pela biblioteca. Aprende-se com eles através do perfil e habilidades de cada um. O estágio oferece possibilidade de capacitar o futuro profissional, habilitando-o a ingressar no mercado de trabalho. Perguntados se já haviam desenvolvido algum trabalho, mesmo que voluntário, com ações de leitura com crianças, obteve-se o seguinte resultado conforme Graf. 2.

Gráfico 2 – Trabalho com ações de leitura com crianças

Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Nota-se que a maioria dos ex-estagiários já haviam realizado alguma ação de leitura com o público infantil, isso demonstra que a entrevista feita para a seleção foi de grande valia pois foram selecionadas aquelas pessoas que já tinham certo conhecimento e experiência em lidar com crianças, e também uma certa aproximação com os livros, o que facilitou muito o aprendizado. Outro questionamento feito aos ex-estagiários foi com relação às dificuldades encontradas durante a aprendizagem das atividades executadas na biblioteca. De acordo com o Graf. 3, as respostas foram:

Gráfico 3 – Dificuldades em aprender alguma atribuição

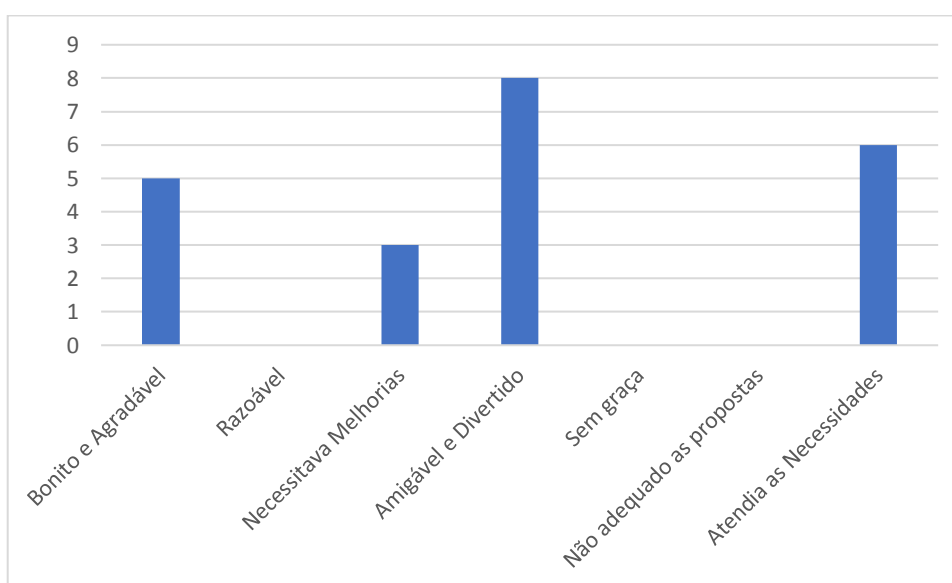
Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Pode-se observar que os estagiários não tiveram muita dificuldade em aprender as tarefas cotidianas que teriam que realizar na biblioteca. Apenas dois entrevistados tiveram dificuldade na organização do acervo por ser um serviço mais minucioso e técnico, já que o acervo da Biblioteca Infantil constava de mais de 11 mil exemplares de literatura infantil e juvenil organizados nas estantes por ordem alfabética de título. As cores também eram utilizadas para separar os livros infantis dos juvenis e adultos. Algumas séries ou autores que tinham um número grande de títulos eram separados para que ficassem todos juntos. Assuntos como contos, lendas, fábulas e escritores sergipanos também eram separados para facilitar a busca. Apenas um estagiário sentiu dificuldade na aprendizagem da contação de histórias e mediação de leitura, porém, vale salientar que todos, ao finalizar seus períodos, já dominavam muito bem as técnicas e puderam levar esse aprendizado para suas vidas.

A biblioteca deve ser um serviço de utilidade pública. Para que desempenhe este papel de forma eficiente e com qualidade, faz-se necessário ter bom quadro de funcionários, e como diz em Biblioteca (2010), os funcionários que nela atuam devem conhecer bem o acervo e serviços, ter treinamento continuado para lidar com o público, atender com cordialidade e simpatia, principalmente quando o público é formado por crianças, como é o caso da Biblioteca Infantil.

Quando perguntados sobre o ambiente da biblioteca, as respostas dos entrevistados estão explícitas no Graf. 4.

Gráfico 4 – Como era para você o ambiente da Biblioteca Infantil



Fonte: questionários aplicados pela própria autora, 2019.

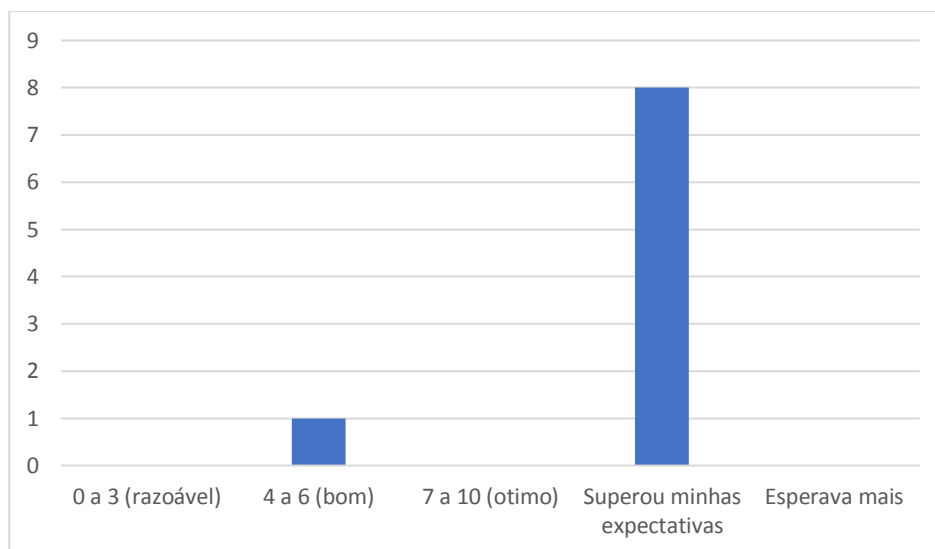
De acordo com os princípios e diretrizes para as bibliotecas públicas, editado pela Biblioteca Nacional (BIBLIOTECA, 2010), o espaço físico da biblioteca deve prever os serviços que foram identificados como necessários à comunidade. E aqui vale citar pontos importantes, visto que a Biblioteca Pública Infantil de Sergipe foi construída e planejada para atender ao público infantil, onde permaneceu por 44 anos. Após 10 meses de reforma onde adequações importantes foram feitas, climatizou-se todo o espaço, tornando-a mais confortável e acessível, a mesma sofre uma mudança brusca e radical, deixando de ocupar o seu prédio próprio, para ser instalada em um espaço único dentro da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dória, e com isso deixa de ter sua caracterização de Biblioteca independente, passando a ser um setor infantil de outra biblioteca. Diante disso, alguns aspectos devem ser observados:

O projeto arquitetônico deve propor soluções funcionais, atendendo à relação custo-benefício. Um prédio bem construído e funcional é mais fácil de ser conservado; o ambiente deve ser bastante amplo visando possibilitar a separação, quando possível, de áreas com finalidades diferentes e permitir acomodações confortáveis para os usuários. A biblioteca deve ser um ambiente agradável, um local aprazível, onde seja bom permanecer; o ambiente da biblioteca deve ser funcional e agradável, e a disposição dos móveis e equipamentos deve refletir esse clima, não dificultando, por exemplo, a circulação de usuários e funcionários; materiais coloridos dão vida à biblioteca. Exemplo: parede de cor diferente ou mobiliário com cores específicas para as diferentes áreas dos diversos serviços; é de todo conveniente ter sanitários apropriados para a área infantil e deficientes físicos (BIBLIOTECA, 2010, p. 47)

Ao analisar o Graf. 4, observa-se que três ex-estagiários responderam que a biblioteca necessitava de melhorias na sua estrutura física, pois a mesma já não passava por uma reforma há muitos anos, não era climatizada e possuía algumas limitações para receber grupos com mais de 50 crianças. Porém, nota-se que a maioria concordou que o ambiente era amigável e divertido e atendia às necessidades.

Para quem frequentou e conheceu a biblioteca no período, as contradições são justificadas pois, apesar da mesma necessitar de melhorias estruturais (climatização, pintura externa, adaptações de banheiros), o ambiente interno era muito organizado e bonito. No mais, o espaço era atrativo aos olhos das crianças e dos frequentadores, um ambiente com setores separados, com muitas cores e decoração adequada que atendia às necessidades para as quais as atividades eram planejadas. O entrosamento da equipe sempre foi amigável e divertido, todos se entendiam e se ajudavam mutuamente.

Perguntados sobre o nível de aprendizado que os estagiários tiveram no período em que estiveram na biblioteca, as seguintes respostas apareceram no Graf. 5:

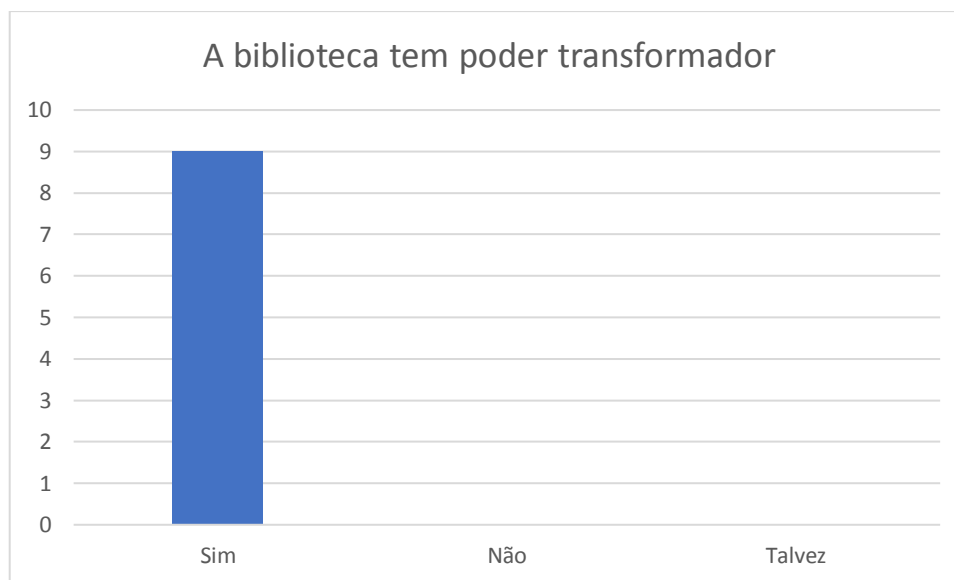
Gráfico 5- Nível de Aprendizado dos ex-estagiários

Fonte: questionários aplicados pela própria autora, 2019.

Observa-se que 90% dos ex-estagiários respondeu que seu aprendizado no período superou suas expectativas, o que demonstra um alto índice de aprovação nos estágios como ferramenta de preparação para o mercado de trabalho. Mesmo que o estudante não vá exercer uma profissão na área de bibliotecas, o conhecimento adquirido o deixa capacitado a lidar com o público em geral, a executar serviços básicos como atender ao telefone e dar informações, despertando seu potencial criativo e ampliando sua rede de amizades. Apenas um estagiário, que já era contador de histórias profissional e mantinha contato frequente com crianças respondeu que seu nível de aprendizado foi bom. E finalizando, a pergunta feita foi se eles acreditam no poder transformador da biblioteca na vida das pessoas (Graf. 6).

Figura 4 – Estagiários fazendo contação de histórias

Fonte da autora, 2017.

Gráfico 6 – Poder transformador da biblioteca na vida das pessoas

Fonte: questionários aplicados pela própria autora, 2019.

Unanimamente todos acreditam que a Biblioteca Infantil tem o poder de transformar vidas, já que viabiliza à comunidade o acesso à leitura, à cultura e ao conhecimento. Através da análise dos dados colhidos junto aos nove ex-estagiários que passaram pela biblioteca no período de 2008 a 2018, pode-se destacar algumas falas importantes que demonstram o quanto dar oportunidade às pessoas, principalmente aos jovens que ainda estão almejando ingressar no mercado de trabalho, e buscam aprendizado, é de grande valia para a formação profissional futura.

7.1.1 Aprendizado adquirido e sua interferência na vida profissional

O questionário contou com duas perguntas abertas ao final. Ao serem questionados em como o aprendizado adquirido no período estagiado interferiu de alguma maneira na sua vida profissional, os estagiários foram muito positivos. Três ex-estagiários de Biblioteconomia responderam a essa questão. O ex-estagiário um respondeu que foi:

Gratificante e de muito aprendizado e que no período em que estive na biblioteca infantil, aprendeu a mediar leitura, contar histórias, entre outras coisas, e isso ajudou a melhorar o seu trabalho, hoje em uma biblioteca escolar, dando ideias de projetos a serem desenvolvidos.

O ex-estagiário dois respondeu afirmou ser:

Uma experiência que lhe permitiu amadurecer tanto profissionalmente, quanto pessoalmente. Na biblioteca ela se firmou enquanto profissional contadora de histórias, lhe foi permitido um aprendizado prático na área administrativa de um espaço lúdico, como trabalhar em equipe, além de estimular a criatividade e o desenvolvimento artístico, bem como a projeção como profissional contadora de histórias por meio de oficinas e atividades executadas. Graças ao período que estagiou na biblioteca infantil, conquistou notoriedade como profissional oficineira e contadora de histórias, adquiriu conhecimentos como profissional bibliotecária, que hoje é, além de estar capacitada para promover ações culturais em espaços informacionais e de lazer.

Já o ex-estagiário três respondeu que:

Foi muito gratificante e com certeza interagiu de forma positiva com os pequenos leitores. Foi um prazer participar da vida de cada um deles. Com o estágio na biblioteca, levou para sua vida a importância de começar bem cedo a leitura com crianças e com certeza, na sua vida profissional irá levar tudo o que aprendeu e tentará realizar projetos de leitura para os pequenos.

A ex-estagiária de Pedagogia respondeu que:

Foi gratificante e lá conseguiu aprimorar a contação de histórias e desenvolver outras habilidades enquanto aprendia a lidar com crianças e adultos. Conheceu novos autores e literaturas. Todo aprendizado adquirido só agregou na sua vida profissional.

Para o estagiário número sete (Teatro):

Estagiar na biblioteca infantil foi maravilhoso. O trabalho com o público infantil é excelente e o desenvolvimento de atividades aconteciam de maneira muito dinâmica. Consegui conciliar o Teatro com a prática na biblioteca, entendendo os desafios do dia a dia. Foi ótimo.

Sabe-se que estar em uma sala de aula é uma coisa, trabalhar é outra e não há nada melhor que um estágio para fazer a ponte entre os dois segmentos. O estágio é um período de aprendizado muito válido, além de ser a melhor maneira de começar a descobrir o mundo profissional, quando é possível testar (e errar) na prática. Desta forma o estagiário oito (curso de Educação Física e contador de histórias) afirmou que:

O estágio foi interessante do ponto de vista de que, para manter o público, a biblioteca desenvolvia atividades diferenciadas, mantendo-se assim constantemente cheia, um desafio interessante para bibliotecas em virtude das novas formas de se obter informação na sociedade moderna. Por ser contador de histórias, o desafio de ter o público se repetindo constantemente me fez buscar uma atualização nas histórias ou mesmo na forma de contá-las.

E finalizando esta parte muito importante do trabalho que foi ter o *feedback* de alguns ex-estagiários da Biblioteca Infantil, é importante mencionar o estagiário nove (curso de Teatro, formado em Letras, também contador de histórias) que iniciou alguns projetos de capacitações com oficinas, ações de extensão e manipulação de fantoches, que fizeram parte das atividades até 2018. E ele diz que:

Foi uma experiência desafiadora, pois ter a atenção de uma turma de crianças ou adolescentes não é fácil. Mas havia naquele espaço materiais para ajudar neste trabalho e isso fez toda a diferença. A começar pelo material humano, a diretora da biblioteca, Claudia Stocker, sempre muito criativa e solícita, se reunia comigo e fazíamos uma programação mensal. Para mim a ferramenta chave foram as contações de histórias, trazê-las através da oralidade era, ao mesmo tempo, um exercício para mim de leitura e vivência de tudo que estava guardado nos livros daquele acervo. Como eu estudava teatro, na UFS, me atrevia, muitas vezes, usando alguns recursos de expressão gestual e oral para que as narrativas dessas histórias viessem vivas de sentimentos e “prenhes de intenções”, parafraseando o escritor e doutor em literatura, Celso Sisto. Eu poderia descrever em muitas laudas sobre essa experiência na biblioteca pública, porém o mais importante foi perceber que o incentivo a leitura não é algo tão difícil quando se tem a própria história do livro como inspiração e pessoas inspiradoras como Claudia Stocker”. E continua, “Dar ‘vida’ às histórias que eu lia interferiu no meu modo de ensinar, como professor de teatro ou fazendo alguma oficina, a dinâmica é muito importante, o ritmo que cada história imprime conduz o ouvinte e, por isso, é preciso se reinventar a cada leitura, assim como no ensino em sala de aula.

Partindo para o de nível médio, obteve-se a seguinte resposta:

No começo achei um desafio, até porque lidamos com educação diferente nas crianças “ricas” ou “pobres”. E víamos essa diferença constante. Mas, foi um desafio que valeu a pena”. “Quando digo que já fui estagiária da biblioteca pública infantil, as pessoas sempre me perguntam como era, o que eu fazia, cria uma boa curiosidade por parte delas.

Outro ex-estagiário de nível médio respondeu que o aprendizado “irá interferir positivamente em sua vida, pois aprendeu muita coisa boa e que a experiência foi enriquecedora, aprendeu muito com as crianças e com as colegas de trabalho”.

Com estas declarações pode-se comprovar que a Biblioteca Infantil de Sergipe cumpriu seu papel de disseminadora do conhecimento podendo fazer parte da trajetória profissional das pessoas que por lá passaram e deixaram seu legado. Foi uma troca de competências e saberes que enriqueceu ainda mais a história da biblioteca.

6.1.2 Fatos marcantes para os ex-estagiários

Saber de fatos marcantes que foram importantes para aqueles que fizeram parte da trajetória nos 11 anos da Biblioteca Infantil de Sergipe é, sem dúvidas, algo importante para este trabalho. Nesta seção serão apresentadas as respostas dos ex-estagiários à última pergunta do questionário: O que mais lhe marcou no período do estágio?

Quadro 4 – Respostas dos ex-estagiários

Estagiário 1	Mencionou muitos momentos marcantes, porém citou a receptividade dos colegas, a disponibilidade da diretora para ensinar o “fazer bibliotecário” e a alegria das crianças de escolas mais carentes ao terem contato com a biblioteca.
Estagiário 2	Enfatizou a possibilidade que teve de conhecer e conviver com profissionais das áreas de Educação, Biblioteconomia e Artes. A participação nos encontros e eventos voltados para o incentivo a leitura e transformação social, a promoção da cidadania, além de amizades que ultrapassaram o espaço da biblioteca.
Estagiário 3	Citou as oficinas de contação de histórias que aumentaram e abriram um grande leque de conhecimento, como o mês de outubro, que era recheado de atividades lúdicas em comemoração ao dia da criança.
Estagiário 4	Lembrou que todas as tardes eram realizadas contações de histórias para alegrar as crianças, lembrou do sorriso no semblante delas, principalmente as crianças de colégios estaduais, sendo tudo muito gratificante.
Estagiário 5	Enfatizou a oportunidade que teve em trabalhar com diversas idades e principalmente com crianças especiais.
Estagiário 6	Falou sobre a importância do contato com as crianças e de saber como a literatura é importante para a formação de crianças e jovens.
Estagiário 7	Citou a contação de histórias e o atendimento ao público infantil como marco em sua experiência.
Estagiário 8	Reforçou que os dias de evento nos quais ele tinha que contar histórias por várias horas, o fez valorizar os profissionais que trabalham com o uso da voz, como professores por exemplo.

Fonte: questionários aplicados pela própria autora, 2019.

A seguir o estagiário nove lembrou que foram muitas as situações marcantes. Afirma que carrega a biblioteca, ou parte dela, com ele até hoje. Isso seria apenas força de expressão se não fosse uma boneca de espuma com o nome de Flavinha; ela era parte dos elementos usados para ilustrar ou contar uma história na biblioteca, mas quando terminou o seu período de estágio, teve o prazer de ser presenteado com a boneca que aprendeu a manipular e

dar personalidade. A maior interferência profissional que a biblioteca pôde lhe dar foi justamente essa garotinha feita de espuma que continua contando suas histórias em outros locais públicos, como no Museu da Gente Sergipana, por exemplo. E continua com um relato importante que vale a pena citar. O que realmente lhe marcou neste período foi um fato acontecido em um dia de atividade comum, onde uma turma de alunos foi recebida, e havia uma menina cega dentre eles:

Um belo dia eu estava me preparando para contar histórias na Biblioteca Pública Aglaé Fontes, onde estagiava. Recebíamos turmas de escolas públicas em dias agendados. Eu havia preparado uma história usando elementos visuais e pedi a participação de três alunos nessa construção. Para minha surpresa, uma menina, sorridente e visualmente empolgada para participar era deficiente visual. Naquele momento pensei: E agora? Então, concentrei-me na narrativa com mais cuidado e, os próprios colegas que também foram escolhidos ajudaram naturalmente a colega cega em diversos momentos. Foi inspirador perceber a lição que eu recebera naquele instante. Ela fez o que minha narração pedia, usou o tempo certo e os colegas atentos para alguma necessidade de condução. Ao final da história, ela pediu para me conhecer e me enxergou com as pontas dos dedos em meu rosto, sempre sorridente e dizendo ter gostado da história. Alguns meses depois, eu estava na recepção da biblioteca conversando com alguém e de repente ouço uma voz dizendo: Eu conheço essa voz, é o homem das histórias. Ainda hoje me emociono quando lembro o sorriso daquela menina e de ser reconhecido por ela como o homem das histórias. (Fato ocorrido na Biblioteca em 2009 - Estagiário 9).

Este relato foi enviado em 2016 para um concurso nacional de bibliotecas públicas (Premio Valeu Biblioteca!), no qual pediam o relato de um fato especial ocorrido em uma biblioteca pública. Para nossa surpresa, a história foi a vencedora, e teve como premiação R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais) para compra de livros.

Figura 5- Livros adquiridos com o Prêmio “Valeu Biblioteca”

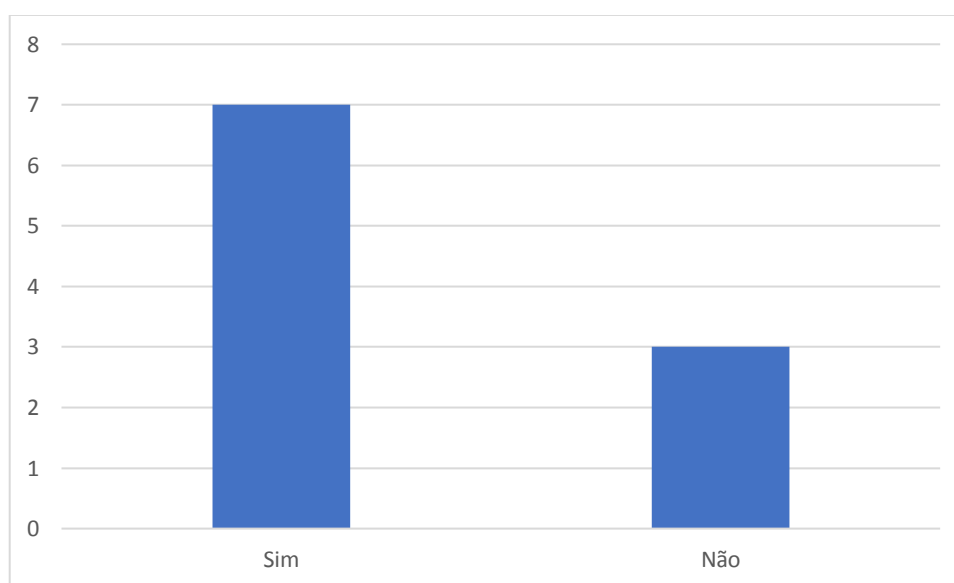


Fonte: arquivo pessoal, 2017.

6.2 Contadores de Histórias

Contar histórias, encantar, transformar vidas. Fazer a imaginação alçar voos por mundos nunca antes explorados. Esta é a missão do contador de histórias ao tirar dos livros ou da oralidade popular personagens fantásticos que povoam os contos, as fábulas, as histórias infantis. Muitos deles estiveram presentes nas ações e projetos desenvolvidos na Biblioteca Infantil de Sergipe ao longo dos últimos anos e cada um, com seu perfil, sua maneira pessoal de contar, fez do Projeto 1,2,3...era uma vez, o “carro-chefe” das atividades da biblioteca. Foram aplicados 10 questionários com os contadores de histórias, parceiros que, por diversas vezes, contribuíram voluntariamente com os projetos desenvolvidos. A seguir o resultado levantado através das respostas. O Graf.7 refere-se ao conhecimento prévio da existência da biblioteca pelos contadores.

Gráfico 7- Ouviu falar antes na Biblioteca Infantil



Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

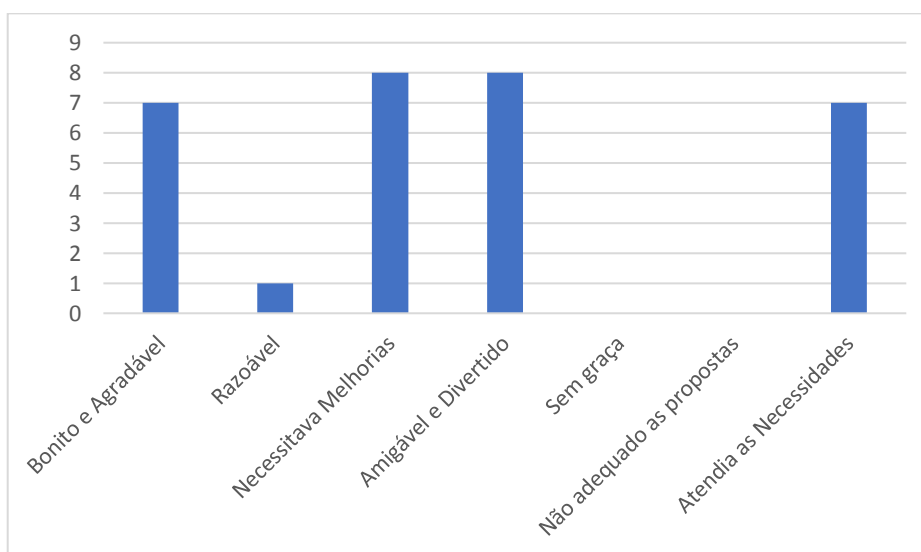
Nota-se mais uma vez que a maioria dos contadores já havia ouvido falar na biblioteca antes. Como os contadores que responderam ao questionário iniciaram as ações a partir da implantação do Projeto 1,2,3...era uma vez, a biblioteca pode contar com a mídia impressa e televisiva local para dar visibilidade a mesma. Desta forma, a biblioteca passou a ser conhecida por outros contadores, já que muitos foram convidados a participar de diversas ações ao longo do período como, o Projeto Livro Vivo, Feira do Livro de Sergipe, Encontros

do Proler, Dia de Todas as Crinças, Ação Global(SESC) e Sergipe de Todos; ações nas quais a contação de histórias era realizada através da Biblioteca Infantil com contadores convidados.

Segundo Bortollin (apud Almeida Júnior, 2012), a biblioteca pública, quase sempre está localizada nos centros das cidades, em prédios históricos e imponentes, porém contrastam com os acervos desatualizados e mal acondicionados, moveis antigos, estantes inadequadas e abarrotadas de livros, o que de certa forma, afasta o usuário. Como observou-se na Biblioteca Infantil de Sergipe, os frequentadores elogiaram o ambiente por atender as necessidades para os quais foi designado e oferecer condições para que as ações fossem executadas. Um ambiente decorado para que a criança pudesse se sentir á vontade, em seu universo mágico da literatura infantil. As bibliotecas são vistas geralmente, como espaços das normas, dos regulamentos, das proibições e do silêncio. A biblioteca infantil vai de encontro a tudo isso, pois ela está ali para atender às crianças, e para isso, ela precisa sentir-se livre, á vontade para explorar as estantes, folhear os livros, encantar-se com as histórias.

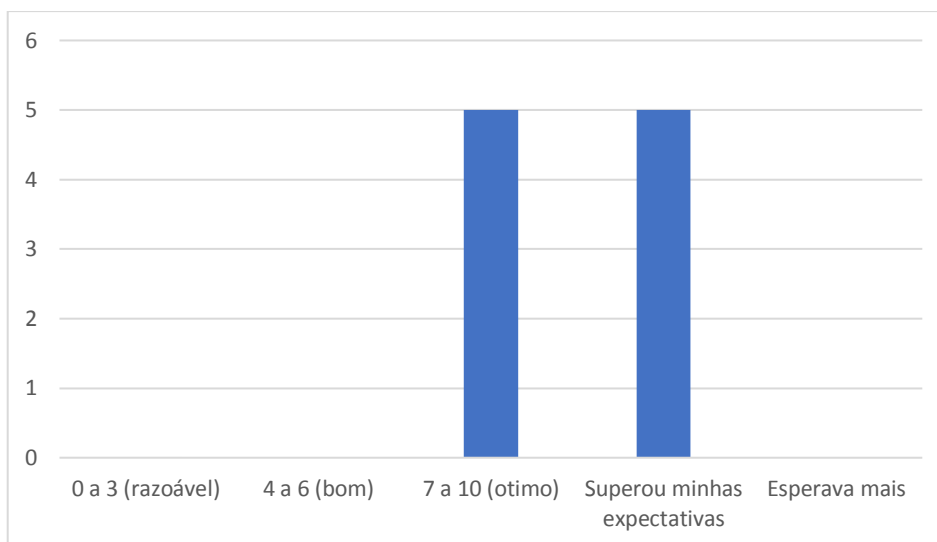
Perguntados sobre o ambiente da biblioteca, os contadores responderam, Graf.8:

Gráfico 8- Como era o ambiente da Biblioteca



Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Mais uma vez enfatiza-se que o ambiente da biblioteca era atrativo aos frequentadores, mesmo necessitando de melhorias conforme foi esclarecido anteriormente. O Graf. 9 demonstra as respostas dos contadores sobre o nível de satisfação deles com relação à participação nos projetos permanentes desenvolvidos na Biblioteca Infantil de Sergipe no período, já que muitos estiveram presentes desde 2007, quando da realização da primeira contação realizada.

Gráfico 9 – Nível de satisfação por participar das ações

Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

De acordo com as respostas, percebe-se que o nível de satisfação dos contadores foi ótimo e superou as expectativas, o que fortalece a certeza de que a contação de histórias é uma atividade feita com prazer por aqueles que a executam, seja em que modalidade for, pois os projetos que envolviam a contação na Biblioteca Infantil eram executados em vários lugares, para faixas etárias diversificadas e em momentos distintos.

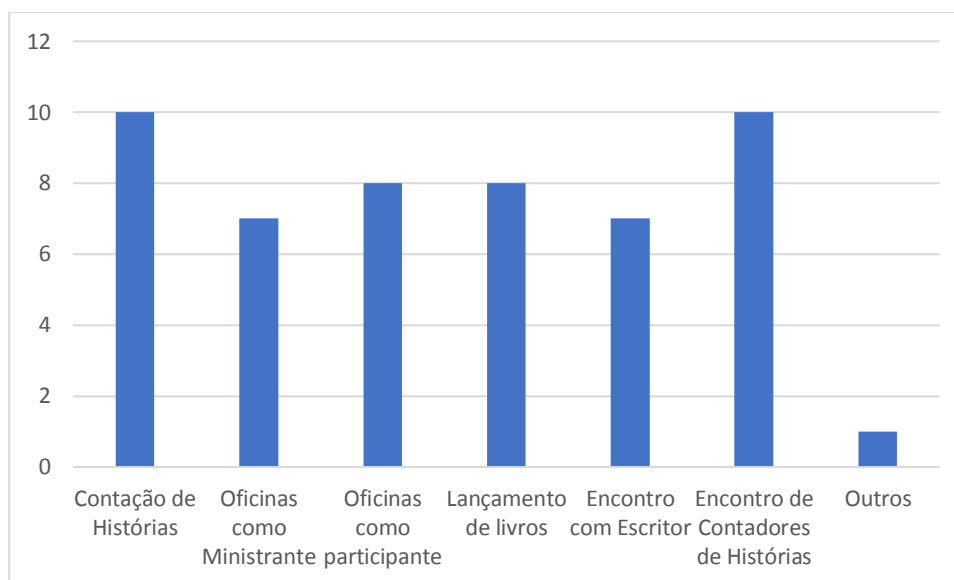
E como diz Busatto (2013), os contadores estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos, abrigos, hospitais, praças. Organizam-se em encontros (como aqui em Sergipe ocorre o Encontro de Contadores de Histórias que em 2020 vai para a 10ª edição) e festivais. Fundam espaços, ministram cursos, são os contadores de histórias do século XXI. A seguir outra pergunta foi feita aos contadores: as bibliotecas têm poder transformador na vida das pessoas?

Todos responderam que sim. É inegável o poder transformador que as bibliotecas podem exercer na vida das pessoas. Todos os contadores afirmaram que acreditam no poder transformador da Biblioteca Infantil na vida dos que a frequentam. Uma das contadoras de histórias foi mais além e complementou:

Sabemos que o principal objetivo da Biblioteca é apoiar, incrementar e fortalecer projetos pedagógicos das escolas, além de valorizar a literatura literária em seu cotidiano e proporcionar condições para que o educador X criança ou adolescente, faça uso coletivo dos textos escritos. (Escritora e contadora de histórias de Uberlândia - Minas Gerais)

O Graf. 10 traz o tipo de atividade que os contadores participaram no decorrer do período, visto que a biblioteca trabalhava com sete projetos permanentes distintos, todos abertos à comunidade, fossem adultos ou crianças.

Gráfico 10 – Atividades na Biblioteca



Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Ao analisar os dados, pode-se observar que os contadores de histórias foram unânimes na participação das contações de histórias realizadas pela Biblioteca, bem como do evento anual denominado Encontro de Contadores de Histórias de Sergipe. As demais atividades também foram bem citadas. Um deles citou a participação em exposição, que era outra ação também desenvolvida. Quando perguntados se a contação de histórias é uma ferramenta que pode incentivar o gosto e hábito da leitura em crianças, jovens e adultos, os contadores de histórias em sua maioria afirmaram que sim, porque a contação de histórias é uma das maneiras de introduzir a criança no mundo da leitura, através da oralidade literária das narrativas.

É uma ferramenta excelente para o mediador ou professor lecionar suas aulas com mais praticidade, de forma interdisciplinar e com mais ludicidade, além de incentivar a criatividade e a imaginação. Outro contador enfatizou que a contação de histórias nas escolas vem ressurgindo através do professor na figura do contador de histórias. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo assim, sem dúvidas que

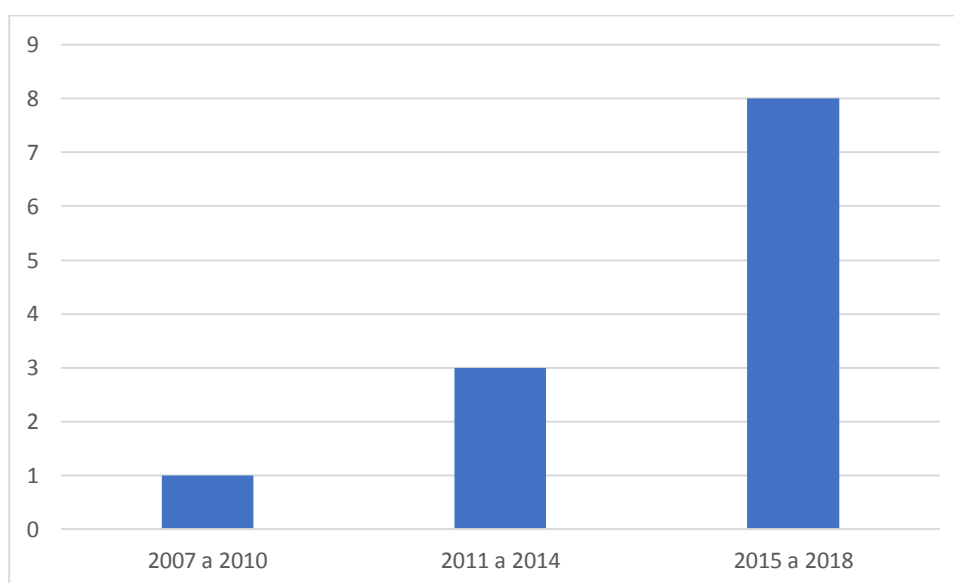
instiga a imaginação, a criatividade, cria o gosto e hábito pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança, envolvendo o social e o afetivo.

Os contadores também lembraram que, através da contação, as crianças conhecem novas histórias, têm acesso a novos autores e principalmente se interessam em buscar novas histórias em novos livros, sendo uma ferramenta imprescindível no processo ensino-aprendizagem e um recurso sem precedentes, já que a oralidade antecede a leitura. Ao observar o contador de histórias, a criança se espelha, quer buscar ela mesma, aquele mundo encantado que lhe foi mostrado. Não só cria o gosto pela leitura, mas também transforma a vida, abrindo a mente para enxergar o mundo por novas ou outras lentes e perspectivas. O tempo de experiência com contação de histórias foi uma das perguntas do questionário aplicado, o qual variou de cinco a 21 anos, demonstrando que a atividade tem sido bastante difundida no Estado de Sergipe.

6.3 Professores frequentadores

A criança não tem como ir até a biblioteca sozinha, desta forma, as turmas de escolas públicas ou privadas eram as que mais frequentavam a Biblioteca Infantil de Sergipe e suas ações. Foram aplicados dez questionários junto aos professores, que comumente levavam suas turmas até a biblioteca e o resultado será visto nos gráficos a seguir:

Gráfico 11 – Período que frequentou a biblioteca

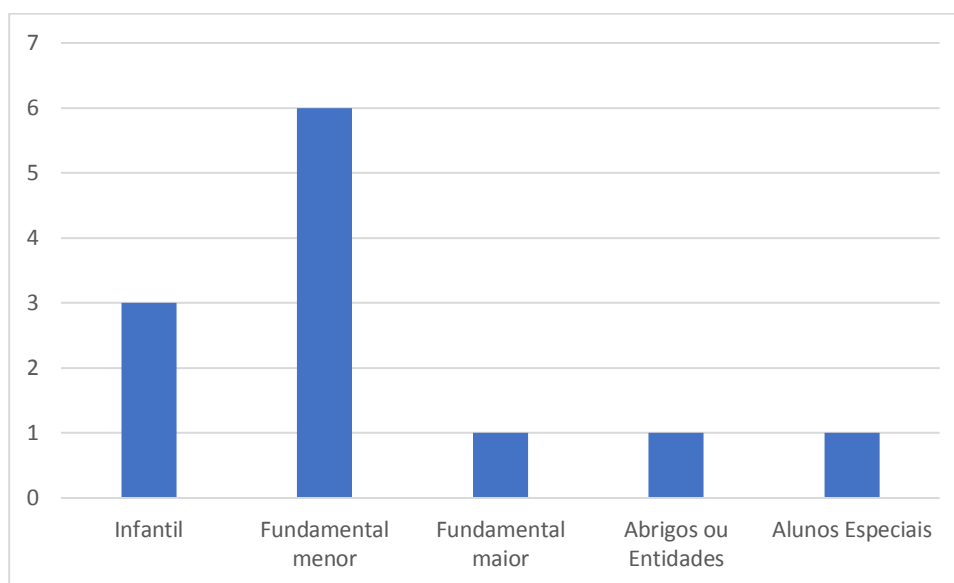


Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Grande parte das escolas que frequentavam a Biblioteca Infantil iam mais de uma vez ao ano, geralmente nos meses de abril, agosto e outubro, meses de maior número de atividades por ter datas significativas. Foi a partir de 2015 que alguns projetos foram implantados, a exemplo do Teia Literária, o que demonstra o maior número de escolas responder que frequentaram no período de 2015 a 2018.

As séries correspondentes dos alunos estão no Graf.12:

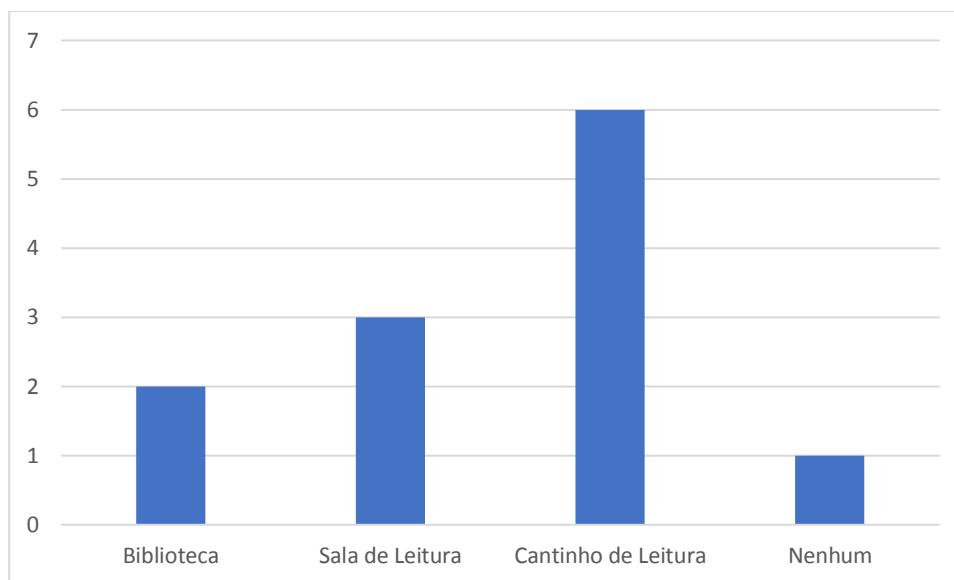
Gráfico 12 – Série dos alunos frequentadores



Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Com um público diversificado e por ser uma biblioteca pública, a Biblioteca Infantil de Sergipe era aberta à comunidade como um todo, porém as escolas que frequentavam levavam mais turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental Menor, já que a contação de histórias e o teatro de fantoches estavam sempre nas atividades programadas.

Sabe-se que a biblioteca escolar praticamente inexiste nas escolas do país, por isso, a biblioteca pública exerce grande importância no que diz respeito ao acesso gratuito ao livro e atividades culturais, além de servir de atividade de extensão para os professores. Por isso, perguntou-se aos professores se na escola havia biblioteca ou um local reservado para os livros (ver Graf.13).

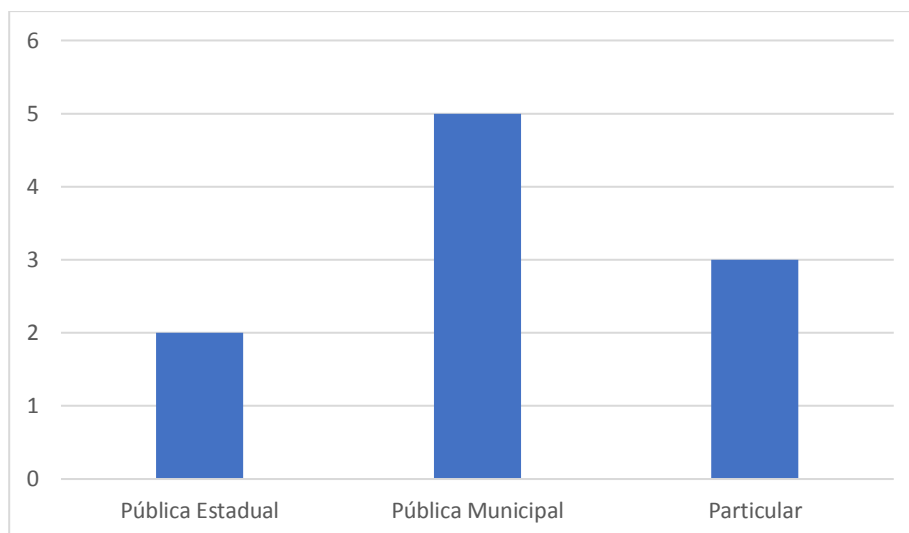
Gráfico 13 – Presença de espaços próprios na Escola

Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

A falta de bibliotecas nas escolas pode ser comprovada numa pequena amostra de 10 escolas, os cantinhos de leitura se faziam presentes nas salas de aula para dar acesso à leitura dos alunos. A sala de leitura é outra forma que as escolas encontram para descaracterizar as bibliotecas, reduzindo investimentos e dispensando a contratação de profissionais bibliotecários.

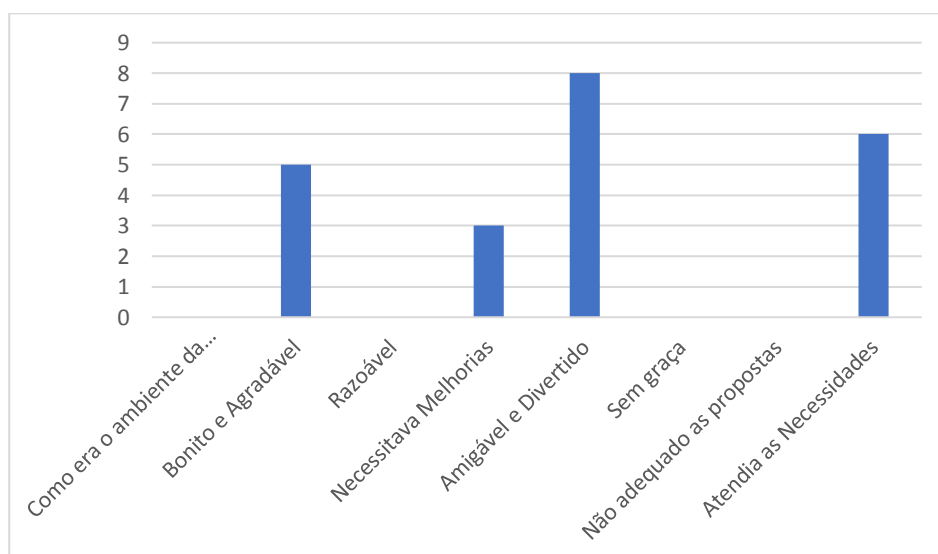
Observa-se em Bortolin (2012) que as salas de aula são prioridade no planejamento das escolas ou de mudanças que se façam necessárias na instituição, já o mesmo não acontece quando se fala em biblioteca. Muitas escolas nem pensam em criar o espaço biblioteca e pior, os responsáveis nem mesmo percebem sua falta dentro da estrutura da escola, o que é lamentável. E enfatiza também que as salas de aula, os laboratórios e a parte administrativa da escola deveriam circundar a biblioteca, pois essa sim, em seu entender, é o pulmão de qualquer instituição de ensino. No entanto é muito comum encontrar nas escolas cantinhos acanhados com alguns livros literários e gibis, que ficam à disposição dos alunos.

Quanto à caracterização das escolas, observa-se no Graf.14 que as públicas foram as predominantes.

Gráfico 14 – Caracterização das escolas

Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Percebe-se que a escola pública municipal foi a que mais esteve presente entre as 10 pesquisadas. No período referenciado, o transporte foi o maior problema enfrentado para a não ida das escolas a biblioteca. As escolas particulares tinham mais facilidade, pois muitas possuíam transporte próprio, já as públicas contavam com as políticas implantadas nas secretarias de educação competentes. O ambiente da Biblioteca Infantil é algo que sempre foi muito elogiado, mas também foi criticado por conta do calor, já que não era climatizado, e ao perguntar para os professores sobre sua visão de como era o ambiente da biblioteca, obteve-se as seguintes respostas no Graf.15:

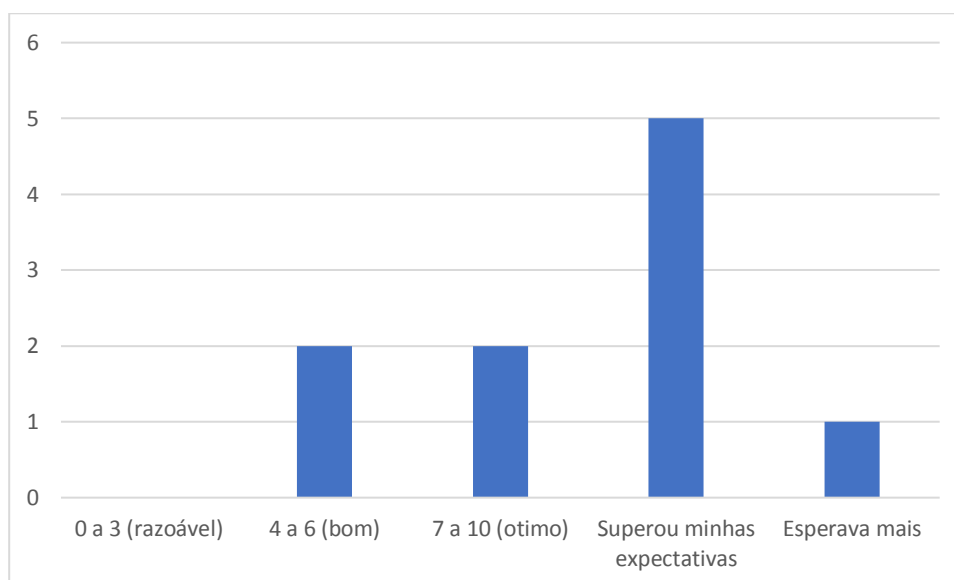
Gráfico 15 – Como era o ambiente da Biblioteca Infantil

Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Interessante perceber que para os professores a questão da necessidade de melhorias não foi muito citada, talvez por conta dos mesmos já passarem diariamente por dificuldades nas escolas (estruturas precárias, falta de climatização, dentre outros); para eles o ambiente ser amigável e divertido foi o que mais chamou atenção, pois atendia às necessidades para qual foi pensado. Uma visão bem diferente dos ex-estagiários e contadores de histórias que participaram desta pesquisa.

No Graf. 16 contempla-se as respostas sobre o nível de satisfação deles na participação nos projetos permanentes desenvolvidos no período, já que muitos estiveram presentes desde 2007, quando da realização da primeira contação realizada.

Gráfico 16 – Nível de Satisfação dos professores



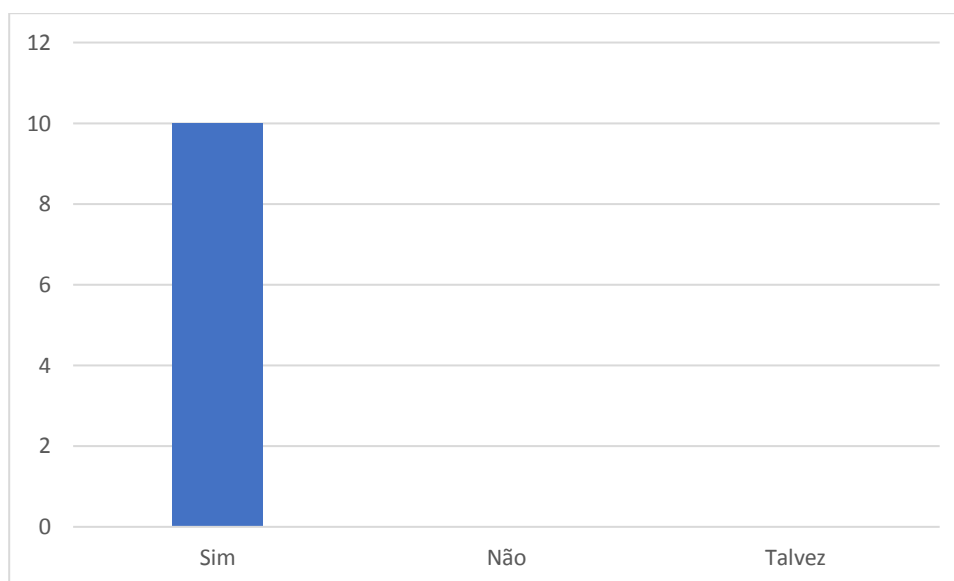
Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Observa-se com as respostas que o nível de satisfação dos professores foi positivo, assim como dos contadores de histórias, já que o item mais respondido foi o superação das expectativas. Quando perguntados se a contação de histórias é uma ferramenta que pode incentivar o gosto e hábito da leitura em crianças, jovens e adultos, os professores foram categóricos em suas colocações e demonstraram acreditar que a pessoa aprende a ler lendo ou escutando uma boa história, além de acreditar ser a mais eficaz ferramenta para incentivar o gosto pela leitura, pois as crianças aprendem muito vendo e ouvindo. Despertam a criatividade, a imaginação, tornam-se pessoas críticas e, através das histórias, pode-se trabalhar qualquer tema. Outro professor enfatizou que é necessário que os responsáveis pela criança também façam sua parte, criando em sua própria casa um horário em que a criança, mesmo que sozinha,

manuseie livros, bem como ressaltou que a escola também deve desenvolver várias ações para que o momento da leitura aconteça e seja prazeroso.

Para finalizar, uma pergunta muito importante para os educadores: Frequentar bibliotecas é importante para a formação do futuro dos alunos?

Gráfico 17 – Importância da frequência



Fonte: questionários aplicados pela autora, 2019.

Não há dúvidas de que frequentar espaços culturais e principalmente bibliotecas é importante para a formação das pessoas. E como afirma Bortolin (2012), a escola está presente nas vidas das crianças mesmo quando elas não se encontram no ambiente escolar, e isso deve-se ao desenvolvimento de atividades extraclasse, como ir até uma biblioteca, e foi assim que os 10 professores responderam à última pergunta do questionário aplicado.

O resultado de todas as entrevistas reforçam a importância da Biblioteca Infantil para a educação e a cultura do estado de Sergipe. A proposta de intervenção visou a publicação de um livro justamente para suprir uma das deficiências apontadas na análise SWOT: o desconhecimento da Biblioteca e suas ações por boa parte da comunidade do estado. Dessa forma, já se encontra em fase de produção o livro intitulado “A contação de histórias como recurso na formação de leitores: projetos permanentes e gestão profissional na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas públicas, e principalmente as infantis, carregam uma importante função – a de agregadora de vidas e de sonhos. Poder abrir suas portas à comunidade e levar às crianças a possibilidade de viajar no universo literário, divertir-se nas páginas das histórias em quadrinhos, criar através dos desenhos, soltar a imaginação e transformar, nem que seja por alguns instantes, o imaginário em real, é o que faz da biblioteca infantil um lugar mágico.

Dessa forma, pode-se afirmar que o problema de pesquisa foi devidamente respondido, o qual indagava a importância da biblioteca pública e do bibliotecário no processo de formação de leitores, o que ficou evidente pelas conquistas alcançadas nos projetos de contação de histórias e também pela confirmação das falas de todos os entrevistados. Sim, os projetos de contação de histórias com a participação de professores e bibliotecários, bem como de profissionais capacitados, têm o poder de despertar nas crianças seu potencial leitor. Os objetivos da pesquisa foram atendidos, ressaltando o valor dos projetos e o potencial da biblioteca pública infantil na formação de leitores e sobretudo, para os alunos de escolas públicas, desprovidos de boas bibliotecas nas mesmas.

Ao findar este trabalho de pesquisa tem-se a certeza de que a Biblioteca Pública Infantil de Sergipe Infantil, conhecida e referenciada por muitos anos com o nome da patronese ilustre (Aglaé d'Ávila Fontes de Alencar), em seus 44 anos de existência, deixou Sergipe em evidência entre os poucos estados que mantêm uma biblioteca pública infantil. Servindo à sociedade de maneira eficiente e acolhedora, o espaço descrito neste trabalho de pesquisa, que abrigou um acervo de 11 mil livros, teve a única Gibiteca do Estado, capacitou centenas de pessoas na arte da contação de histórias e mediação de leitura, descobriu talentos, premiou leitores, deu voz aos bonecos de fantoche, divertiu, alegrou e transformou a vida de muitas pessoas; o mesmo ficará na memória de todos que por lá passaram.

A Biblioteca Infantil de Sergipe deixa de existir enquanto espaço físico próprio, criado e dinamizado para receber a comunidade na qual esteve inserida por quatro décadas porém, seu legado e história ficarão aqui registrados para mostrar que, quando se tem conhecimento, vontade e principalmente, gestores engajados com o fazer do que é público, e neste caso, o fazer biblioteconômico acima de tudo, é possível transformar espaços antes ociosos em locais atrativos, dinâmicos e vivos. Por mais difícil que seja, por mais dificuldades que se encontre no caminho, sempre há uma forma de contornar as adversidades.

Como produto do mestrado profissional, o livro com os resultados da pesquisa será publicado e enviado gratuitamente a algumas bibliotecas universitárias que tem o curso de

Biblioteconomia, bibliotecas públicas e infantis do país, para que desta forma, este trabalho seja perpetuado e possa servir de exemplo para outras unidades de informação e cultura do país, pois tudo que foi descrito aqui poderá ser aplicado não só em bibliotecas públicas infantis, mas em qualquer tipologia de bibliotecas ou unidades culturais.

Como estudo futuro, sugere-se abordar a situação das bibliotecas públicas de Sergipe no que diz respeito às ações culturais e aos projetos desenvolvidos em prol da comunidade, ao uso da contação de histórias e a mediação da leitura como forma de aproximar o público infantil da biblioteca.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALMEIDA, Marco Antônio de (org). **Ciência da Informação e Literatura**. Campinas: Alínea, 2012.

ALVES, Luiza Maria Leite Machado. **Leitura de fábulas e escrita: um percurso de subjetivação ética do aluno-professor**. Orientadora: Elzira Yoko Uyeno. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Universidade de Taubaté, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037940.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ARAÚJO, Ana Paula de. **Gênero literário**. InfoEscola, s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/genero-literario/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ARAÚJO, Felipe. **Irmãos Grimm**. InfoEscola, s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/irmaos-grimm/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ASSIS, Santo de. **A importância do professor de história realizar a sua dinâmica no ensino fundamental contando histórias**. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3495520>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BECKER, Howards S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BERNARDO, Vivian de Farias. **A importância da literatura infantil na construção do leitor-autor**. Orientador: Mary Sue. 2010. Monografia (Especialização em Educação Infantil e Desenvolvimento)- Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205679.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

BIBLIOTECA Pública: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2015/bibliotecapublica_principiosdiretrizes_edicao2.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

BITENCOUT, Ricardo Barbosa. **As novas tecnologias e a contação de história em sala de aula**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/13659>. Acesso em 25 de abril de 2009.

BORDINI, Maria da Glória. Poesia e sensibilidade infantil. **Revista Tigre Albino**, v. 3, n.1, Porto Alegre: UFRGS, 2009.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. Mediação da leitura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.1, jan-mar, 2014, p.207-226. Disponível em <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1537>. Acesso em 29 de novembro de 2018.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. O mediador de leitura. **Revista Eletrônica Infohome**. 2007. Disponível em https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em 29 de novembro de 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar Histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Contar & Encantar**: pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CAMARGO, Luiz. **A poesia infantil no Brasil**. Palestra apresentada no LAIS – Instituto Latino-americano da Universidade de Estocolmo, 1999. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>, acesso em 30/12/09.

CAMPELLO, Bernadete (org). **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>. Acesso em: 13 de dezembro de 2018.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, vol. 7, n. 1, 2016. Disponível em: [file:///D:/Downloads/45771-183199-1-PB%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/45771-183199-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos, mitos e arquétipos. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos, mitos e arquétipos. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para crianças**. São Paulo: Global, 2003.

DEBUS, Eliane. **Festa de brincança**: a leitura literária na educação infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DICAS e exemplos de análise Swot – aprenda a fazer. Disponível em: <http://www.venki.com.br/blog/exemplo-analise-swot/>. Acesso em: 13 de dezembro de 2018.

DURO, Yvette. Zietlow. **Dimensão atual da biblioteca infanto-juvenil**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 211-222, jul./dez. 1979.

ESCOLA POLIEDRO. **Arte da contação de histórias**. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/a-arte-da-contacao-de-historias/>. Acesso em: 14 de ago. 2018.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

FIGUEIRA, Emílio. **Ser autor: uma jornada de vários caminhos**. São Paulo: Figueira Digital, 2016.

GARCIA, Dalva Aparecida. **O universo infantil: a importância do lúdico**. S.d. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/o-universo-infantil-a-literatura-e-as-novelas-filosoficas/3729>. Acesso em: 11 jun. 2019.

GOUVEIA, Margarida Maia. Cecília Meireles: um percurso de espiritualidade. **Atlântida**, v. XLVI, 2001, p. 187-194.

IFLA. **Diretrizes para serviços de bibliotecas para crianças**. Paris: IFLA, 2001. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s10/pubs/ChildrensGuidelines-pt.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

IFLA. **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública**. Lisboa: IFLA, 2013. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

KULTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEAHY, Cyana. **A leitura e o leitor integral: lendo na biblioteca escolar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MACEDO, Neusa Dias de. **Biblioteca escolar brasileira em debate**. São Paulo: Senac, 2005.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DLC, 2004.

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores**. S.d. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. Disponível em: http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

MARIUCI, Sandra. **Literatura infanto juvenil**. S.d. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/61862925/apostila-literatura-infantil-2019>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MELO, Maurizete Pessoa de; NEVES, Dulce Amélia de Britto. A importância da Biblioteca Infantil. **Biblioonline**, v. 1, n. 2, 2005, p.1-8. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/584/422>. Acesso em: 15 de ago. 2018.

MESQUITA, Armino Teixeira. A leitura: um passaporte para a vida. **Álabe**, n. 3, jun., 2011. Disponível em: [Dialnet-ALeituraUmPassaporteParaAVida-4035559.pdf](http://dialnet-ALeituraUmPassaporteParaAVida-4035559.pdf). Acesso em: 10 jun. 2019.

MIRANDA, Bionathi Borges Dias de. **A minissérie televisiva de Luiz Fernando Carvalho estudo de caso: Hoje é dia de Maria**. Orientadora Leda Tenório da Motta. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp147481.pdf>. Aceso em: 11 jun. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NUNES, Neudiran Gonçalves. **A poesia de Cecília Meireles**. 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-poesia-de-cecilia-meireles/102067>. Acesso em: 11 jun. 2019.

PIMENTA, Jussara Santos. **“Pavilhão Mourisco”**: biblioteca e educação em Cecília Meireles. Disponível em http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02_01.pdf. Acesso em: 13 jun de 2019.

PINHEIRO, Maria Inês da Silva; SACHETTI, Vana Fátima Preza. **Classificação em cores: uma alternativa para bibliotecas infantis**. Disponível em <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/388900.pdf>. Acesso em: 19 jun 2019.

PAULILO, Maria Angela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Disponível em http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 15 de nov. de 2018.

RASTELI, Alessandro. **Mediação de leitura em bibliotecas públicas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2013.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos de avaliação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROMERO, Sílvio. **Contos etiológicos**. S.d. Disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/p40-etioolo.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ROMERO, Sílvio; CASCUDO, Luís da Câmara. **Conto popular**. s.d. Disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/p00-contos.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

SALDAÑA, Johnny. **The coding manual for qualitative researchers**. 3rd ed. Los Angeles: Sage, 2015.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandes; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Gisele Cirtina Oliveira. **A contação de histórias**: uma prática eficaz para a formação do leitor. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-contacao-de-historias-uma-pratica-eficaz-para-a-formacao-do-leitor/122500>. Acesso em: 15 de ago. 2018.

SENNA, Anna; BARBOSA, Maria de Fátima Souza de Oliveira; SOUZA, Thaiane Almeida. **Biblioteca Infantil como lugar de encantamento**. Revista Conhecimento em Ação. Rio de Janeiro, v.2, n.1, jan/jun, 2017.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, jan./dez., 1996, p. 9-30.

SOUZA, Lígia Maria Silva e; DUPAS, Maria Angélica. **Ler é prazer**: os projetos de incentivo à leitura da Biblioteca Comunitária da UFSCar. São Carlos, s.d. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?url=http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/poster019.doc&rc=t=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0ahUKEwi7i9SMhuDiAhX9GrkGHQyNAeoQFggUMAA&usg=AOvVaw2qWiEEemHLD9A2vCxp3n0Vp>. Acesso em: 10 jun. 2019.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria fundamentada. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e de contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

TEIXEIRA, Enise Barth. **A análise de dados na pesquisa científica**: importância e desafios em estudos organizacionais. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84>. Acesso em 18 mai 2019.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos Contadores de Histórias



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO
CONHECIMENTO**



QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO – CONTADORES DE HISTÓRIAS

1. Nome Completo:
2. Você já havia ouvido falar na Biblioteca Infantil antes: () sim () não
3. Em que período você participou voluntariamente das ações desenvolvidas na Biblioteca: (Marque mais de uma, se for o caso)
() 2007 a 2010 () 2011 a 2014 () 2015 a 2018
4. Como foi para você participar dos projetos e contar histórias na biblioteca infantil que tem como público alvo crianças e adolescentes: (resposta livre)
5. Para você o ambiente da Biblioteca era: - Marque quantos itens achar necessário
() bonito e agradável () razoável () necessitava de melhorias em sua estrutura física () amigável e divertido () sem graça
() não adequado as suas propostas () atendia as necessidades de uso pela comunidade
6. Qual seu nível de satisfação ao participar das ações desenvolvidas na Biblioteca Infantil:
() 0 a 3 () 4 a 6 () 7 a 10 () superou minhas expectativas () esperava mais
7. Você acha que a Biblioteca Infantil tem poder transformador na vida das pessoas através de suas ações e projetos permanentes: () sim () não () talvez
8. Você participou de que atividades:
() Contação de Histórias () Oficinas como participante () Oficinas como ministrante () Encontro com o Escritor () Lançamento de livros () Encontro de Contadores de Histórias () Outros : _____
9. A contação de histórias para você é uma ferramenta que pode incentivar o gosto e hábito da leitura em crianças, jovens e adultos: (resposta livre)
10. A quantos anos você conta histórias:

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos Ex-estagiários



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO
CONHECIMENTO**



QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO – EX-ESTAGIÁRIO

1. Nome Completo:
2. Seu estágio foi: () Nível Superior () Nível Médio
3. Qual o período em que você estagiou na Biblioteca Infantil:
4. Você já tinha ouvido falar na Biblioteca Infantil antes: () sim () não
5. Você já havia desenvolvido algum trabalho, mesmo que voluntário, com ações de leitura com crianças: () sim () não () algumas vezes
6. Como foi para você estagiar em uma biblioteca pública que tem como público alvo crianças e adolescentes: (resposta livre)
7. Você teve alguma dificuldade em aprender suas atribuições na Bibliotecas como: -
Marque quantos itens achar necessário
() Atendimento ao Público em geral () Fazer empréstimo e devolução
() Contar histórias e mediar leitura () participar de oficinas (na execução)
() organização do acervo
8. Para você o ambiente da Biblioteca era: - Marque quantos itens achar necessário
() bonito e agradável () razoável () necessitava de melhorias em sua estrutura física
() amigável e divertido () sem graça () não adequado as suas propostas
() atendia as necessidades de uso pela comunidade
9. Qual seu nível de aprendizado enquanto esteve na Biblioteca:
() 0 a 3 () 4 a 6 () 7 a 10 () superou minhas expectativas () esperava mais
10. Você acha que a Biblioteca Infantil tem poder transformador na vida das pessoas através de suas ações e projetos permanentes: () sim () não () talvez
11. Como o aprendizado adquirido no período em que você estagiou interferiu, ou irá interferir, de alguma maneira na sua vida profissional: (resposta livre)
12. O que mais lhe marcou no período do estágio: (resposta livre)

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos Professores



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO
CONHECIMENTO**



QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO – Professores frequentadores

1. Nome Completo:
2. Você já havia ouvido falar na Biblioteca Infantil antes: () sim () não
3. Em que período você levou suas turmas a Biblioteca infantil: (Marque mais de uma, se for o caso)
() 2007 a 2010 () 2011 a 2014 () 2015 a 2018
4. Qual o tipo de turmas: () Infantil () Fundamental menor () Fundamental Maior
() Turma de alunos Especiais () Abrigos ou entidades () Outros
5. A sua escola possui:
() Biblioteca () Sala de leitura () Cantinho de Leitura () Nenhum
6. Sua escola é Pública Municipal () Pública Estadual () Privada ()
7. Como foi para você participar dos projetos desenvolvidos na biblioteca infantil que tem como público alvo crianças e adolescentes: (resposta livre)
8. Para você o ambiente da Biblioteca era: - Marque quantos itens achar necessário
() bonito e agradável () razoável () necessitava de melhorias em sua estrutura física () amigável e divertido () sem graça () não adequado as suas propostas () atendia as necessidades de uso pela comunidade
9. Qual seu nível de satisfação ao participar das ações desenvolvidas na Biblioteca Infantil:
() 0 a 3 () 4 a 6 () 7 a 10 () superou minhas expectativas () esperava mais
10. Você acha que a Biblioteca Infantil tem poder transformador na vida das pessoas através de suas ações e projetos permanentes: () sim () não () talvez
11. Você participou de que atividades:
() Contação de Histórias () Oficinas () Visita com a turma () Mediação de Leitura () Encontro com o Escritor () Lançamento de livros () Encontro de Contadores de Histórias () Outros : _____
12. A contação de histórias para você é uma ferramenta que pode incentivar o gosto e hábito da leitura em crianças, jovens e adultos: (resposta livre)
13. Frequentar bibliotecas é importante para a formação do futuro dos alunos:
() Sim () Não () talvez

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO
CONHECIMENTO**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da Pesquisa “A Arte de contar histórias como ferramenta na formação de leitores na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe – Projetos implantados de 2007 a 2018”, sob a responsabilidade da pesquisadora Bibliotecária Claudia Teresinha Stocker, a qual pretende compreender e identificar a importância das ações de incentivo à leitura, a exemplo da contação de histórias, para a Biblioteca Infantil de Sergipe no período em que a mesma esteve como gestora da unidade. Após a assinatura desse termo, sua participação é voluntária e se dará por meio de uma fase individual de atividades, que compreende o preenchimento de um questionário, que não vai identificar individualmente seus dados. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o debate e a disseminação de ações e o compartilhamento de estratégias que visem promover com efetividade a popularização da ciência na universidade. Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, e sua identidade será preservada, mediante a anuência deste termo que está assinando voluntariamente. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo Whatsapp do telefone (79)9-88069600.

Atenção:

Todo experimento com seres humanos apresenta RISCO de constrangimento pela exposição à observação social, que escapam ao senso comum. O risco de cunho emocional, poderá ser proporcional à frustração na consecução da atividade proposta, porém esse risco será minimizado pelo BENEFÍCIO DIRETO a partir da contribuição que o(a) Sr(a) está dando para promover o acesso ao conhecimento científico de modo mais próximo da linguagem popular, tornando mais fácil o uso desse conhecimento por maior parte da população, através de informação que possa ser utilizada no seu dia-a-dia das pessoas.

Consentimento:

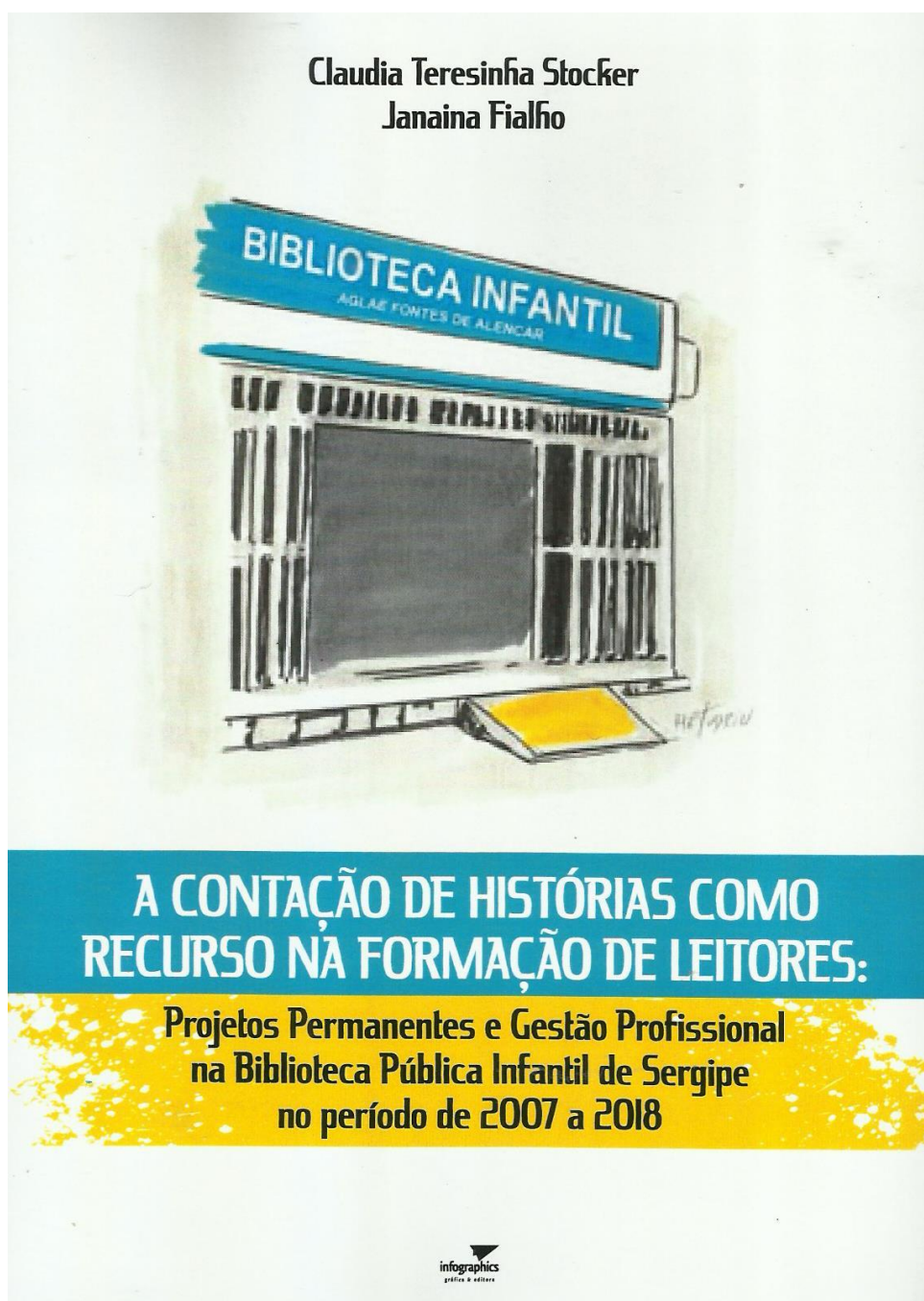
Eu, (escreva seu nome completo), _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Pude esclarecer todas as minhas dúvidas com a pesquisadora e, por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ser remunerado por isso e que posso sair quando quiser sem prejuízo.

Nome: _____

CPF: _____ Data: _____

Assinatura do participante: _____

APÊNDICE E – Capa do livro publicado



APÊNDICE F – Sumário do Livro Publicado

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO.....	11
Origem da Oralidade Narrativa e os Contadores de Histórias	20
Gêneros Literários Voltados para a Infância.....	29
Poesia e Parlenda.....	29
Contos de Fadas e Contos Populares.....	33
Contos de Perrault, de Grimm e de Andersen: breves considerações	35
O Conto Popular	39
Mitos	41
Fábulas	42
Lendas.....	44
A MEDIAÇÃO DA LEITURA	47
O Contador de Histórias	53
A Biblioteca Pública Infantil e seu papel na formação de leitores	58
BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE: BREVE PERCURSO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO	67
Projetos permanentes desenvolvidos.....	70
Estatísticas de uso da biblioteca.....	73
Ex-estagiários.....	77
Aprendizado adquirido e sua interferência na vida profissional	77
Fatos marcantes para os ex-estagiários.....	82
Contadores de Histórias	85
Professores frequentadores	89
Algumas considerações	93
Referências	97
Imagens diversas da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe.....	102

APÊNDICE G – Verso da folha de rosto do livro publicado

© Copyright 2019 by Claudia Teresinha Stocker e Janaina Fialho

Editoração/Capa
Infographics Gráfica & Editora — Joelma Silva

Imagens
Arquivo da autora

Gravuras Capa
Valmir Ramos

Revisão
Christiane Almeida

Impressão


infographics
gráfica & editora

Infographics Gráfica & Editora

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, por qualquer meio, processo ou finalidade comercial, constitui violação dos direitos autorais (Lei 9.610/98).

Catálogo – Claudia Stocker – CRB 5/1202

S864c Stocker, Claudia Teresinha

A contação de histórias como recurso na formação de leitores: projetos permanentes e gestão profissional na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018/Claudia Teresinha Stocker; Janaina Fialho. - Aracaju: Infographics, 2019.

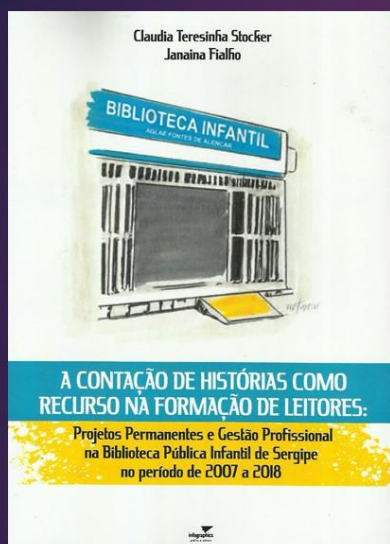
108p. il. 21 cm.

ISBN: 978-85-9476-197-2

1. Contação de Histórias 2. Biblioteca Pública Infantil
3. Gestão Profissional 4. Formação de Leitores
I. Título II. Claudia Teresinha Stocker III. Janaina Fialho
IV. Assunto

CDU 37.41 (813.7)

Apêndice H - Convite para o Lançamento do Livro



CONVITE

A Bibliotecária e Mestranda em Gestão da Informação e do Conhecimento CLAUDIA STOCKER e sua Orientadora JANAINA FIALHO convidam para o lançamento do livro de sua autoria que acontecerá na data da Banca de Defesa do Mestrado do PPGCI-UFS.

Local: Prédio CCSA2 - Sala PRODIR 22 - UFS
Campus São Cristóvão

Data: 29 de Julho de 2019

Horário: 19h

ANEXO 1 – REPORTAGEM DE JORNAL

FÉRIAS NA BIBLIOTECA: OFICINA DE RECICLÁVEIS PARA CRIANÇAS

Biblioteca Infantil
Agláé Fontes difunde
sua programação de
férias escolares e ganha
destaque por ganhar
prêmio nacional

■ Dando continuidade à programação de férias escolares, a Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar - Biafa - oferecerá, de segunda a sexta-feira desta semana, uma oficina com materiais recicláveis para crianças. Reutilizando materiais, como garrafas pet, pedaços de cartolina e EVA, as crianças aprenderão a produzir uma tartaruga de brinquedo.

"Aqui, é um espaço multicultural, que aproveita não só a leitura, mas também explora as artes, a dança e a música. Vamos aproveitar essa semana para fazermos a oficina de reciclados para eles aprenderem a reciclar materiais e se

divertirem um pouquinho. Durante todo o mês teremos programação de férias e, no final deste mês, teremos ainda o cineminha, que eles adoram", conta a presidente da biblioteca, Claudia Stocker.

Para as atividades desta semana, haverá duas oficinas pela manhã e duas pela tarde, responsáveis por fazer a interação e os ensinamentos às crianças. Mas, além da oficina, há ainda a sala de leitura e contação de histórias, a brinquedoteca e a gibiteca com mais de 5 mil gibis, que, vale ressaltar, é a única gibiteca do Estado.

PRÊMIO

A Biafa ganhou destaque nacional na última quarta-feira, 6, sendo contemplada com o primeiro lugar na campanha nacional "Valeu, Biblioteca". Iniciativa da Global Leads Group, empresa de mídia digital sediada em



Reutilizando materiais, as crianças aprenderão a produzir uma tartaruga de brinquedo



Contador de histórias rendeu prêmio de R\$ 1.500 para a Biafa

Berlim, na Alemanha, a campanha propunha que usuários de bibliotecas mostrassem a sua gratidão pela biblioteca favorita, escrevendo de forma breve sobre o tema "Coisas que aprendi graças à minha biblioteca".

Com 49 bibliotecas participantes em todo o território nacional, nenhuma superou a resposta criativa e sensível de Luciano Góis, o "homem das histórias" da Biblioteca Infantil

Aglaé Fontes, que garantiu à sua biblioteca preferida o prêmio no valor de R\$ 1.500 para aumentar sua coleção de livros.

"Um belo dia eu estava me preparando para contar histórias na Biblioteca Pública Aglaé Fontes, onde estagiava (...). Para minha surpresa, uma menina, sorridente e visivelmente empolgada para participar, era deficiente visual. Naquele momento pensei: 'E agora?' Então, concentrei-me na narrativa com mais cuidado e os próprios colegas que também foram escolhidos ajudaram, naturalmente, à colega cega em diversos momentos. Foi inspirador perceber a lição que eu recebera naquele instante (...). Alguns meses depois, eu estava na recepção da biblioteca conversando com alguém e de repente ouço uma voz dizendo: 'Eu conheço essa voz, é o homem das histórias'", conta Luciano em trechos emocionantes da resposta vencedora. ■

Fonte: Jornal Cinform, Ano 33, Edição 1735 de 11 a 17 de junho de 2016

Caderno Educação

ANEXO 2 – REPORTAGEM DE JORNAL



Fonte: Jornal Cinform, Ano 35, Edição 1779 de 15 a 21 de maio de 2017

Caderno Cultura

ANEXO 3 – REPORTAGEM DE JORNAL

DIA DO LIVRO INFANTIL

No dia 18 é comemorado o Dia Nacional do Livro Infantil. Mais que um dia, a data evidencia a importância da leitura para o desenvolvimento e prazer da criança

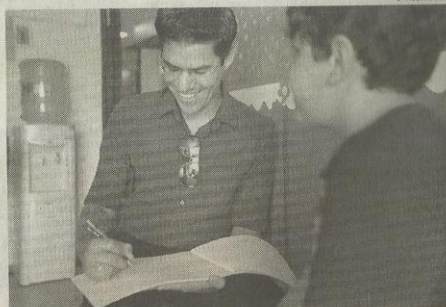
■ Aprender a ler está entre os grandes feitos nos primeiros anos de uma criança. Em comemoração a essa conquista, que influenciará o resto da vida do indivíduo, o mês de abril ganha destaque - afinal, é o mês do Livro Infantil.

Ao redor do mundo, o Dia Internacional do Livro Infantil, comemorado no dia 2, surgiu em alusão ao escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, autor dos clássicos "Patinho Feio", "Soldadinho de Chumbo", entre outros.

Já aqui, no Brasil, o dia 18, esta segunda-feira, é o grande dia. Dia Nacional do Livro Infantil, a data é uma homenagem ao escritor Monteiro Lobato, que, nascido neste dia, representa um dos mais lidos em várias gerações, a exemplo dos clássicos "Sítio do Picapau Amarelo" e "O Saci".

PROGRAMAÇÃO

Para agradecer os pequenos, a Biblioteca Infantil Aglaé Fontes promove, desde o início deste mês, uma vasta programação



Autor e leitor reforçam a importância e o prazer da leitura

voltada ao livro, como literatura através do teatro, encontro com escritores, contações de histórias e exposição temática. Tudo com o objetivo de aproximar ainda mais as crianças da leitura através da ludicidade.

Nesta segunda-feira foi aberta a Exposição Vida e Obra: Monteiro Lobato, que, até o dia 29, permitirá ao olhar interessado conhecer um

pouco da vida e obra do grande escritor através de cartazes com fotos e textos.

"Na segunda, 18, vamos trabalhar contação de lendas indígenas, em alusão também ao Dia do Índio, comemorado no dia 19", conta a presidente da Biblioteca Infantil Aglaé Fontes, Claudia Stocker, que é também escritora de livros infantis.

"A leitura é tudo na vida da pessoa. Desde o início, a criança deve ser estimulada à leitura. Eu escrevo sempre voltada para a contação de histórias, que é o início da leitura pela criança, a oralidade", conta Claudia. A leitura de lendas indígenas ocorrerá nos horários das 9h e das 15h, na biblioteca infantil.

ESTÍMULO

"Aprendi a ler com cinco anos. Já perdi as contas de quantos livros já li. O último livro foi 'Pintando o Amor com Tintas e Palavras'. O que mais chamou a minha atenção foi a tinta azul que contagiava as pessoas e dava felicidade", conta o leitor de 10 anos, Luiz Alberto Moura Araújo Filho.

O livro lido pelo pequeno Luiz Alberto é de autoria de Gustavo Aragão, um jovem escritor de literatura infantil em Sergipe. "É o meu oitavo livro dedicado às crianças. Eu comecei a escrever quando tinha ainda doze anos e publiquei o meu primeiro livro aos dezesseis. Desde então, não parei",

conta o autor, que traz na bagagem 16 anos de escrita literária e é o presidente-fundador da Academia de Letras de Aracaju.

Para ele, que tem alguns de seus livros adotados em escolas de ensino fundamental, a exemplo do "Os Encantos de uma Floresta", o estímulo da leitura na criança inicia antes mesmo de ela nascer.

"A leitura se inicia no ventre da mãe. Quando a mãe cultiva esse hábito da leitura enquanto gesta o seu filho, ele próprio já toma contato com esse universo. Já é uma forma de estímulo para a vida. Esse estímulo é em parte da escola, mas muito mais do compromisso que a família tem com esse universo mágico da palavra", conta Gustavo.

BIBLIOTECA INFANTIL

Aberta ao público em geral, a Biblioteca Infantil Aglaé Fontes funciona de segunda a sexta-feira, no horário de 8h às 17h. A biblioteca já tem um acervo com mais de 11 mil livros de literatura infantil e infantojuvenil, além de possuir a única gibiteca do Estado, com mais de 5 mil gibis. ■

Fonte: Jornal Cinform, Ano 33, Edição 1723 de 18 a 24 de abril de 2016

Caderno Cultura e Educação

ANEXO 4 – REPORTAGEM DE JORNAL

APRENDENDO SOBRE A FESTA

CARNAVAL NA BIBLIOTECA INFANTIL

Teatro de fantoches e bailinho de Carnaval promovem aprendizado das crianças sobre a Folia de Momo

■ A Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar - Biafa - está com uma programação especial para o mês de fevereiro. É o mês do Carnaval da Biafa, pensado e planejado para que os pequenos conheçam e brinquem nessa data tradicional do calendário festivo brasileiro.

Nesta semana haverá teatro de fantoches sobre o Carnaval e, na próxima semana, um Concurso de Fantasias vai garantir a brincadeira entre os pequenos.

Roberval e a Ritinha contarão a história do Carnaval e como ele acontece nos cantos do Brasil

TEATRO DE FANTOCHES

De segunda a sexta-feira desta semana, de 13 a 17 de fevereiro, a criançada vai poder assistir e interagir com o teatro de fantoches que apresentará o espetáculo "Alegria, Alegria! Chegou o Carnaval". "A história do Carnaval será contada por dois personagens de fantoche, que é o palhaço Roberval e a Ritinha. Eles vão contar sobre o que é o Carnaval, como ele acontece nas cidades e as diferenças que existem entre os Carnavais pelo Brasil afora", revela a diretora da Biafa, Claudia Stocker.

Aberto ao público em geral e com duração de aproximadamente vinte minutos, o espetáculo ocorrerá todos os dias desta semana, em dois horários: às 9h e às 15h. "Haverá um diálogo entre os personagens e eles vão interagindo com as crianças, fazendo perguntas, estimulando o compartilhamento de ideias e o conhecimento sobre o Carnaval", destaca a diretora. As escolas que quiserem levar seus alunos devem agendar a visita da turma com antecedência, através do telefone 3179-1965.

CONCURSO DE FANTASIA

E para que a brincadeira do Carnaval possa ser sentida pelos pequenos, na terça-feira da próxima semana, 21, às 15h, acontecerá o X Concurso de Fantasia Infantil da Biafa, na área externa da biblioteca. "Vai ser um bailinho de Carnaval e as fantasias fazem parte da brincadeira. Os pais fazem a inscrição antes, pelo telefone, dá o nome da criança, a idade e a fantasia. Qualquer criança de zero a doze anos pode se inscrever. Vamos ter jurados e os três primeiros colocados vão ser premiados. Mas todos vão ganhar livrinhos infantis também", conta a diretora da Biafa, Claudia Stocker. ■



Fonte: Jornal Cinform, Ano 35, Edição 1766 de 13 a 19 de fevereiro de 2017

Caderno Cultura

ANEXO 5 – REPORTAGEM DE JORNAL

8 | **CADERNO 1** **CIDADE** WhatsApp
E-mail: ouvic

SEMENTE DA LEITURA

Encontro de contadores agita final de semana literário. Evento promovido pela Biblioteca Infantil é composto por palestras, oficinas, debates, feira literária e contação de histórias

■ Pela sexta vez, o Encontro de Contadores de Histórias de Seripe colocará em evidência a arte da oralidade como ferramenta para o incentivo à leitura. Com o tema “Quem Conta Encanta e quem Escuta se Transforma”, o evento acontecerá desta sexta-feira a domingo, 18 a 20, na Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar - Biafa -, no auditório da Biblioteca Pública Epifânio Dória e no Parque da Sementeira.

A programação é composta por palestras, oficinas, debates, feira literária e atividades práticas de contação de histórias. Tudo sob o comando da Biafa, que promete nesta edição de 2016 um evento maior em comparação aos outros anos. Quem deseja participar pode se inscrever até o dia do encontro. A organização pede apenas um pacote de fralda geriátrica que será doado ao Lar de Idosos Nossa Senhora da Conceição - Same.

“Conseguimos várias parcerias. Teremos a presença de três contadores de história de outros Estados, que ministrarão oficinas e compartilharão conhecimentos”, afirma a diretora da Biafa, Claudia Stocker. Os três profissionais de contação



Claudia: “Contação de história é a base de tudo”

de fora são Alfredo Mourão e Danilo Furlan, ambos do Paraná, e Elisabete Pacheco, do Ceará.

FEIRA LITERÁRIA

O público-alvo é composto por profissionais vinculados às práticas literárias, culturais e educacionais. Contudo, é aberto a todos. “O evento é para quem gosta da oralidade. Psicólogos, bibliotecários participam, até mesmo pais e mães, principalmente das oficinas, para aprender a contar histórias para os seus filhos”, informa Claudia. Até a última sexta-feira, 11, 80 pessoas haviam feito a inscrição.

“A contação de história é a base de tudo. É onde começamos a inserir a criança no universo literário. Não podemos deixar isso morrer. Temos que levar essa oralidade até o resto das vidas. É muito importante para o futuro dos novos leitores”, destaca Cláudia.

Na feira literária do encontro, escritores de literatura infantil e infantojuvenil farão lançamentos de livros, a exemplo de “Pétalas”, de Antenor Aguiar, e “Bob não é Bobo”, de Marilene Costa. E, pelo Parque da Sementeira, haverá um piquenique literário a partir das 15h30. ■

JANAINA SANTOS

Fonte: Jornal Cinform, Ano 33, Edição 1718 de 14 a 20 de março de 2016

Caderno 1

ANEXO 6 – REPORTAGEM DE JORNAL

XA E MARLENE MATTOS
JORNAL DA CIDADE
VARIEDADES
EDITOR: Eugênio Nascimento
variedades@jornaldacidade.net

Biblioteca Pública Infantil de Sergipe celebra 43 anos de fundação

Unidade da Secult está há mais de quatro décadas inserindo pequenos cidadãos no mundo da leitura

Muitas pessoas acreditam que o gosto por algumas práticas começa ainda na infância. Nesse sentido, dar acesso aos livros e à literatura para crianças é uma tarefa importante, que pode mudar a realidade dessas pessoas para o resto de suas vidas. Fundada em 29 de outubro de 1974, a Biblioteca Infantil tomou forma e recebeu o nome de uma das maiores personalidades da cultura do Estado de Sergipe: a professora Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar.

A unidade, anexa à Biblioteca Pública Epifânio Dória e pertencente ao Governo do Estado, sob a batuta do então governador da época, Paulo Barreto de Menezes, tinha a missão de oferecer múltiplas possibilidades de leitura, entretenimento e pesquisa ao público infantil e infanto-juvenil, levando-os a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo.

Em 1985, a Biblioteca Pública Infantil Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar foi desvinculada da Biblioteca Pública Epifânio Dória, porém, por conta da Lei Federal nº 6.454, de 1977, que proíbe a homenagem a pessoas em vida em logradouros e outros bens públicos, a Biblioteca precisou ter o nome da Professora Aglaé Fontes retirado. Sendo assim, atualmente a Biblioteca passou a adotar o nome de Biblioteca Pública Infantil de Sergipe.

Ao longo dos anos, a Biblioteca Infantil construiu um acervo de quase 12 mil livros nos campos da literatura infantil e infanto-juvenil, incluindo títulos de autores nacionais e estrangeiros, como Coleções de Monteiro Lobato, Disney, Irmãos Grimm, Andersen, muitas Fábulas, Contos e Lendas, livros de autores sergipanos, acervo infantil em Braille, Literatura de Cordel, 4.300 revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, super-heróis, Asterix, Turma do Pererê, Mangá e HQs da década de 60 até os dias atuais.

Além do acervo de livros, a instituição sempre proporcionou momentos de lazer e aprendizado para seu público. Diversas oficinas são oferecidas até hoje e capacitam estudantes, professores e os pais das crianças que frequentam o espaço. "Desde 2007, a Biblioteca Infantil conta com o projeto 'Aprender e Capacitar', por meio do qual oferecemos cursos para a comunidade. Sempre somos cobrados por isso, pois acreditamos que só teremos êxito no repasse de conhecimento para as nossas crianças se tivermos projetos que capacitem seus genitores e professores", explica a atual diretora da Biblioteca Infantil, Cláudia Stocker. A unidade já ofertou cursos de Arte de Contar Histórias, Teatro, Reciclagem de Materiais, Confeção de Bonecos, Desenho, Pintura, Colagem e Criação Literária.

O trabalho desenvolvido pela biblioteca tem sido bastante valorizado pela comunidade sergipana. Nos últimos 10 anos, 58.506 crianças passaram pela unidade, seja lendo, visitando ou participando das diversas atividades promovidas pelo local. No ano de 2017, houve um aumento superficial em relação ao último ano, graças à atualização e aumento do acervo da biblioteca e os trabalhos desenvolvidos pelos profissionais que ali estão.

"A Biblioteca Infantil é um exemplo claro de trabalho realizado pelo amor daqueles que atuam ali. Desde que chegamos à Secult vemos o esforço de todos que fazem a pasta, e na Biblioteca Infantil não é diferente. As atividades são constantes e envolvem tanto as crianças como seus pais, e isso nos deixa muito contentes em ver como esse trabalho tem um reflexo positivo na vida de quem passa por lá", analisa o secretário de Estado da Cultura, João Augusto Gama.

No próximo ano, o prédio da Biblioteca Infantil, assim como o da Epifânio Dória, irá passar por uma reforma estrutural, com adequações no seu sistema hidráulico, elétrico, de refrigeração, além de receber uma mobília nova. A reforma foi viabilizada pelo Governo de Sergipe a partir de uma parceria com a empresa Centrais Elétricas de Sergipe (Celse), que irá construir uma termelétrica a gás na Barra dos Coqueiros.

Contação de Histórias
Considerada a atividade mais conhecida da Biblioteca Infantil, a Contação de Histórias leva para as crianças um jeito diferente de participar da literatura. Os "tios" interpretam as histórias em forma de teatro, brincadeiras e até com desenhos feitos simultâneos à Contação, fazendo com que os pequenos interajam com eles.

A contadora de histórias Osaneide Rosa participa do projeto há quatro anos e salienta a relevância do trabalho no processo intelectual das crianças que visitam o espaço. "Minha primeira experiência com a contação de histórias foi no curso de Biblioteconomia. A partir daí comecei a despertar para continuar nessa área, pois tinha muita vontade de formar futuros leitores através do meu trabalho. O mais interessante de trabalhar na Biblioteca Infantil é que as portas se abrem. Hoje, tenho contato com outros contadores de histórias e professores e já posso me considerar uma instrutora de oficinas", comemora.

Outras atividades
Algumas datas comemorativas costumam ganhar destaque nas atividades da Biblioteca Infantil. Entre elas, destacam-se o Mês do Folclore, Dia das Crianças, Dia do Livro, Carnaval, entre outras. Uma das atividades de grande destaque também na unidade é o concurso de fantasias. O projeto acontece sempre no período de carnaval e já está na décima edição. Na ocasião, a turma da biblioteca relembra músicas e mostra as antigas tradições carnavalescas aos pequenos. O concurso é dividido em duas categorias, favorecendo crianças até quatro anos de idade e maiores de cinco anos.

Cícero Lopes participou dos primeiros carnavais da Biblioteca e também foi leitor destaque por cinco anos seguidos. "As idas à Biblioteca Infantil me ajudaram bastante a ser criativo e desenvolver pensamentos críticos sobre a vida. O gosto pela leitura me transformou no cara que sou hoje", disse o estudante. Atualmente, Cícero é ator de grupos de teatros e está no ensino médio escolar.

ArquivoSecult

BIBLIOTECA foi fundada no dia 29 de outubro de 1974, o registro foi um dos primeiros feitos assim que começou as atividades

CINEMARK MANIA
O PROGRAMA DE VANTAGENS
A MELHOR FORMA DE ENTERTAINMENT

Fonte: Jornal da Cidade – 29 a 30 de outubro de 2017 - Caderno Variedades

ANEXO 7 – REPORTAGEM NA WEB

Biblioteca Infantil Aglaé Fontes comemora 40 anos

Cotidiano 29/10/2014 11:01

Por Elisângela Valença

Com um acervo de mais de 10 mil livros infantis e infanto-juvenis e uma gibiteca com mais de 4.500 obras, da década de 1960 aos dias atuais, incluindo mangás, a Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar (BIAFA), em Aracaju (SE), comemora hoje 40 anos formando pequenos leitores.

Segundo a diretora Claudia Stocker, além dos livros, na casa se pode encontrar várias atividades que atraem e mantêm a criançada, como contação de histórias, encontro com autores, entre outras. “A biblioteca não é apenas um espaço de aprendizado, é também um espaço de lazer e é o lúdico que atrai a criançada”, comentou.

E é o lúdico que mantém uma frequência mensal de cerca de 400 crianças na BIAFA em plena era digital. “A criançada lê muito, lá nos dispositivos digitais, mas mantêm a relação com o livro físico”, disse Claudia.

Segundo ela, a maioria das crianças chega ao local em visitas escolares, mas começam a ir com os pais e, à medida que vão ganhando independência, prosseguem indo sozinhas.

“Hoje, a biblioteca já está pequena para nossas atividades e o tamanho do nosso público. É preciso uma ampliação para receber melhor a criançada e entrar com o material digital”, comentou a diretora.

Gabriela Gomes dos Santos Soares, de 8 anos, é uma das crianças que compõem o público da BIAFA. “Aqui a gente pode ler, conhecer histórias, brincar e aprender”, disse a pequena leitora. “Eu já escrevi mais de dez histórias e quero publicar um livro com elas quando eu tiver 14 anos”, acrescentou.

Fonte: http://www.f5news.com.br/cotidiano/biblioteca-infantil-aglae-fontes-comemora-40-anos_17385/

ANEXO 8 – REPORTAGEM NA WEB

entretenimento

14/11/16 | 09:44h (BSB)

Biblioteca Infantil Aglaé Fontes divulga programação de novembro

clique para ampliar



A Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar preparou uma programação especial, que acontece até o dia 29 de novembro. Neste período serão realizadas atividades como roda de conversa, contação de histórias e oficina de bonecas. Além disso, o público ainda poderá participar da “Caçada aos Pokelivros”, ação promovida durante todas as terças-feiras do mês.

Programação de novembro:

Todas as terças-feiras - Caçada aos Pokelivros

Obs: Crianças a partir de 06 anos

Horário: às 9h e às 15h

07 a 11 de novembro – Histórias de visagens e assombrações

Horário: 09h e 15h

14 de novembro – Roda de Conversa e contação de histórias com Matheus Luamm sobre a Escritora Maria Clara Machado

Horário: 09h e 15h

16 a 18 de novembro – Semana Pátria Minha – Nossas Bandeiras

Horário: 09h e 15h

Em comemoração ao dia 15 de novembro, Proclamação da República, a biblioteca irá promover, também, de 16 a 18 de novembro, algumas práticas no projeto “Semana Pátria Minha- Nossas Bandeiras”. Já entre os dias 21 e 25 de novembro, a homenagem é para o Dia da Consciência Negra, com a realização da “Semana de Contos Africanos”. A programação encerra dia 29, com oficina para a confecção de bonecas Abayomi, criadas na época da escravidão.

Escolas e grupos interessados em agendar visitas na Biblioteca Infantil Aglaé Fontes de Alencar podem entrar em contato pelo telefone (79) 3179 - 1965. O espaço cultural fica em anexo a Biblioteca Pública Epifânio Dória, localizada na rua Villa Cristina s/n, no bairro 13 de Julho, em Aracaju.

21 a 25 de novembro – Semana de Contos Africanos

Contações de histórias e mediação com a turma da biblioteca

Horário: 09h

24 de novembro – Contação de histórias com Joluzia Viana

Horário: 15h

25 de novembro – Contação de histórias com Anna Souza

Horário: 15h

29 de novembro - Oficina de bonecas Abayomi, com Mony Grazielle

Obs: Crianças a partir de 06 anos

Horário: 09h

Fonte: <http://napolitica.com/34946/biblioteca-infantil-aglae-fontes-divulga-programacao-de-novembro>

ANEXO 9 – REPORTAGEM NA WEB

ACONTECE NO GACC

Usuária do Gacc lança seu livro na Biblioteca Infantil Aglaé Fontes



Na tarde de ontem, a escritora Sophia Melquíades, de 8 anos, participou da programação de Janeiro da Biblioteca Infantil Aglaé Fontes com o lançamento do seu primeiro livro intitulado “O Segredo da Flor”. Sophia é usuária do Gacc e luta contra uma anemia falciforme.

O Encontro contou ainda com a participação especial do Grupo Prosarte de Contadores de História. Os exemplares ficaram disponíveis para compra na Biblioteca durante o dia de ontem e continuam à venda na Casa de Apoio do Gacc pelo valor de R\$10,00 reais. Segundo Sophia, a história é sobre uma flor que queria saber mais do que Deus, mas que acaba aprendendo uma lição muito importante.

O livro recebeu o apoio da escritora e contadora de história Telma Costa e o lançamento oficial aconteceu no dia 18 de dezembro, na Livraria e Papelaria Dom Bosco.

Fonte: <http://www.gacc-se.org.br/noticia/345/usu-ria-do-gacc-lan-a-seu-livro-na-biblioteca-infantil-agla-fontes>

ANEXO 10 – Agradecimento da BICEN – Biblioteca Central da UFS que recebeu 4 exemplares do livro publicado como doação

